KRISHNAMURTI

UMA NOVA MANEIRA DE AGIR

cultrix

UMA NOVA MANEIRA DE AGIR

KRISHNAMURTI

O presente volume reúne o texto de doze conferências pronunciadas por Krishnamurti em Nova Deli e Varanasi, na Índia, versando uma fascinante gama de assuntos, a saber: uma nova maneira de agir; viver sem esfôrço; a questão de aprender; a compreensão do mêdo; o tempo, a morte e o amor; o que é meditação; o que é vida religiosa; a transformação da mente; a madureza; a idéia e o fato; a essência do amor; a questão do tempo

EDITORA CULTRIX

J. KRISHNAMURTI

★

UMA NOVA MANEIRA DE AGIR

Tradução de
Hugo Veloso

EDITORA CULTRIX
SÃO PAULO

ÍNDICE

NOVA DELI I

Uma nova maneira de agir 7

NOVA DELI II

Viver sem esfôrço 18

NOVA DELI III

A questão do aprender 30

NOVA DELI IV

A compreensão do mêdo 42

NOVA DELI V

O tempo, a morte e o amor 55

NOVA DELI VI

O que é meditação 67

NOVA DELI VII

O que é vida religiosa 78

VARANASI I

A transformação da mente 89

VARANASI II

A madureza 105

VARANASI III

A idéia e o fato 119

VARANASI IV

A essência do amor 134

VARANASI V

A questão do tempo 146

NOVA DELI I

Uma nova maneira de agir

Um dos nossos maiores problemas é a comunicação. As palavras têm importante função em nossa vida. Sem elas, não podemos comungar ou comunicar-nos uns com os outros. Temos de empregar palavras, mas cada palavra tem diferente significado para cada um de nós; tanto mais ainda quando a palavra é um pouco abstrata, requerendo mais penetração, mais clarividência. Entretanto, infelizmente, satisfazemo-nos muito fàcilmente com palavras superficiais, porquanto tôda a estrutura de nosso pensar está baseada em palavras. E se não se compreende o significado de cada palavra, principalmente quando se estão considerando formas sutis, psicológicas, do comportamento e do pensamento humano, torna-se dificílimo estarmos realmente em comunicação uns com os outros.

Assim, para podermos estar realmente em comunhão — ou seja, participar numa coisa, todos juntos — necessário é compreender-se a construção verbal, a palavra. Têm as palavras importante função em nossa vida; entretanto, mal tomamos conhecimento delas. Palavras, como hinduísta, muçulmano, Deus, marido, govêrno, socialismo, comunismo — estão "carregadas" de significado. Para podermos examinar as questões relativas ao conflito, aos problemas humanos, temos de compreender as palavras. Temos de ultrapassar a construção das palavras, e esta parece ser uma das nossas principais dificuldades. Porque, nestes nossos "discursos", "palestras", ou como quer que se chamem, não iremos apenas usar palavras — já que elas são necessárias — mas também tentar, se possível, comungar naquelas coisas que

não estão contidas nas palavras. A palavra é estática, tem determinado significado, de acôrdo com o dicionário; mas nós interpretamos a palavra de acôrdo com nossa estrutura emocional, psicológica, de acôrdo com nosso temperamento, nossas pressões imediatas, nosso condicionamento. Mas, para comungarmos, devemos, não só compreender as palavras, mas também participar naquilo que está contido na palavra e, contudo, não é a palavra. E esta parece ser uma das nossas maiores dificuldades, porque, infelizmente, não escutamos tôdas as palestras.

É importante que vós e eu nos mantenhamos em comunhão. Mas, em verdade, não sabemos o que significa "comungar". Jamais comungamos com alguém. Tratamos juntos de um assunto, mantemos conversas, idéias, opiniões, a estrutura verbal dos conceitos; mas nunca comungamos a respeito de coisa alguma. Estou bem certo de que nunca estivestes em comunhão com a natureza. Nunca estivestes em comunhão com vossa espôsa, vossos filhos, vossos amigos. Comungar é *participar*, não verbalmente, porém penetrando muito profundamente; é estarmos ativos, juntamente: não vós na passiva e o orador na ativa, porém penetrando juntamente além das palavras e, conseqüentemente, em comunhão. A comunhão requer uma certa estabilidade, uma certa clareza — mas não de opinião; requer clareza pura e simples, para vos verdes exatamente como sois, observardes a situação mundial, não do ponto de vista de vossa ficção, nacionalidade classe, porém observar todos os problemas do homem, no Ocidente, no Oriente, onde quer que êle esteja. E observar o problema é *comungar* com o problema. Nenhuma possibilidade tendes de comungar com o problema, se nutris opiniões, se estais convencidos de que isto "é assim" e aquilo "não é assim", se estais todo imbuídos de nacionalidade, todo enredados na política; dessa maneira não podeis, de modo nenhum, comungar com o problema, em qualquer nível que seja.

Temos numerosos problemas, problemas imensos que não podem ser resolvidos por ninguém senão por vós mesmo; e isso requer, não só a compreensão real do problema, mas também que se esteja em comunhão com êle. Não sei se alguma vez tentastes estar em comunhão com alguma coisa. Se sois um grande pintor e desejais pintar uma árvore, deveis estar em comunhão com a árvore. Não deve haver espaço entre vós e a árvore; na-

turalmente não se requer que vos identifiqueis com a árvore, porém, sim, que não haja nenhuma barreira entre vós e aquilo que estais observando e pintando, aquilo com que estais em comunhão. Quer dizer, vós, como entidade, deveis estar totalmente ausente, para estardes em comunhão com a árvore. Estar em comunhão com a natureza, com a montanha, com uma paisagem, com um ente humano, requer extraordinária atenção e altíssima sensibilidade; de outro modo não podeis comungar.

Como vamos considerar tantos problemas durante estas palestras, vós deveis tomar parte ativa nisso; não vos cabe meramente escutar o orador, porém tomar parte ativa em tudo o que se está dizendo, sem concordar, nem discordar. Não podeis tomar parte numa coisa, participar numa dada coisa, se dizeis: "Gosto de vós" ou "Não gosto de vós". Deveis examinar criticamente o problema, tomar conhecimento de tudo o que êle implica. Deveis questionar, duvidar, criticar, penetrar. Isso significa que deveis manter-vos ativos, participando com o orador, em comunhão com êle, a respeito do problema. A maioria de nós não sabe o que significa estar em comunhão com uma certa coisa, porque isso requer um coração aberto, uma mente lúcida, uma certa "hesitação", sensibilidade; tudo isso nos falta. Andamos tão cheios de opiniões, de juízos, tão carregados de coisas já sabidas; e com tôda essa carga precipitamo-nos no presente; por esta razão nunca compreendemos o problema, nunca estamos íntima, profunda, completamente em contato com o problema.

Assim, se tiverdes a bondade de escutar com aquela atenção que é *participação*, não estareis apenas ouvindo o orador, mas, ativa e dinâmicamente, estareis penetrando os problemas que estão avassalando o mundo, principalmente neste país. Como vamos considerar êsses problemas, a êles deveis chegar-vos com sensibilidade, "hesitação", com a capacidade de questionar, interrogar, exigir, pesquisar. E isso não podeis fazer, se dêles vos aproximais com conceitos, com opiniões, com o conhecimento que a seu respeito já acumulastes. Necessitais de uma nova.

Vamos falar a respeito dessas coisas, não por fôrça de hábito — pois, em verdade, não gosto muito dêsse gênero de palestra; não se trata de um hábito que de mim se apossou e me põe a andar de terra em terra; mas percebo os problemas atualmente

existentes no mundo, as agonias, os desesperos, a miséria, os conflitos, o infinito sofrimento do homem, o terrível veneno do nacionalismo, as desavenças raciais, a intolerância religiosa, os inumeráveis deuses — tôdas as coisas que estão alquebrando o coração do homem. Tudo isso está à vossa frente. E vamos simplesmente seguindo nosso caminho, indiferentes, com nosso tédio e um vago sentimento de desespêro, e presos dentro dessa rêde. Se pudermos, com facilidade, com felicidade, com uma certa intensidade, estar em comunhão, seremos então talvez capazes de compreender o problema, resolvê-lo e transcendê-lo. Como dizíamos, temos muitos problemas não só neste país, mas também no mundo inteiro. E quando se vem a êste país, após um certo tempo, bem visível se torna o declínio nêle existente. Não parece que se está cônsio dêsse declínio — declínio moral, mental, emocional, artístico, criador, o declínio dessa coisa chamada religião, a enorme superstição, a estupidez da chamada mentalidade religiosa, a incessante repetição das coisas ditas no *Gita* ou por alguém, e o desejo de fugir do presente para o passado.

Estais, pois, vendo essas coisas. Não considero muito importante entrar em minúcias a respeito delas. Talvez o façamos; mas o importante é isto: É possível à mente humana, desenvolvida através de dois milhões de anos, escravizada a certos hábitos, a um certo ritmo, libertar-se de tudo isso e criar para si própria uma diferente mentalidade, uma nova maneira de ação? É disso que se necessita. Nas ciências, no mundo artístico, no mundo da política, e também no mundo religioso, podemos ir seguindo como estamos, melhorando aqui e ali — com uns arremedos de liberdade aqui, uns arremedos de prosperidade ali, um melhor govêrno, mais corrupção ou menos corrupção — declínio do pensamento, declínio do sentimento profundo, geral indiferença. E, no mundo científico, observa-se que os cientistas possuem umas poucas chaves que abrem as portas; êles estão sempre a mover-se no sentido *horizontal,* com essas chaves, e a transpor aquelas portas; mas mui poucos perguntam: É possível uma "explosão" em sentido vertical, em vez de um movimento horizontal? Observa-se hoje em dia, no mundo, muita prosperidade, principalmente no Ocidente, da qual mal temos idéia aqui neste país — agitada e intensa prosperidade, dinheiro, casas, boa alimentação, museus, teatros, cinemas, e sensações. Aqui, nada disso conhecemos;

aqui, não pulsa em nós uma vida nova, nem sequer no mundo das finanças. Observa-se, assim, que cada um pode ir continuando indefinidamente pelo mesmo caminho, tornando-se um pouco mais próspero, um pouco menos corrupto, tendo um govêrno melhor, com ministros um pouco mais inteligentes, com uma melhor burocracia, lendo livros melhores, etc. etc. Podemos ir seguindo, indefinidamente, a linha horizontal, sempre melhorando, mudando, numa escala inferior; mas, dessa maneira já vivemos há dois milhões de anos. Não sei se lêstes ou ouvistes dizer que os cientistas, os antropologistas descobriram que o homem vive há dois milhões de anos e ainda não resolveu o seu problema. Após tão longo tempo, continua a sofrer, continua a ter mêdo, continua na agonia do desespêro, em irremediável confusão, e por êsse caminho poderá continuar indefinidamente.

Penso que é preciso ver isso, questionar isso, *sentir* êste problema: vós, como ente humano que vive há dois milhões de anos, não resolvestes o vosso sofrimento; não estais livre de vossos deseperos, não estais livre dessa coisa extraordinária chamada "a morte"; nada tendes de criador, em vossa vida. Estamos agrilhoados ao tempo, agrilhoados à nacionalidade, à família, às inumeráveis formas de corrupção que nos cercam; e vivemos nessas condições, nelas crescemos, sofremos, e morremos, na esperança de uma futura felicidade num outro mundo, ou de voltar a êste, ou acalentando uma certa e vaga esperança, oriunda de nosso desespêro; e vivemos a citar determinado livro religioso, como se fôsse êle a realidade suprema. Assim são nossas vidas. Cumpre-nos, pois, estar muito vigilantes, estar em comunhão com tudo isso; e, assim, talvez possamos "explodir", porque é disto que se necessita, de uma mente nova, uma nova forma de pensar, uma nova maneira de agir, uma nova vida de relação. Porque a vida é movimento e relações; e ela exige de nós extraordinária vigilância, que nunca estacionemos, nunca nos estabilizemos por um momento sequer, e aí fiquemos ancorados. A vida é movimento infinito. Se não se compreende êsse movimento, o indivíduo permanecerá no sofrimento.

A questão principal, portanto, é esta: Como pode a mente, vossa mente — e não uma mente abstrata — como pode vossa mente, que vive num mundo de confusão, de desdita, de opressão,

de pobreza, em que a autoridade, investida de tremendos podêres, está destruindo a mente; como pode essa mente, que é o resultado da influência de dois milhões de anos de ambiente e de condicionamento — como pode essa mente "explodir" e descobrir algo nôvo, não no sentido horizontal, porém no sentido vertical? Êste é que é o verdadeiro problema, e não se há Deus, se se deve crer nisto ou naquilo; isso vem muito depois. Para descobrirdes a realidade, deveis deixar de funcionar horizontalmente, quer dizer, deveis libertar-vos de vosso ambiente. A êste respeito falaremos mais tarde. Assim, o problema principal que temos à frente é êste: Podemos continuar a viver como estamos vivendo, por outros dois milhões de anos, e mais, ir à Lua, descer dez milhas abaixo da superfície do mar, ou permanecer debaixo do mar por um mês ou dois, dentro de cavernas — conforme se está experimentando — e continuar indefinidamente nas garras do sofrimento? É êste "o caminho da vida", ou há uma nova maneira de viver? Temos de viver *realmente,* e não de acôrdo com alguém, de acôrdo com o orador, de acôrdo com uma fórmula, de acôrdo com uma idéia ou ideal, com um padrão; tôdas estas coisas já fizemos e elas nos trouxeram aonde nos achamos.

Assim, pois, deveis perguntar a vós mesmo se tendes possibilidade de desligar-vos disso completamente, desligar-vos do passado, para começardes de maneira nova, *sem saber.* Porque o saber, ainda que importante num certo nível — pois em tal nível precisamos dêle, do saber técnico, de certas lembranças essenciais — o saber é um empecilho à "explosão" da nova era. Nosso problema, portanto, é êste: Pode a vossa mente — tende a bondade de escutar, *não* verbalmente, porém observando vossa própria mente, quando se vos faz esta pergunta — pode a vossa mente, que tanta erudição, tantos conhecimentos adquiriu, pôr de lado o saber? Sabendo que a memória, o conhecimento, é importante, num certo nível, é ela capaz de pôr de lado êsse saber, para observar, explorar o que é nôvo? Os pintores, os músicos, os cientistas, estão em busca de algo nôvo. A chamada pintura modernista, a pintura abstrata, representa essa busca do nôvo; mas o nôvo não pode coexistir com o velho. Não querem largar o velho, mas estão sempre a pelejar para descobrir algo nôvo — uma nova maneira de expressão, música nova, pintura nova, um nôvo método de investigação.

Deveis, pois, fazer-vos esta pergunta fundamental: Pode a mente, a vossa mente, libertar-se do passado, não no tempo, não amanhã, não daqui a dez anos? Isso só pode ser feito imediatamente, ou nunca! Deveis saber, senhores, que necessitamos de uma operação cirúrgica, necessitamos de uma enorme mutação — não de uma revolução, porém de mutação completa — de nossa mente, de nosso ser, ainda de natureza animal, pois somos o resultado do animal. Grande parte de nosso cérebro é ainda animal; o animal é ávido, ciumento, medroso, ansioso, inseguro, competidor. Têm-se feito experiências com animais, verificando-se tôdas essas coisas. Somos muito semelhantes ao animal, em nosso comportamento, embora nos demos a aparência de estar em busca disto e daquilo, do super-humano, etc. Mas não estamos. Uma grande porção de nós é ainda animal; e, a menos que funcionemos de maneira completa, que nos livremos do animal em nós, continuaremos por mais dois milhões de anos a sofrer, em desepêro, em agonia, inventando filosofias sem nenhum valor para nossa existência diária, e buscando Deus, porque, em nosso coração e em nossa mente, temos mêdo.

Êsse, portanto, parece ser o problema principal. Pode a mente — nossa mente, vossa mente, que está sendo condicionada há dois milhões de anos — atenção: condicionada! — moldada e impiedosamente refreada por vossa sociedade, por vossos sacerdotes, por vossos políticos, por vossos economistas, por vossas atividades sociais; refreada por vossa família — pode essa mente atuar sôbre si própria, desligar-se completamente do passado e descobrir, por si mesma, que extraordinária mutação é essa que se faz necessária para resolver os nossos problemas? O que cumpre fazer — sôbre isso falaremos; veremos, *em comum,* como produzir essa mutação; entraremos nesta questão, passo por passo; mas, vós deveis estar em comunhão comigo. Não podeis ficar sentado aí, escutando, concordando ou discordando, dizendo que isto está certo e aquilo errado, e sentindo mêdo. Nesse caso, vós e eu não estaremos em relação, não estaremos em comunhão. Estareis apenas ouvindo outro falar, e isso nada significa.

Assim, em primeiro lugar, devemos perceber êsse enorme problema, ou seja, que o homem dividiu a Terra em nacionalidades, em diferentes governos, e por isso sofre econômicamente. Há a divisão das nacionalidades. Na Europa, atualmente, se despre-

za o nacionalismo; êle nada significa para o intelectual, o homem que nêle reflete; mas, aqui, estamos com êle em ebulição. Êste país é tido por muito antigo e cheio de sabedoria; o que se entende por sabedoria é "estar cheio de palavras". O mundo foi dividido em nacionalidades, em esferas econômicas, em esferas de poder. E há as divisões da religião — hinduísta, muçulmana, budista, cristã, católica, *Zen* — e por tôda a parte superabundam os *gurus*. Trata-se, pois, de vosso problema. Não podeis deixar de dar-lhe atenção, pois tendes de resolvê-lo. A êle deveis dedicar vossa mente, vosso coração, todo o vosso ser; do contrário, continuaremos, por mais dois milhões de anos, a sofrer, a padecer, e a entrematar-nos.

A primeira coisa, pois, que deve ser compreendida é que *vós mesmo* tendes de resolver o problema, e ninguém mais; vós é que sois responsável, e não outro, vosso govêrno, nem os políticos (êstes, afinal de contas, são uns pobres coitados) nem os sacerdotes, nem os *gurus,* nem os livros sagrados, nem os instrutores, nem vossos deuses e templos. Vós, que sois o resultado de dois milhões de anos, vós, que tendes sofrido, que estais sofrendo, que vos achais em desespêro, que viveis em perene busca, a rogar, a pedir que se vos diga o que deveis fazer — *vós* deveis despertar, tornar-vos um indivíduo, um indivíduo capaz de perceber claramente o problema e dêle se libertar. Sabeis que isso não exige coragem. Quando vêdes muito claramente uma coisa, logo agis; não podeis deixar de agir. Só quando não vemos as coisas claramente, falamos de coragem e de ação. Quando vêdes com tôda a clareza uma serpente venenosa, agis imediatamente. O agir não exige coragem; só exige clareza de percepção, clareza de visão. E não podeis ter clareza de percepção se estais meramente enredado em palavras, em frases, em crenças, em dogmas, nessa estultícia que se chama "ciência moderna", e com um tamanho acervo de superstições e dogmas religiosos. Assim, deve cada um perceber, por si mesmo, a importância de sua própria conduta, de sua própria clareza de percepção; sentir-se, cada um, enormemente responsável por si próprio. Deve ficar bem assentado e claro, entre vós e mim, que eu, o orador, não estou oferecendo outro padrão, outra fórmula de comportamento; porque, assim, estaríamos de nôvo na velha e estúpida relação de "instrutor" e "seguidor", a qual é de efeitos mortais. Mas, se vós e eu, esti-

vermos realmente muito empenhados em comungar a respeito do problema, então poderemos andar juntos; poderemos então discutir, e desejo salientar os importantes fatôres existentes atrás de tudo isso; porque, se pudermos ficar livres do mêdo, o problema estará completamente resolvido. E o orador não irá explicar "como seguir", mas, sim, mostrar como podeis, por vós mesmo, começar a desembaraçar-vos completamente do mêdo. Isso é possível.

Então, a questão é esta: Sabeis o que significa não ter mêdo? Já tentastes alguma vez, em espírito, saber o que significa existir sem mêdo nenhum? A mente se torna então extraordinàriamente lúcida. E quando a mente está muito lúcida, atua no sistema nervoso; não há doenças psicossomáticas; então o corpo inteiro, a mente, tudo funciona muito claramente; não sois então apenas mecânicamente eficiente; podeis dar tôda a vossa atenção ao que estais fazendo; com a mente, estais vigilante. Talvez possamos apreciar êste assunto no próximo domingo, considerar esta questão do mêdo, de nos livrarmos dêle realmente, e como empreender êsse trabalho.

Agora, temos de compreender, vós e eu, que estamos em comunhão; que não há aqui nenhuma autoridade, porque a autoridade, em qualquer forma, é destrutiva. Aceitais a autoridade porque tendes mêdo. Se não houvesse mêdo, não iríeis ao templo, não olharíeis para um sacerdote, não haveria *guru* — nenhuma dessas futilidades existiria. Seríeis um homem livre, para observar, investigar, inquirir, interrogar, exigir, mover-vos. Assim, a primeira coisa que se deve compreender, parece-me, é que o mundo se acha num contraditório estado de caos, de confusão, que ninguém, senão vossa própria atividade, é capaz de resolver; ninguém: nenhum político, nenhum *guru,* nenhum instrutor, nenhum livro. Sois responsável por tudo, e em vós é que deve verificar-se a "explosão". Esta completa mutação deverá produzir uma transformação, e tal mutação não é uma fórmula. Sabeis o que entendemos por "mutação"? Há duas coisas importantes na vida: mudança e mutação. Mudança implica a continuidade do que *foi,* modificado ou ampliado ou alterado. Mudança implica um movimento do conhecido para o conhecido, modificado. É isso o que entendemos por mudança. Reformo minha casa,

mudo minha maneira de pensar, porque desejo passar do que sou para algo que já conheço — o que representa uma continuidade modificada do que *foi*. É só isso o que interessa à maioria de nós: mudança. Mas, estamos falando de coisa inteiramente diferente, que nada tem que ver com mudança. Mudança é processo do tempo. Hoje sou *isto*, e, se atuar em mim mesmo, serei *aquilo* amanhã. No intervalo entre hoje e amanhã, pelo exercício da vontade, graças às circunstâncias, às influências, me tornarei *aquilo*. Quer dizer, durante o intervalo de tempo opera-se a mudança. Essa mudança já é *conhecida* e, por conseguinte, não é mutação. A mutação é coisa que não pode ser conhecida; porque, se já é conhecida, é apenas mudança. Vêde, por favor, a importância que isto tem. A mutação é uma dimensão totalmente diferente; e, por conseguinte, deveis ter olhos diferentes, um diferente coração, uma mente diferente — uma mente tôda diferente, e não uma mente "mudada".

Assim, pois, estamos falando de uma mente capaz de servir-se do conhecimento, sem ser escrava do conhecimento; uma mente vazia e, por conseguinte, criadora. Porque os próprios cientistas, com alguns dos quais temos conversado, perguntam se a mente pode em algum tempo estar vazia. Porque percebem que só do vazio pode provir uma coisa nova, e não da mente que está "carregada", condicionada, etc. O nôvo não é condicionado pelo velho. O nôvo não é reconhecível pelo velho. Não considerarei êstes pontos agora, nesta primeira palestra, porque provàvelmente tal exame iria tornar-se demasiado abstrato e difícil. Mas pode-se ver, pode-se talvez apreender verbalmente o que significa ter uma mente não carregada de conhecimento, não carregada de tôda a esperiência humana. Porque, se a mente não está vazia, é mecânica; só repete. Só dêsse vazio extraordinário, vigilante, sensível, pode provir o nôvo. O nôvo — se se pode usar esta palavra — é Deus; mas não é realmente Deus, porque tanto se tem abusado da palavra "Deus", que ela nenhuma significação tem; tornou-se uma fórmula, um conceito, produto do desespêro. Mas, é naquela mente vazia que pode ocorrer a criação; só nela pode existir o amor. Não sabemos o que significa o amor; sabemos o que significa sensação, sabemos o que significa sexo; porque o amor não pode estar onde existe o ciúme, o amor não é resultado do ciúme, não conhece o ciúme.

O momento não é oportuno para falarmos sôbre tudo isso, já que esta é a primeira palestra. Vós e eu temos, pelo menos, de estabelecer uma relação verbal. Temos ainda seis palestras. Durante elas, espero possamos estabelecer um estado de relação, não a relação de ouvinte e orador, porém aquela que consiste no encontro de duas mentes, duas mentes que refletiram, que investigaram, que buscaram, interrogaram, exigiram, duvidaram, e despertaram. Só assim poderemos encontrar-nos num terreno completamente nôvo, porque, em virtude dessa coisa nova, ou nela, não existem problemas; e aí se encontra a imensidão da beleza. Só então compreenderemos o que ela é; e, talvez, funcionaremos então do desconhecido para o conhecido.

Nova Deli, 21 de outubro de 1964.

NOVA DELI II

Viver sem esfôrço

DISSEMOS que nesta tarde íamos falar sôbre o mêdo. Mas, antes de entrarmos nesta matéria, precisamos compreender várias coisas. Não estou empregando a palavra "compreender" no sentido de entender verbal ou intelectualmente. Uma das coisas mais difíceis é compreender algo. Em geral, quando enpregamos a palavra "compreender", isso significa, para nós, que se entende o sentido da palavra, ou seja que compreendemos intelectualmente, verbalmente; ou não compreendemos, porque opomos ao que ouvimos nossas opiniões, nossos conhecimentos, nosso julgamento. A compreensão, por conseguinte, se torna um problema dificílimo, porque nunca estamos em direto contato com nenhuma questão ou problema. Abeiramo-nos do problema, ou verbalmente, intelectualmente, ou em conformidade com uma fórmula; por conseguinte, nunca nos pomos diretamente em contato com o problema; e, assim, nunca chegamos a compreender o problema.

Ora, ao empregarmos a palavra "compreender", deve estar bem claro para nós o que estamos entendendo por essa palavra. Não se trata de compreensão verbal ou intelectual. Por "compreensão" entendemos a apreensão total do problema, total sensibilidade a êle; não um exame fragmentário, um exame intelectual, verbal ou emocional, porém um exame total, completo, um íntimo contato com o problema. É isso o que entendemos pela palavra "compreender". Temos muitos problemas e questões; e, para compreendê-los, devemos estar diretamente em con-

tato com êles; mas não podemos estar em contato com êles, se dêles nos abeiramos intelectualmente, verbalmente, ou com um preconceito, uma idéia ou fórmula preconcebida: não há, então, contato com o problema e, por conseguinte, não há compreensão. Deve, pois, ficar bem claro que não nos estamos entretendo com palavras, nem com idéias ou teorias, porém, sim, estamos tentando compreender o que realmente *é*, aquilo com que podemos entrar diretamente em contato.

Como disse, vamos falar nesta tarde sôbre o mêdo. Mas, antes, precisamos compreender o que é ação, e o complexo problema do esfôrço. Do contrário, não seremos capazes de compreender o mêdo, de estar em contato total com êle, o mêdo, que deforma todo o nosso pensar. O mêdo impede a compreensão, o mêdo gera várias formas de contradição. Assim, antes de começarmos a examinar o mêdo, para vermos se é possível libertar-nos totalmente dêle, temos de compreender o que se entende por ação e esfôrço.

Como antes dissemos, a vida é um movimento de relações, isto é, ação. Mas, para nós, a ação é o produto de uma idéia; traduzimos o que ouvimos numa idéia e, em seguida, pomos essa idéia em ação. É isso o que conhecemos como "ação" — um impulso de prazer ou de desprazer, uma reação traduzida em idéia, ou seja "pensamento organizado". Tôda idéia é um pensamento organizado pôsto em ação. É só isso o que conhecemos como "ação", isto é, temos uma fórmula, um padrão, um conceito, e tratamos de pôr em ação, o mais exatamente possível, tal conceito, tal padrão. Eis o que chamamos "ação". Vemos miséria, carestia, aumento explosivo da população, desintegração; e desejamos modificar essas condições, pôr-lhes têrmo. Por conseguinte, concebemos uma fórmula, uma idéia, um método, e reunimos algumas pessoas dispostas a concordar com tal idéia e, depois, coletivamente, agimos de acôrdo com o plano, a idéia. Eis o que consideramos "ação".

Acho que isso deve ficar bem claro para nós; porque o que mais adiante vamos considerar vai estar fortemente em contradição com isso que temos por "norma", "padrão de ação". Temos, pois, em primeiro lugar, de compreender isso que chamamos "ação". Isto é, vejo aquela côr, e não gosto dela: é a *idéia.*

Atuo então sôbre essa idéia. Nunca olho para a côr sem nenhuma idéia. Quando não olho a côr através da idéia de prazer ou de desprazer, estou diretamente em contato com aquela côr. Importa compreender isso. A idéia é produto da memória, da experiência, do julgamento; por conseguinte, ela é ou pessoal, ou coletiva, racial, familiar, na forma de memória. E essa idéia é posta em ação. Ora, há ação sem idéia? Porque, se assim não fôr, não podereis estar *em contato com a ação;* estareis agindo e procurando igualar vossa atividade a uma idéia, e isso, por conseguinte, não é ação, não constitui um contato completo, direto, íntimo, com a ação. Há sempre a cortina das idéias e, por conseguinte, uma contradição entre a ação e a idéia. Estamos sempre procurando desfazer a separação, a contradição entre a idéia — que é pensamento racional, organizado — e a ação, que está separada da idéia. Estamos sempre tentando aproximá-las, o mais possível, uma da outra. A tentativa de juntar as duas coisas — ou seja a idéia, fórmula ou conceito, e a ação — representa *esfôrço.* Êsse esfôrço ocupa tôda a nossa existência. Nossa vida revolve sempre em tôrno dêle.

Se vos tendes observado, se tendes observado as atividades dos políticos, dos *gurus,* dos "santos", de qualquer ente humano, tereis notado que isso se está sempre verificando: como pôr em prática, na vida diária, a idéia — nobre ou ignóbil, bem planejada ou desequilibrada. E o pôr em prática a idéia o mais completa e totalmente possível, exige esfôrço. E, assim, nossa vida se tornou uma atividade contínua. Notai, por favor, que é verdadeiramente importante compreender êsse círculo da mente humana, sempre ocupada em perpetuar contradições. E, ao mesmo tempo que cria e perpetua a contradição, tenta a mente vencê-la; e no esfôrço para vencê-la, despende-se enorme quantidade de energia. Dessa maneira vive o homem há um milhão de anos: a idéia, a execução da idéia e, por conseguinte, uma vida de constante contradição. Também, no estado de contradição está implicado o esfôrço.

Por favor, não traduzais o que se está dizendo numa idéia com que concordais ou de que discordais; escutai, simplesmente, e observai. Porque, se, escutando, criais outro padrão de idéia e tentais pôr em ação tal idéia, vos vêdes novamente no mesmo círculo, com diferentes conjuntos de padrões, de idéias e ideolo-

gias. Temos de compreender êsse processo. Estou empregando a palavra "compreender" com o sentido de estar intimamente em contato com o processo de nosso pensar, não na forma de uma idéia, não como observador exterior ao fato, porém pelo contato real com o processo criador da idéia — idéia que, por sua vez, cria a ação que a contradiz. Surge, assim, o problema. Muitos de vós talvez não tenham pensado nisso e, para êles, talvez, tal problema não existe. Mas, se refletistes nisso, o problema se vos terá apresentado — não um problema impôsto pelo orador, porém um problema que a vós mesmo se apresenta. Assim, se refletistes nisso ou se estais escutando *realmente,* sem nenhuma opinião, pois não estamos considerando opiniões, porém fatos reais, fatos psicológicos — vereis que a idéia predomina e em seguida vem a ação e, por conseguinte, a contradição. Isso é um fato, e a seu respeito não há concordar nem discordar; é *assim*!

Nessas condições, perguntamos a nós mesmos: É possível viver sem esfôrço, em todos os níveis de nossa existência, e não em níveis fragmentários? É possível viver nossa vida de rotina diária — ir para o escritório, entediar-se, ouvir insultos, ver a sordidez e miséria, e a beleza de um pôr-de-sol — é possível vivermos com tudo isso tão completamente, que nenhum esfôrço seja de nós exigido? Porque, quando há qualquer espécie de esfôrço, há deformação. Vós vos esforçais por causa de uma idéia, de uma lembrança, de uma experiência anterior que vos diz: "Deveis" ou "Não Deveis". E é possível vivermos, sem nenhum esfôrço, nossa vida diária — pois é a única vida que temos e a única que verdadeiramente importa, e não vossas idéias a respeito de Deus e de *nirvana,* do céu e da vida futura; nada disso tem valor. O que tem valor, o que tem significação, o que tem vitalidade e energia é vossa vida de cada dia. Fealdade, sordidez, amarguras, desilusões, ânsias, pobreza, estagnação, tudo o que está ocorrendo no mundo, a desintegração que se observa neste país — tendes de enfrentar tudo isso em cada dia de vossa vida. A não ser que consideremos de maneira completamente nova e ativa a nossa existência diária — não uma futura utopia, não o "sedutor" mundo comunista ou o paradisíaco mundo religioso — a não ser que compreendamos nossa vida presente, com tôdas as suas complexidades, não teremos

possibilidade, em circunstância nenhuma, de alterar o que está acontecendo no mundo, na família, ao redor de cada um de nós.

Necessitamos de uma revolução completa, uma completa mutação — não mediante idéias, ou uma fórmula, ainda que muito inteligente, muito engenhosa, muito erudita. Necessitamos de uma revolução completa, completa transformação, mutação da mente. Só assim pode a mente deter a desintegração, dar nôvo sentido ao viver e possibilitar a criação. Por conseguinte, cumpre descobrir se é possível viver-se sem esfôrço. Porque todo esfôrço implica resistência, todo esfôrço implica contradição, todo esfôrço implica idéia separada da ação; por causa disso, nossa vida, nosso viver diário, é uma contradição. A menos que desapareça completamente essa contradição (não nas pequenas coisas, pois não estou falando de insignificâncias, porém da contradição profundamente radicada em nossa consciência, tanto no nível consciente como no inconsciente) — nos desintegraremos, viveremos num estado de corrupção, e nunca criaremos um estado mental diferente, capaz de resolver os imensos problemas do mundo.

É possível viver-se sem esfôrço? Não digais "Sim" nem "Não"; não concordeis nem discordeis, nem digais: "Ora, o que conheço é só uma vida de esfôrço, e nada mais conheço; e o que dizeis sôbre uma vida sem esfôrço é disparatado. Vemos, com efeito que, por meio dos opostos, das contradições, da tese e antitése, forma-se a síntese, e isso representa uma contínua batalha e esfôrço; é só isso que conhecemos". Se penetrardes um pouco mais profundamente nesse padrão do esfôrço, vereis que só há esfôrço quando há resistência. Pela palavra "resistir" entendo o dizer-se: "Gosto, não gosto" — sendo isso, meramente, uma opinião ditada por uma lembrança, uma idéia, uma experiência: por conseguinte, não se estão enfrentando fatos. Quando vejo aquela côr, digo imediatamente: "Gosto dela" ou "Não gosto dela"; criei, por conseguinte, uma contradição. Posso olhar para aquela côr, sem formular juízo algum? Quando a olho sem formular juízo, com êsse *olhar* estou em direto contato com aquela côr e, por conseguinte, não há contradição nenhuma. Vêde, por favor, que isso é verdadeiramente sutil, e que é importante conpreendê-lo — assim como é importante *escutar* uma coisa.

Estais agora a escutar-me. Estou-vos dizendo algo a cujo respeito nada sabeis. Vossa reação instintiva é: Isso não é possível, ou, é disparate, ou, êle se está referindo a alguma novidade ideológica e sem valor. Por conseguinte, tratais de afastar de vós o que se está dizendo; isso é resistência. Dessa resistência resulta uma contradição; e contradição implica esfôrço, dissipação de energia. Mas, em contrário, não há contradição se escutais o que se está dizendo, sem concordar nem discordar, sem opor ao fato a vossa opinião — pois estou falando a respeito de um fato; quer-se saber se o padrão de ação que conhecemos pode ser quebrado, e não se estais ou não estais de acôrdo com o que se está dizendo. Deveis, pois, escutar, sem criar nenhum padrão de idéia, sem concordar e nem discordar dessa idéia. Concordar ou discordar significa, meramente, manifestar uma opinião, e nenhuma opinião tem valor. O que tem valor é que *escuteis* o fato sem concordar nem discordar, que o olheis como olhais o pôr-do-sol, uma côr, o céu, a beleza de uma pessoa, de uma árvore — que olheis, simplesmente. Estais então diretamente em contato com o fato, e todo contato com alguma coisa é ação completa. Ao homem que tem fome não interessa a idéia: a causa da fome, como aparece a fome. O que o interessa é a comida — não a idéia de comida, porém o fato "comida"; por conseguinte, não há opinião. Podeis gostar ou não gostar de um certo alimento, mas não há opinião.

Deveis, pois, escutar. E isso é muito difícil, porque não fôstes educado para escutar. Escutais com a mente cheia de opiniões, idéias, contradições, escutais uma coisa que se está dizendo e concordais ou não; por conseguinte, nesse estado mental não estais escutando. Mas *escutar* é uma das coisas mais difíceis; com efeito, tão difícil como *ver*. Não sei se ja considerastes o que é *ver*. Provàvelmente quase todos vós sois casados. Já vistes, já olhastes para vossas espôsas, vossos filhos, ou para vossos vizinhos, ou vossos políticos, ou guias, ou *gurus*? Já olhastes, já vistes com os olhos, e não com as idéias que estão atrás dêles? Olhais vossa espôsa com as idéias que reunistes a respeito dela — insultos, ofensas, prazeres, sexo, dúzias de coisas. Por conseguinte, não estais *vendo* as coisas que aqui se estão dizendo; tampouco escutais o que dizem os políticos, os *gurus*, ou quem quer seja. Porque vós tendes idéias, porque perten-

ceis a um certo partido — sois comunista, socialista, ou sabe Deus o que mais — e, visto que escutais com essas idéias o que outro está dizendo, não estais escutando verdadeiramente. Também, nunca escutais uma ave; não sei se já alguma vez o fizestes.

Escutar uma coisa requer que vossa mente esteja quieta — não de uma quietude mística, porém quietude pura e simples. Estou vos dizendo algo, e para escutar-me, deveis estar quieto, sem terdes idéias de todo gênero a zumbir em vossa mente. Quando olhais uma flor, deveis olhá-la sem lhe dar nome, sem classificá-la, sem dizer que pertence a tal ou tal espécie — pois, se fazeis isso, não estais olhando a flor. É por isso que eu digo que uma das coisas mais difíceis é escutar: escutar o comunista, escutar o socialista, o congressista, o capitalista, qualquer pessoa, vossa espôsa, vossos filhos, vosso vizinho, o condutor do ônibus, o pássaro — escutar, simplesmente. Só quando escutais uma pessoa sem nenhuma idéia, nenhum pensamento, estais diretamente em contato com ela; e, estando em contato com ela, compreendereis se é verdadeiro ou falso o que está dizendo; não necessitais de argumentar. Assim, se da mesma maneira puderdes *escutar,* nesta tarde (e se o fizerdes, escutareis, talvez, não só nesta tarde, porém em tôdas as tardes de vossa vida, em todos os lugares, no escritório, no ônibus, etc.) então, não só compreendereis a vós mesmo como uma entidade complexa, mas também compreendereis todo o processo da existência.

Assim, pois, nesta tarde, tende a bondade de escutar sem resistência — o que não significa ter de *seguir* o que se está dizendo, pois isso seria terrível, pois não somos nenhuma autoridade. A autoridade é a coisa mais destrutiva desta vida — o líder, o *guru,* o homem que diz "Eu sei e tu não sabes". É o que sucedeu neste país. Deixastes de ser entes humanos, porque tendes sido guiados, impelidos a seguir a autoridade de Sankara, a autoridade do livro, do *Gita,* do *Upanishads* — que destruíram vossa mente, porque não quisestes pensar por vós mesmos. Sois capazes de citar uma dúzia de livros, mas não conheceis a vós mesmos. Sois entes humanos "de segunda mão", e os problemas exigem uma mente "de primeira mão", que esteja diretamente em contato com o problema, não uma mente de segunda mão,

embotada. Assim, se fordes capazes de escutar o que se está dizendo, sem formar nenhuma idéia, nenhuma fórmula daquilo que ouvis, vereis então o que está implicado na ação sem esfôrço.

Porque a mente cria idéias? A idéia vem-nos instintivamente; porquê? Ora, para compreendermos isso, temos que entrar um pouco na questão da memória, da experiência. Que é memória? Na Europa, na América, está-se experimentando, investigando o "processo" da memória, como se cria a memória. Podeis ver êsse processo por vós mesmo, sem consultar o "super-especialista" de neurologia, etc. — podeis observá-lo, vós mesmo, com muita clareza. Se pensais numa coisa continuamente, essa continuidade fornece o padrão de lembrança. Gosto de vós e penso em vós; o "pensar em vós" cria a continuidade da "lembrança" de vós, naturalmente. Ou, não gosto de vós, e não penso em vós; afasto de mim êsse pensamento, e o próprio ato de o afastar dá continuidade a essa aversão. Isto é psicològicamente muito simples. Vejo uma certa côr; nesse ato de ver, o processo psicológico, a eletricidade e os nervos são ativados. Aquilo é azul, isto é vermelho; continuo distinguindo a côr vermelha e a côr azul, criando-se, assim, a memória, a idéia de que *isto* é azul e *aquilo* vermelho. Nessa base se assentam tôdas as nossas experiências. Quer dizer, a experiência é a ação entre o "desafio" e a "resposta". Está muito abstrato isto? Espero que não; entretanto, não posso evitá-lo, ainda que vos desagrade. O que estamos tentando dizer é verdadeiramente muito simples.

Vê-se muito claramente que a mente nova — a mente que não está fragmentada, que não é hindu, que não é européia, que não é americana, que não é russa; a mente sem contradição e sem fragmentação; a mente que não está cativa da ilusão, que não está sujeita a nenhuma pressão ou tensão — vê-se que essa mente atua, não indiretamente, porém diretamente. Essa mente é necessária, porque só ela é capaz de compreender o amor. Só essa mente pode achar-se num estado de criação. Só ela poderá alterar completamente o mundo atual, com suas misérias e confusão. Essa mente é necessária, e o problema é — criá-la. É possível isto: criar essa mente? Para criá-la, impende compreender estas coisas: o que é esfôrço, o que é mêdo, o que é ambição, o que é autoridade. Compreendê-las, não

ideològicamente, não teòricamente porém de fato. "Cravai os dentes" nelas, de modo que vossa mente, como entidade individual, se torne ardorosa, apaixonada, clara, e se ache num estado de ação e, por conseguinte, nunca num estado de deterioração.

Agora, a questão é esta: Nosso cérebro é o resultado de dois milhões de anos, do animal até nossa presente situação, qualquer que seja o grau de evolução que tenhamos atingido — pois ainda somos "o animal". Há possibilidade de libertarmos nossa mente sem nenhum esfôrço? Vós tendes de libertar a mente do "animal", ou seja da avidez, da inveja, do mêdo, da ambição, de tôdas as nossas estúpidas trivialidades — tudo isso ainda no nível dos instintos animais. Podemos libertar-nos do animal, para vivermos plenamente, totalmente, como *entes humanos;* vivermos, não fragmentàriamente, porém completamente, com tôdas as nossas energias? Só então poderá a mente transcender a si própria e descobrir se há uma Realidade, Deus, alguma coisa de atemporal. E, para descobrirdes isso, deveis começar com coisas simples, tais como "que é ação?" e "que é esfôrço?".

Há possibilidade de ficarmos total e completamente livres do mêdo — não apenas conscientemente, mas também inconscientemente, biològicamente? Cada um deve investigar isso, individualmente, sem ser ensinado ou informado por ninguém. Vós, como ente humano, tendes de examiná-lo por vós mesmo, tão completamente que vos torneis *um indivíduo.* Só o indivíduo pode *estar só,* não ser escravo do ambiente. Só quem possui essa mente — e só o *indivíduo* pode possuí-la — poderá criar um mundo nôvo — e não os políticos, nem os comunistas, nem os teóricos. O indivíduo que compreendeu tôda a estrutura psicológica de seu próprio *ser,* encontra, nessa própria compreensão, a liberdade; essa liberdade é que possibilita o desabrochar do indivíduo.

Por que razão os entes humanos tão prontamente aceitam ou criam idéias? Por que o fazemos? Já verificastes por que razão as idéias se tornaram importantes em vossa vida — idéias como nacionalismo, família, Deus? Por que isso? Pois bem. Vou mostrar-vos, indicar-vos a razão dêsse fato, e não deveis concordar ou discordar, porém apenas escutar o que digo. As idéias entram em nossa vida porque não estão relacionadas com

a ação, *a ação imediata*. Idéias são fugas. Vou mostrar-vos uma coisa: há fome, pobreza, aflição, neste mundo. Sabeis o que está acontecendo neste país — falta de alimento, pobreza, degradação, carestia, etc. Ora, a ciência pode pôr têrmo a tudo isso, a ciência pode prover os meios de dar alimento, roupas e morada a todos. Mas, por que não acontece isso? É porque estamos sob o predomínio das idéias. Isto é, vós sois hinduísta, sois maometano, pertenceis à Índia e eu pertenço ao Paquistão, à América ou à Rússia, e nosso nacionalismo — mais uma vez a idéia! — predomina; por conseguinte, mantemos a divisão por meio das idéias e dessa maneira impedimos o povo de viver feliz, alimentado, abrigado e vestido. As idéias, pois, são um meio de fuga à realidade.

Não sei se já refletistes nisso. Eu só o estou mostrando, mas não concordeis comigo; se concordardes, retrocedereis, recaireis no domínio das idéias. Se não concordardes, nem discordardes, porém apenas *olhardes,* vereis como o nacionalismo, vossos preconceitos raciais, vossos dogmas religiosos e tôdas as inanidades possíveis etão impedindo a cooperação entre os entes humanos. Sois capazes de cooperar em tôrno de uma idéia e, por conseguinte, o mesmo problema torna a aparecer: vós cooperais com certas idéias, e eu coopero com outras idéias, e, por conseguinte, há contradição; vós sois comunista, eu sou capitalista, e por essa razão estamos batalhando um com o outro; e, enquanto isso, o infeliz continua a sofrer.

Assim, pois, para a maioria de nós, a idéia é muito mais forte do que a ação, porque tem de ser imediata. A ação é sempre no presente vivo; *agir* é um verbo ativo. A idéia não é necessàriamente ativa. Ela *existe* e, por conseguinte, não preciso agir imediatamente. Mas a ação exige que se esteja sempre a mudar, a demolir, a fluir, a viver, a correr; ela exige energia, vigilância, clareza. Ao passo que com as idéias podeis ficar-vos entretendo indefinidamente. Por conseguinte, quanto mais idealista o indivíduo, menos ativo e, portanto, maior a contradição. Assim sendo, as idéias, como em geral sabemos, constituem um meio de fugirmos à *ação total;* temos mêdo da ação total. Se estais *realmente* escutando, deixareis *realmente* de ser nacionalista, esquecereis vossa religião, vossos preconceitos, que sois hinduísta, *isto* ou *aquilo.* Sereis então um ente humano;

entrareis diretamente em contato com outro ente humano e, nesse contato direto, há ação. Essa ação pode produzir mais revolução, mais perturbação. Por isso dizeis: "Não. Fiquemos com as idéias, as teorias, os conceitos. Com êles podemos entreter-nos indefinidamente". Esta é uma das principais dificuldades.

E, também, vivemos fragmentàriamente. Vivemos ora no nível intelectual, ora no nível emocional, ora num nível puramente físico. E a maioria de nós cultua o intelecto, porque o conhecimento é, para nós, sumamente importante. Quanto mais uma pessoa lê, quanto mais cita, quanto mais discorre a respeito do *Gita,* disto e daquilo, tanto mais respeitada se torna como um extraordinário ente humano. Não importa a espécie de vida que levamos e o que se passa em nós, interiormente; enquanto formos capazes de citar, de nos entretermos com idéias, conceitos, somos considerados "grandes homens". Êste, mais uma vez, é um modo de vida muito fragmentário. Mas, por outro lado, o homem que vive totalmente, não fragmentàriamente, não é intelectual, emocional, "físico", porém, em todos os tempos, *um ente total.* Esta é uma das razões porque nos entretemos com idéias e por que as idéias se tornaram tão predominantes.

É possível agir sem idéia? Espero me esteja explicando claramente. Se não, podeis fazer-me perguntas, noutra ocasião, para entrarmos em mais minúcias a êsse respeito. Vê-se que a idéia predomina e depois segue-se a ação, quando deveria ser o contrário. Deveria haver só ação, e não idéia; assim, o indivíduo está vivendo ativamente no presente. Isso exige vigilância, ação não fragmentária e, por conseguinte, ausência de contradição. Onde há contradição, tem de haver esfôrço; isso é bem óbvio. Assim, tôda a nossa vida gravita em tôrno dessas três coisas: idéia, ação, e contradição — sendo que a contradição é consciente, deliberada, ou inconsciente, não deliberada, ignorada.

Assim, pois, quando temos de compreender o mêdo — assunto que não consideraremos nesta tarde, porém noutra — poderemos examiná-lo não como uma idéia de que temos de desvencilhar-nos, porém como um fato que devemos compreender e ao qual, por conseguinte, não devemos resistir.

Que é ação sem idéia? Fazei a vós mesmo esta pergunta: Que é ação sem conceito e — ela é possível? Em primeiro lugar, não aceiteis isto. Investigai, se possível, o seu significado. Porque nossa vida é ação. Estais dormindo, andando, sonhando, exercendo vosso emprêgo, tomando da pena para assinar isto ou aquilo. A vida tôda é ação, um movimento de relação. E êsse movimento de relação se torna uma contradição quando provém de uma idéia e, por conseguinte, não está relacionado com a ação. Quando descobris como as idéias nascem — o que estive tentando explicar em poucas palavras — e quando compreendeis êsse processo da "ideação", vereis então, por vós mesmo — ninguém vos pode ensinar, tendes de vê-lo sòzinho — que não criareis nenhuma idéia, tôda vez que olhardes, tôda vez que escutardes. Estareis diretamente em contato com tudo. Êsse contato direto é *ação real,* em que não há contradição e que, por conseguinte, nenhum esfôrço exige. É o esfôrço que perverte e envelhece a mente; a contradição torna a mente velha. Em geral, temos uma mente já muito velha, já moribunda; porque, ainda que sejamos muito jovens, vivemos num estado de contradição, consciente ou inconscientemente.

Assim, compreender por inteiro êsse problema do viver constitui o principal dever de todo ente humano; e, depois de compreendê-lo, poderá o indivíduo prosseguir para mais longe, pois há coisas que a mente não pode compreender se não tiver resolvido êsses problemas simples. Para compreendê-las, necessitais de tremenda energia; e só pode vir essa energia quando não há contradição, quando todo o nosso ser — física, emocional, intelectualmente — é um todo integral. Então, com essa energia total, é a mente capaz de penetrar muito fundo e muito longe. Mas, a mente que está dividida em fragmentos, que se acha em contradição, que sofre, essa mente — não importa o que faça: freqüentar os templos, os *gurus*... — jamais transcenderá a si própria. Mas, ela tem de transcender a si própria, a fim de resolver os inúmeros problemas que se apresentam a cada ente humano.

Nova Deli, 25 de outubro de 1964.

NOVA DELI III

A questão do aprender

CONFORME PROMETEMOS, vamos hoje falar sôbre o mêdo. Para se poder considerar cabalmente esta questão, necessita-se de grande quantidade de energia — energia para compreender tôdas as ilusões que o homem criou, tôdas as idéias e problemas de que se rodeou. Se cada um não compreender essas coisas, correta e profundamente, por seus próprios meios, nunca estará livre do mêdo, consciente e inconscientemente. Nós vamos empreender juntos uma viagem de exploração desta questão; digo, *juntos*. Vós e eu vamos, juntamente, penetrar na questão e, por conseguinte, estar em comunhão. Não ides ficar apenas escutando o orador, e concordando ou discordando; mas vamos andar juntos, no mesmo nível, no mesmo ritmo, e com a mesma intensidade — *juntos*. Vós e eu devemos estar em comunhão; e, nesta matéria, a comunhão deve ser muito íntima, não só no plano verbal, mas também com todo o nosso ser intelectual e sensível, tôda a nossa capacidade interior, e com o ímpeto necessário para a penetração da questão.

Mas, antes disso, devemos compreender o que é "aprender", e o que é "adquirir conhecimento". Trata-se de duas coisas completamente distintas. Aprender é uma coisa, e adquirir conhecimento outra coisa. O aprender é um processo contínuo, e não processo de adição, processo de juntar, para dessa base atuarmos. A maioria de nós acumula conhecimentos, como memória, como idéia, armazena-os como experiência, e age de acôrdo com essa base. Isto é, nós agimos com base no conhecimento, conhecimento técnico, conhecimento na forma de expe-

riência, de tradição, e o conhecimento derivado de nossas próprias idiossincrasias e tendências; com êsse cabedal, com êsse acervo de conhecimentos, na forma de experiência e tradição, agimos. Nesse processo não há aprender. O aprender nunca é acumulativo: é um movimento constante. Não sei se já alguma vez considerastes esta questão: Que é aprender e que é aquisição de conhecimento? Muito importa compreender isso, não numa certa data futura, porém agora mesmo, porque vamos daqui a pouco examinar um problema complexo. Por conseguinte, é necessário compreender o que significa "aprender". Aprender nunca é acumular. Não podeis armazenar conhecimento e, com base nesse depósito de conhecimentos, agir. Aprende-se progressivamente; por conseguinte, nunca há retrocesso, nem deterioração, nem declínio.

As duas coisas — adquirir conhecimentos e aprender — devem ficar claramente compreendidas, porque o que vamos fazer, juntos, nesta tarde, é *aprender*. Vamos aprender, todos juntos, a respeito de uma coisa que pensamos saber, mas que não sabemos. Isto é, vamos aprender acêrca da natureza da energia não derivada de conflito. A vida é, tôda, energia. Mas a única energia que conhecemos tem *motivo;* é produto de atrito ou conflito ou do empenho em alcançar determinado fim; é energia derivada: como a energia produzida pelos alimentos, ou a energia gerada pelo odiar ou amar alguém. Mas, a energia derivada de um motivo, agradável ou doloroso, contém sempre o germe do conflito.

Notai, por favor, que não me estais escutando com o fim de aceitar uma idéia ou fórmula. Estamos viajando juntos e investigando o que é essa energia que, só ela, tem o poder de dissipar todos os nossos problemas, nossos conflitos e nossas perturbações. Vamos aprender juntos, e isto significa que vamos descobrir, por nós mesmos, que energia é essa que não tem *motivo* e, por conseguinte, não é produto de nenhum conflito e de nenhum ambiente. Essa energia existe por si mesma e, por conseguinte, é extraordinàriamente vital e criadora, com o poder de dissipar tôdas as formas de ilusão, de sofrimento e confusão. E, para aprendermos isso, temos de *compreendê-lo*. Com esta palavra, não entendo "compreender verbal ou intelectualmente." Precisamos compreender a questão do *aprender,* nela penetrar cuidadosa-

mente, sem nenhuma idéia. Se desconheceis uma coisa que se vos dá, tendes de estudá-la, de aprender a respeito dela, de manejá-la, de a ela aplicar o vosso espírito e descobrir os seus segredos. Pensamos que sabemos, e, por conseguinte, cessamos de aprender. Mas, visto que o aprender não é um processo aditivo, temos de aplicar-nos a essa questão de maneira tôda diferente. Eu não vos conheço, e vós não me conheceis. Tendes idéias a meu respeito, e eu provàvelmente tenho idéias a vosso respeito; mas, dessa maneira, nem eu estou aprendendo a respeito de vós, nem vós a respeito de mim; para que eu possa aprender a vosso respeito, e vós possais aprender a meu respeito, devemos estar com a mente nova, com uma mente penetrante, crítica, não disposta a aceitar ou a rejeitar.

Nós estamos aprendendo; por conseguinte, não pode haver julgamento e não pode haver avaliação. Quando se está aprendendo, a mente está sempre atenta e nunca acumulando; por conseguinte, não há acumulação em que nos basearmos para julgar, avaliar, condenar e comparar. Espero estar explicando claramente êste ponto. Porque a mente que está aprendendo está sempre nova; é sempre uma mente indagadora, nunca comparativa, nunca disposta a aceitar a autoridade e a avaliar segundo essa autoridade. É uma mente jovem; e é inocente, nova, porque está sempre aprendendo. Pois bem. Nesta tarde, juntamente com o orador, ides *aprender*. Assim sendo, não julgueis, não avalieis, não aceiteis, não rejeiteis, não crieis nenhum padrão de idéias para base do agir e do aprender.

Como antes dissemos, nossa vida é tôda de conflito. Tudo o que fazemos, ou se torna rotina, ação mecânica, ou um prazer repetido, uma resistência, uma repressão ou sublimação, como se costuma dizer. Todo o nosso agir baseia-se nisso e, por essa razão, está sempre gerando e sustentando o conflito. E nós aceitamos o conflito — êsse atrito, na vida, nas relações, no movimento da existência — dizendo: "O conflito é inevitável e, portanto, tiremos dêle o melhor proveito". Mas, se não aceitardes o conflito, se o rejeitardes, em tôdas as relações e em todos os níveis, estareis então em condições de aprender acêrca do conflito; quando não dizeis que o conflito é inevitável ou evitável, só então tendes possibilidade de aprender. Não podeis aprender a respeito do conflito, se o estais julgando à luz de

vossa experiência, de vosso saber, vossos conhecimentos. Por isso, a mente que está aprendendo nunca se acha num estado de experiência. No momento em que a pessoa experimenta, já se acha no estado de avaliação. Por conseguinte, a mente que está aprendendo, não tem experiência, porque está em movimento, ativa, arrojando-se, penetrando. Assim, a mente que a cada minuto está aprendendo ativamente, aprendendo não só a respeito de si própria, mas a respeito de tudo na vida, é como a criança que observa, pergunta, indaga, sempre insatisfeita. Êsse aprender exige extraordinária energia. E não tem energia a mente que está abarrotada de conhecimentos e a exigir mais experiência.

Ora, o aprender exige disciplina — não aquela disciplina de repressão, contrôle, conformismo, brutalidade. A aceitação de um ideal por padrão, e o esfôrço que fazeis para a êle vos ajustardes — o forçardes vossa mente, vosso ser, vosso corpo, tudo, a ajustar-se — é isso o que em geral se chama "disciplina". Essa é disciplina semelhante à do soldado, submetido à instrução noite e dia, tão duramente exercitado que, no fim, se torna uma entidade mecânica, de espinha erecta, e sem cabeça. Por favor, não riais! A maioria de nós é assim, mas acontece que não o sabemos. A sociedade, o ambiente, a educação, nossa cotidiana existência, nos estão forçando a ajustar-nos a um padrão religioso, social ou econômico. Essa disciplina de ajustamento é a disciplina em seu aspecto mais destrutivo. A palavra "disciplina" — a raiz desta palavra (1) — significa aprender, não ajustar-se, não reprimir, não violentar a si próprio, mas *aprender!* E o aprender exige espantosa disciplina — não a disciplina da aceitação, nem a disciplina imposta pela autoridade. Por conseguinte, a mente que está aprendendo não só deve estar, o mais possível, cônscia das influências ambientes, senão também deve abster-se de ajustar-se, de resistir — estar consciente de suas próprias tendências, suas próprias qualidades, suas próprias experiências, nunca se deixando apanhar na armadilha de nenhuma delas. Isso exige atenção.

Um colegial, durante a aula, deseja olhar pela janela. Um passarinho passa a voar, uma bela flor se ostenta na árvore, uma

(1) Latim disc-o: aprender. (N. do T.).

pessoa passa por perto. Sua atenção se distrai do livro e o professor manda-lhe "olhar o livro", concentrar-se no livro. Assim é a maior parte de nossa vida. Queremos *olhar,* mas a sociedade, as exigências econômicas, as doutrinas religiosas forçam-nos ao ajustamento; e, por essa razão, perdemos tôda a espontaneidade, todo o frescor. De modo que a disciplina do aprender é coisa completamente diferente da disciplina do adquirir conhecimento. Necessita-se de determinada disciplina quando se está adquirindo um certo conhecimento técnico ou de outra natureza. Tem-se de prestar atenção, de aplicar o espírito a uma dada coisa, uma dada especialidade; e isso exige uma certa disciplina de ajustamento, de repressão, e tudo o mais que está acontecendo no mundo, em virtude da disciplina. Mas, a disciplina a que nos referimos nenhuma relação tem com a disciplina do ajustamento a um padrão. Tratai, por favor, de compreender isso, porque vamos examinar uma questão verdadeiramente fundamental; e, se isto não fôr compreendido, não estareis aptos a compreender aquilo de que vamos falar daqui a momentos.

Estamos, pois, aprendendo, e êsse aprender nunca é ajustamento a nenhum padrão; como poderia sê-lo? Quer se trate de padrão estabelecido por Buda, por Cristo, por Sankara, quer do padrão de vosso *guru* favorito, o aprender nenhuma relação tem com êle. Porque no ajustamento cessa todo o aprender e, por conseguinte, nunca há originalidade. E nós estamos *descobrindo* por meio do aprender, com originalidade. Não sei se percebeis a beleza disso de que estamos falando. Observar, olhar, ver, escutar, tudo isso faz parte do aprender. Se não sabeis escutar, não sois capaz de aprender. Se não sabeis ver uma flor, não sois capaz de aprender nada da beleza dessa flor. Escutar, ver, aprender, implica, em si, uma disciplina que não é ajustamento. Se isso está agora bem claro, passaremos a examinar uma coisa que exige êsse ato de aprender; vamos aprender a respeito de nós mesmos.

Ides aprender a respeito de vós mesmo. Não podeis aprender a respeito de vós mesmo, se afirmais que sois Deus. Não podeis aprender a respeito de vós mesmo, se dizeis que sois o *Atman* superior, ou se dizeis que sois mero resultado do ambiente. Estais seguindo o que estou dizendo? Se dizeis que sois apenas o resultado do ambiente — como tantos o dizem, os co-

munistas, etc. — cessastes então de aprender; se dizeis que em vós reside o *Atman,* o Eu Superior, estais meramente repetindo o que vos foi dito, uma teoria muito confortante; portanto, cessastes de aprender; e se dizeis "*Eu* sou isto, sou algo", nesse caso também cessastes de aprender. Para descobrirdes o que há em vós, deveis aprender a respeito de vós mesmo; por conseguinte, necessitais da mais alta liberdade, inteligência e percebimento crítico. Sem essas coisas, nenhuma possibilidade tendes de ver o que há em vós mesmo ou de vos compreender. E se não compreenderdes a vós mesmo, nenhuma base tendes para a estrutura de vossa existência. Podeis ter idéias e mais idéias, conflitos, dores, prazeres, etc.; mas, falta a base.

Deveis conhecer a vós mesmo — e não segundo Sankara, Buda, Cristo, Freud, Jung ou quem quer que seja, inclusive êste orador. Deveis conhecer-vos e, por conseguinte, *aprender* a respeito de vós mesmo. Para aprenderdes a respeito de vós mesmo, devem cessar todos os conhecimentos que já tendes de vós mesmo; e isso é muito difícil. Porque, quando dizeis "Sou feio", essa própria palavra "feio" encerra um certo conteúdo de tradição; por conseguinte, estais julgando; logo, não estais aprendendo. Espero estejais percebendo isto; é uma coisa muito simples. Uma vez o percebais, sereis então capaz do vôo do aprender; não há então fim nem limite; e êsse aprender está fora do tempo. A mente que está continuamente em movimento, do desconhecido para o desconhecido, aprendendo, aprendendo, aprendendo — essa é a mente sensível por excelência e, por conseguinte, uma mente livre.

Vamos, pois, aprender a respeito de nós mesmos. E, como disse, para aprender não deve haver avaliação, é claro. Quando avaliais, julgais com base no que já adquiristes, na forma de conhecimento; e quando vêdes a vós mesmo, ou condenais, ou aprovais, ou rejeitais o que vêdes e, por conseguinte, não estais aprendendo a respeito de vós mesmo. Ora, se estais aprendendo a respeito de vós mesmo, estais aprendendo a respeito do corpo, dos nervos, das reações nervosas, das lembranças, das esperanças, dos temores, dos desesperos, das agonias, da cólera, do desejo, das exigências sexuais, da esperança de encontrar o Eterno, etc. Vós sois tudo isso; e tudo isso são idéias. Não são? Tendes idéias sôbre vossa pessoa, de que sois um homem bom, uma

personalidade importante na cidade, um *sikh,* um hinduísta, isto ou aquilo. Tendes idéias; e tais idéias são o resultado das influências ambientes, de vosso conhecimento. Por conseguinte, quando predominam as idéias acêrca de vossa pessoa, cessastes de aprender a respeito de vós mesmo. Notai, por favor, que isto é muito importante e muito simples. Uma vez o tenhais aprendido, estais *vivo*; então, a tradição, os Sankaras, tudo isso pode ser jogado para o lado; e vos tornais um ente humano, livre para descobrir, livre para investigar, para aprender. Assim, pois, é absolutamente essencial o aprender a respeito de si mesmo; do contrário, cria-se uma ilusão, e nessa ilusão se fica a viver.

Aprender a respeito de si próprio é a primeira ação inteligente do ser humano; mas não significa que o indivíduo aprende a respeito de si próprio a fim de "salvar-se". Sois o resultado de dois milhões de anos de existência do *homem,* com tôdas as suas experiências, suas calamidades, seus desesperos, e sua confusão; vós sois tudo isso. E, se desejais promover uma completa revolução em vós mesmo, deveis conhecer-vos — "conhecer-vos", não: *aprender* a respeito de vós mesmo, *compreender-vos.* Qualquer tolo pode dizer "Conheço-me a mim mesmo" — mas, aprender a respeito de vós mesmo é extremamente difícil, porque vos deveis olhar, sem nenhuma escolha, nenhuma tendência, nenhuma crítica, nenhuma condenação; deveis, simplesmente, *olhar.* Não sei se já alguma vez olhastes uma flor, se a olhastes *simplesmente* — sem idéia e sem pensamento. Se dessa maneira olhastes uma árvore, uma flor, um ente humano, tereis visto que nisso, nesse olhar, não predomina a idéia e, por conseguinte, há comunhão entre vós e a flor. Mas isso não significa que vos tornais a flor, ou que vos identificais com ela, ou com a árvore, ou a família dessa flor. Mas, quando olhais uma flor sem a palavra — se é que já a olhastes dessa maneira, que exige atenção — deveis ver que desaparece o espaço entre vós e a flor. Não sois aquela flor; só a flor existe, e não vós, que a estais olhando.

Por favor, procurai compreender esta coisa tão simples, pois ainda vamos tratar dela e, se não compreenderdes bem tudo isso, não podereis entrar nessa questão vigorosamente, dinâmicamente, criadoramente. Pois nunca olhamos um flor *verdadei-*

ramente. Dizemos que é uma rosa, e, chamando-a "rosa", já não a estamos *olhando.* Para olhar a flor, não deve haver verbalização; trata-se, simplesmente, de *olhá-la.* Olhar uma nuvem, à tarde, sem uma palavra. Há um vasto espaço entre vós e a nuvem, espaço ilimitado. Aquela nuvem está cheia de vida, de beleza, de forma, de glória; e a olhais com uma mente estreita, fechada em vossos diários problemas, vossa aflição, e confusão, e luta. Nunca olhais verdadeiramente, e vossa vida se torna uma sombra, uma coisa superficial e sem valor. Assim, para aprender, é necessário olhar.

Para aprender a respeito de mim mesmo, devo olhar — escutai, por favor! — devo olhar a mim mesmo. Só posso olhar-me, quando não existe autoridade de espécie alguma, quando não digo que sou Eu Superior ou Eu Inferior, quando nenhum conhecimento tenho a respeito de mim mesmo: devo olhar-me todos os dias como "coisa nova". Mas, quando olho a mim mesmo, há "aquêle que olha" — o observador, o experimentador — e o pensamento — a experiência, a coisa que estou olhando. É o que acontece com a maioria de nós. Não é verdade? Quando digo que me estou olhando, o observador é diferente da coisa que está sendo observada. Isto é simples. Não estou entrando em nenhuma filosofia supermetafísica e complicada... isso são estultícias, para mim pelo menos. Só há o fato óbvio, o observador, o "eu" que diz: "Estou olhando", e a coisa que está sendo olhada. Há, pois, separação entre o observador e a coisa observada. Isto é, quando digo "Eu estou encolerizado", êsse "eu" é diferente da coisa que chamo "cólera". É o que em geral nos acontece. Correto? Para a maioria das pessoas, isso é um fato simples, isto é, que o pensador é diferente do pensamento. E essa separação é a origem do conflito, porque o pensador está sempre procurando alterar o seu pensamento — modificá-lo, moldá-lo, controlá-lo, forçá-lo, reprimi-lo, sublimá-lo — fazer alguma coisa em relação a êle. Para aprender algo a respeito dessa divisão, devo questionar o próprio *pensador,* o próprio *observador.* Correto? Devo questionar se essa divisão é real ou se foi inventada pela mente, para fugir ao real. Espero que isto não esteja parecendo complicado demais; se o é, sinto muito.

O orador percebe que viver em conflito a todo momento e em qualquer nível que seja, é de efeito destruidor. Compre-

ende muito claramente — não baseado na própria experiência, porém no fato real da existência diária — que isso destrói as relações; corrompe a mente; torna a mente mecânica, insensível, embotada, estúpida. Diz, portanto, que, enquanto uma pessoa está em conflito, não pode haver sensibilidade e, por conseguinte, nenhum ato de *aprender*. Para êle, pois, o conflito é o principal fator da confusão, do atrito. Assim, diz, de si para si: "É possível uma pessoa viver sem conflito em sua existência — o ambiente, a família, a profissão, os insultos e humilhações a que se está sujeito, etc.?" — O orador não diz que isso é possível ou impossível, pois seria estupidez dizê-lo. Êle *quer aprender* a êsse respeito. E, assim, começa a investigar, a aprender tudo o que concerne ao pensador. E, para aprendê-lo, terá de observar o pensador da mesma maneira como observa uma flor *sem* lhe dar nome, sem classificá-la; tem de *observar*, simplesmente. Ora, quando se observa simplesmente, não há pensador, porém ùnicamente observação, e, por conseguinte, não há separação entre o pensador e o pensamento.

Por favor, não concordeis nem discordeis. Sei de tôdas as sutilezas que de costume se dizem: primeiro vem o pensador, depois o pensamento; "que nasceu primeiro, a galinha ou o ôvo? Isso são coisas velhas e bem sabidas. Mas, se queremos aprender, não devemos firmar-nos em nenhuma asserção. *Temos* de aprender. E quando se está aprendendo, percebe-se que só há pensar e não há pensador. O pensador é criado pelo pensamento. Quando não há pensamento, não há pensador, e, dessa maneira, se destrói totalmente a raiz do conflito. Só há *pensar*, e é êste que começa a criar a entidade chamada *pensador*, à qual atribui permanência. Essa permanência é uma idéia; não é uma realidade, porém mera idéia. Infelizmente, vivemos segundo idéias e não segundo fatos; não da ação, porém das idéias postas em ação, como estivemos dizendo outro dia.

Há, pois, apenas *pensar*. Sabeis o que acontece quando se percebe que só há pensar? Por favor, estamos tomando parte nisso junto; não podeis ficar dormindo. Estamos viajando juntos. Percebe-se que só há pensar — o que é um fato evidente — e não a entidade que pensa, separada do pensamento. Vêde, quando digo "Eu sinto cólera", êsse "eu", para a maioria de nós, é diferente da cólera. Mas, não é a cólera parte dêsse "eu"

que diz "sinto cólera"? Se houvesse apenas a cólera, como uma reação a que destes o nome de "cólera", o problema se tornaria diferente.

Entendeis, o que estou dizendo? Não existe uma entidade que diz: "Não devo estar encolerizado", ou "Devo continuar encolerizado". Há apenas aquêle sentimento ou reação, que denominamos "cólera". Quando se percebe que não existe uma entidade a condenar a cólera, altera-se tôda a anatomia do problema. Está difícil demais, senhores? Sinto-o, porque se não se compreender essa coisa, quando falarmos a respeito do mêdo, não vos libertareis do mêdo e nossos caminhos se separarão. Eis por que insisto nisto e porque disto me ocuparei tão profunda e detalhadamente quanto possível. É necessário perceber, compreender, que só há pensamento, como reação da memória, reação da experiência — pois o pensamento é isso. Pergunto-vos uma coisa e, ou respondeis prontamente, ou precisais de algum tempo para responder. A presteza da resposta indica que sabeis muito bem a resposta, que estais bem familiarizado com ela. Mas, se vos pergunto algo de muito mais profundo, que ignorais ou que esquecestes, tendes de refletir. Êste "refletir" é a procura, durante o intervalo de tempo.

Pensar, pois, é um processo mecânico; não é nada de sublime, de maravilhoso. Os cérebros eletrônicos estão também "pensando"; isto é, o cérebro eletrônico "responde" de acôrdo com os dados que lhe foram fornecidos, que constituem seu "conhecimento"; e, depois, quando lhe é feita uma pergunta, êle "responde". Conosco dá-se exatamente a mesma coisa. Atuamos por meio da associação, da experiência, do conhecimento prévio; e, quando provocado, êsse conhecimento "responde"; essa resposta é pensamento. Se se percebe que todo pensar é uma reação da memória e, por conseguinte, mecânico — portanto, coisa morta e não vital — altera-se tôda a nossa estrutura de conflito. Começa-se então a aprender a respeito do pensar. Descobre-se, então, quanto é importante compreender tôda a estrutura da memória, aprender a respeito dela; e que a memória é a sede de tôdas as reações. Os cientistas andam ocupados em investigar o problema da memória e a importância desta em certos níveis. E eu vos estou dizendo que a memória é importante em certos níveis; que noutro nível ela é sumamente des-

trutiva, pois resulta do tempo, do passado; e, se estais sempre a "responder" da base do passado, vosso pensar, òbviamente, procede do passado, de modo que nunca estais livre para olhar qualquer coisa de maneira completamente nova.

Assim, à mente que está aprendendo, e não adquirindo conhecimento, só interessa o *pensar,* e não *o pensador,* porque êste foi criado pelo pensamento. Vêde, isto é muito simples. Se gosto de uma coisa, nela penso constantemente; o pensar nela proporciona-me prazer e, por conseguinte, dou a essa coisa de que gosto uma continuidade, que se torna memória. E, se não gosto de uma coisa, trato de repeli-la — o que, a seu turno, dá continuidade a essa coisa. Considerai, pois, isto, *aprendei* a respeito disto: Que todo o nosso pensar é mecânico; e que, sendo o pensamento mecânico, o mero cultivo do pensamento nunca libertará o homem; por mais que logreis requintar, controlar, eliminar o pensamento, nunca sois livre. O que vos cabe fazer é aprender tudo o que concerne ao pensar e, dessa maneira, vos tornardes original. O aprender não é acumulativo.

Não há mais tempo para falarmos sôbre o mêdo; fá-lo-emos no próximo domingo ou em qualquer dia em que aqui nos reunirmos. Mas é necessário compreender muito claramente certas coisas: que o ato de aprender é completamente diferente do ato de adquirir conhecimento; que o aprender liberta energia, ao passo que a acumulação de conhecimentos e o atuar de acôrdo com êles, restringe a energia; que essa restrição, essa repressão da energia é conflito; que a verdadeira fonte do conflito é a separação entre o pensador e o pensamento; que, quando só há pensamento e por conseguinte não há condenação de nada, resistência a nada, só há o simples ato de aprender constantemente; que êsse *aprender* torna a mente jovem, nova, "inocente"; e, por fim, que essa mente não pode ser atingida pela idade.

Assim, a mente que é capaz de olhar, de ver, de escutar e aprender, é uma mente muito disciplinada — da disciplina nascida do aprender e não do ajustamento. A própria palavra "disciplina" significa aprender; mas, infelizmente, a traduzimos com o significado de ajustamento, pressão, etc. E, para aprender, necessita-se de atenção, e não de concentração, assunto de que trataremos noutro dia. Tudo isso requer energia e, por conseguinte, alimentação adequada, etc.

A mente religiosa é sempre jovem, isto é, está sempre aprendendo e, por conseguinte, fora do tempo. Só essa é a mente religiosa. Não aquela que vai aos templos, essa não é mente religiosa; não a que lê livros e está sempre a citar e a pregar moral; não é essa a mente religiosa. A mente que recita orações, que repete, repete, repete, está, no fundo, atemorizada e obcecada pelo conhecimento; portanto, não é uma mente religiosa. Religiosa é a mente que está aprendendo e, por conseguinte, nunca em conflito, em tempo algum, — a qual, por conseguinte, é uma mente nova, inocente. Essa mente *está só*. A mente necessita de estar inteiramente *só*, porque só assim pode transcender a si própria.

Nova Deli, 28 de outubro de 1964

NOVA DELI IV

A compreensão do mêdo

Outro dia estivemos falando sôbre o aprender. Aprender implica evidentemente um estado de humildade. Mas humildade não é submissão; não é menosprêzo próprio; não é dizer-se: "Eu não sei e vós sabeis; portanto, ensinai-me!" — é o estado da mente que se mantém vigilante e exige saber, aprender; não é um estado de aquiescência, aceitação. A humildade não é uma virtude. A humildade não pode ser cultivada; ou ela existe, ou não existe. Só os fúteis, os orgulhosos, cultivam a humildade; mas êstes não são, no verdadeiro sentido da palavra, humildes.

Assim, a mente que está aprendendo deve ser dotada dessa capacidade de não aceitação, não negação, não avaliação da própria importância, em nível algum e em tempo algum; ou deve ter a capacidade de negar e de verdadeiramente investigar, interrogar, questionar, criticar — não só criticar o que ouve dizer, mas também criticar a si própria; quer dizer, deve estar, criticamente e sem escolha, consciente do que se esta dizendo, e também consciente de si própria. A essa mente é necessário o aprender. E nós temos de aprender, de maneira nova, a respeito de tôdas as nossas relações, porque o mundo está passando por uma extraordinária transformação, a mudar ràpidamente, e as velhas tradições já não têm, com efeito, importância nenhuma. As divisões de classe estão desaparecendo, a não ser, talvez, neste país, onde a tradição é muito forte, onde se segue obedientemente um certo padrão estabelecido por um punhado de indivíduos, tais como os "santos" e "mahatmas", etc., padrão êsse completamente insignificativo.

Devemos investigar criticamente, inteligentemente, todo o problema das relações, não só das relações com a família mas também das relações do *homem*, das relações entre os homens, as quais constituem a sociedade; e isso requer uma mente crítica, que não aceita, que *aprende*. Mas, infelizmente, tanto ansiamos, a maioria de nós, que se nos diga o que devemos fazer, que seguimos àlacremente outro homem — um líder político ou um líder religioso ou mesmo um líder qualquer — se êle nos diz o que devemos fazer, porque nós mesmos não desejamos investigar, aprender, interrogar, exigir; satisfazemo-nos em ser guiados. Mas, a mente que está sendo guiada, que está seguindo a autoridade, é incapaz de aprender e, por conseguinte, incapaz de compreender o estado de humildade que não é submissão, pois esta última é uma palavra horrível.

A humildade é um estado enérgico da mente, quando está totalmente consciente de si própria, de todos os seus meandros e limitações, seu condicionamento, seus preconceitos, suas deficiências. Só essa mente pode *aprender* e compreender o tão complexo estado de relação entre os homens, que se chama sociedade. A sociedade é progressiva, cegamente impelida pelos ditadores, pelas revoluções, pelas circunstâncias econômicas, pela guerra, por uns poucos líderes verdadeiramente capazes e enérgicos; e essa sociedade está passando por uma mudança, uma evolução constante. Por conseguinte, a mente que não é capaz de aprender a respeito dêsse movimento da evolução social, nenhuma possibilidade tem de compreender êsse vasto movimento; dessarte, torna-se uma mente embotada, estúpida que aceita, que se ajusta. Mas, a mente que está aprendendo está sempre na dianteira da sociedade, por mais evolvida que seja essa sociedade. Eis por que é necessário compreender esta questão da humildade.

Qual o estado da mente quando estais *escutando*? Estais escutando palavras, idéias? Estais esperando que se vos diga o que deveis fazer? Ou tendes um padrão de ação, para vós muito importante, porque interessa diretamente vossa vida, e quando se questiona êsse padrão, resistis, vos retraís? Deveis descobrir por vós mesmo qual o estado de vossa mente, porque nós vamos examinar a questão do mêdo, exame êsse que requer uma mente muito penetrante e lúcida, capaz de aprender, de duvidar, de indagar, de exigir.

Como acabamos de dizer, a sociedade está progredindo, evolvendo. Há os que entravam êsse progresso, que retrocedem, voltando a tôda espécie de idéias tradicionais, antiquadas. Sua mente não é contemporânea, não marcha na dianteira da sociedade. Porque vivem na esfera das idéias, dos conceitos, das abstrações, forçam a sociedade num dado padrão — como o fazem os comunistas, os socialistas, e certas pessoas neste país. Têm padrões, conceitos que procuram impor aos demais; por conseguinte, não são espíritos contemporâneos. Por "espírito contemporâneo" entendo a mente que está perfeitamente a par da presente situação mundial, não só do ponto de vista econômico, mas também do ponto de vista político, científico, moral, psicológico; da situação dêste mundo, que vemos dividido entre Oriente e Ocidente, e dos potentíssimos meios de destruição ora existentes. Tudo isso são fatos; e dêsses fatos nos devemos abeirar com uma mente fresca, capaz de compreender e de aprender, e não com uma mente tradicional, impelida por padrões.

Assim, pois, antes de começarmos a examinar esta questão do mêdo, tendes de descobrir certas coisas, por vós mesmo, como ente humano — não como *indivíduo,* porque a *individualidade* vem muito mais tarde. Só virá a individualidade quando fordes completamente humano, sem o atual *fundo animal* de ambição, de avidez, de inveja, ódio, etc. Quando a mente está libertada de tudo isso, ela é, então, apenas a mente individual. E, alcançado êsse estado mental individual, ocorre algo extraordinário, e tereis a capacidade de ultrapassá-lo. Podeis presumir que sois dotado de uma alma, que sois independente, que sois "Eu Superior", etc.; tudo isso são meras palavras, sem significação, porque sois simples resultado de vosso ambiente. Estão vos ensinando certos padrões de pensamento, viveis numa determinada tribo social, ou raça, ou grupo, ou família; tais padrões vos condicionam a mente, e ficais a repeti-los. Mas a mente que está desperta, que exige, que questiona, que está consciente de tôdas as coisas da moderna existência — essa mente deve ter intensa capacidade de humildade. Esta, a humildade, não representa um estado de menosprêzo próprio, um estado de aceitação, de aquiescência, de ajustamento — pois, num tal estado, a mente não é *mente*. Deveis pensar com muita clareza, para questionardes muito clara e penetrantemente, não só o orador,

porém todo o mundo — vossos líderes políticos, religiosos, econômicos — de modo que vossa mente se torne aguçada pelo aprender. Mas êsse aprender vos é negado ao seguirdes a autoridade.

Não sei se ainda não notastes esta veneração da autoridade, existente em vós mesmo e ao redor de vós, principalmente nos países que têm antiquíssimas tradições, nos países superpovoados. A palavra "autoridade" deriva-se de uma palavra que significa [1]: "aquêle que dá origem a alguma coisa, aquêle que *origina*". Nós não somos originais, porque não sabemos, não compreendemos o que significa pensar claramente, independentemente do que foi dito por Sankara, por Buda, ou outro qualquer. Para o indivíduo pensar claramente, por si próprio, não deve haver nenhuma autoridade. Mas, por desgraça, principalmente neste país (talvez também noutros, mas estamos-nos referindo a êste país) a autoridade predomina. Não estamos comparando êste país com nenhum outro país; esta é uma velha manha dos políticos: quando se diz que o país está corrupto, o político replica que êle é melhor, menos corrupto do que outro país; acham êles, os políticos, que estão fazendo maravilhas... Mas, estamos falando de uma coisa completamente diferente. Não estamos comparando. Estamos vendo os fatos. E, para se verem os fatos, não se deve comparar — como é possível comparar? E para se verem os fatos, não-intelectualmente, exige-se muita afeição, muita compaixão, amor intenso, *empatia.* [2] Mas, é negada essa afeição, êsse amor, quando se venera a autoridade.

Considerai bem o que o orador está dizendo; não concordeis com êle. Observai o que está ocorrendo em vossa própria vida, porque a obediência à autoridade é uma das origens do mêdo. Temos o *Gita* ou outro livro, e tal livro é nossa autoridade; essa autoridade é completamente sem significação, em relação à existência contemporânea [3]. Porque a mente têm mêdo de afas-

---

(1) Latim: *auctor.* (N. do T.).

(2) *empathy*: projeção da própria consciência noutro ente (Webster).

(3) "Contemporânea" no sentido que Krishnamurti está dando à palavra nesta palestra. (N. do T.).

tar-se daquilo que pensa ser o real ("o real", conforme afirmado por um certo grupo ou por certas pessoas), ela aceita. Aceitais a autoridade, não só espiritualmente — se se me permite o emprêgo desta palavra, — mas também polìticamente, religiosamente, em todos os sentidos. A autoridade não existe apenas sob um certo aspecto — a autoridade ou domínio da mulher sôbre o marido ou do marido sôbre a mulher. Todos queremos o poder; e o poder está associado à ambição, e esta é uma forma de expressão individual. Todos desejamos "expressar-nos"; quer dizer, desejamos ser *alguém* neste mundo — como escritor, pintor, político, líder religioso, etc., etc. Assim, pois, a mente que está escravizada à autoridade — à autoridade da mulher, do marido, da sociedade, do povo — a mente que venera a autoridade é incapaz de afeição, de amor, ou de *aprender*. Podeis seguir outro homem, mas pelo fato de o seguirdes, não resolvereis vosso sofrimento. Êle poderá dar-vos a possibilidade de *fugir* ao vosso sofrimento, vosso desespêro, oferecendo-vos uma esperança, mas essa esperança pode ser ilusória, irreal, inane. Tanto mêdo temos da existência, que desejamos uma certa esperança, e, assim, corporificamos na autoridade essa esperança.

Por conseguinte, para compreender o mêdo, deve a mente compreender a autoridade, o desejo de preenchimento pessoal e a ânsia de poder. A função confere poder. Isto é, tendes capacidade para fazer uma certa coisa — capacidade para governar, para montar máquinas, administrar uma casa com ordem, asseio, simplicidade — e isso vos confere uma *função*. Mas, infelizmente, à função está associada a *categoria*, ou seja, posição, dinheiro. Assim, a mente que deseja aprender deve ter essa humildade... já ia dizendo "humildade bastante agressiva". "Humildade agressiva" é naturalmente uma expressão contraditória; mas entendeis bem o que quero dizer, isto é, que essa mente deve ter a intensidade da não-aquiescência, uma vez que a humildade é a companheira da liberdade. E se não há liberdade, não tendes possibilidade de *aprender*. Assim sendo, para compreenderdes o mêdo, deveis compreender todo o processo da autoridade — o que não implica a desobediência... vós tendes de pagar os impostos. É importante compreender porque obedecemos, mas isso não significa que devemos desobedecer. Vós

obedeceis porque, psicològicamente, interiormente, tendes mêdo: podeis perder vosso emprêgo se não vos mostrardes muito cortês e subserviente para com um certo "homem importante", o gerente ou o ditador, o patrão ou o *guru;* ou perder vossos valôres espirituais, etc.

Senhores, não estais assistindo a uma conferência. Isto não é uma arenga, uma prédica moralista. Estamos aqui em comunhão, tentando compreender, juntos, êste complexo problema do viver, que, com efeito, é um problema muito complexo. Necessitais, todos os dias, de uma mente fresca, para compreenderdes vossa família, vossa espôsa ou marido, vossos filhos; necessitais de uma mente fresca para aprenderdes a executar eficientemente vosso trabalho. Estamos, pois, tentando compreender os problemas. Trata-se de *vossos* problemas e, por conseguinte, não tendes apenas de escutar palavras, de rejeitá-las, aceitá-las, ou dizer que "é isso mesmo", ou ter opiniões. Estamos olhando em conjunto, compreendendo, tentando conjuntamente explorar êste complexo problema. Estais, portanto, tão ativos como o orador, se não muito mais ativos.

Cumpre, pois, distinguir — quando se compreende a autoridade — porque obedecemos à lei, e porque obedecemos psicològicamente. Devemos, também, compreender o que é *função* e o que é *posição.* Porque, através da função, queremos *posição.* O que mais nos interessa não é a função, porém a posição. Porque a posição — conferindo-nos certos privilégios, se torna muito mais importante do que a função. Mas, se se considera apenas a função — e nenhuma consideração se dá à posição — nesse caso, o cozinheiro é tão importante como o Primeiro-Ministro. Ambos estão apenas desempenhando *funções* e, assim, formais sôbre os dois uma mentalidade inteiramente diferente: não dais pontapés no cozinheiro, nem bajulais o Primeiro-Ministro. Tratais a ambos como funcionários — e não como máquinas — como entes humanos sujeitos a errar. Mas, no momento em que vos vem a idéia de *posição,* começa então o desrespeito; e, quando começa o desrespeito, estais perdido; mostrais então respeito a um e desrespeito a outro. A mente que compreende, em seu todo, êsse processo psicológico da autoridade, deve examiná-lo, porque aí se encontra uma das raízes do mêdo.

Todos exigimos preenchimento pessoal, todos queremos ser *alguém*. Provàvelmente, gostaríeis de estar sentado aqui, no meu lugar. Isso está implantado na mente; porque todos desejamos ser *gente*: notáveis, famosos, com nossos nomes nos jornais; desejamos "expressar" nossas personalidades: escrevendo um livro, pintando um quadro, ou através da família, da espôsa, dos filhos, de nosso trabalho. Por todos os meios, desejamos "expressar-nos". Nunca pomos em dúvida a existência de tal coisa — a auto-expressão — mas queremos *expressar-nos*. No momento em que começamos a investigar o problema da expressão, notadamente de nossa própria expressão, vê-se que a mente que anda sempre em busca de auto-expressão está sempre em conflito, sempre atraindo sôbre si o desespêro e, por conseguinte, sempre temerosa, resistente, agressiva. Portanto, deveis aprender, deveis saber, estar consciente dessa ânsia de expressão. Que desejais expressar? Que entendeis por expressão pessoal? Essencialmente, ela significa isto: tornar-se conhecido no mundo. E isso significa o quê? Ser reconhecido como homem notável, como pessoa importante, muito inteligente, esclarecida, etc. E estamos sempre ansiando por *expressar-nos*, em pequenas coisas e em grandes coisas. Por isso há sempre competição, e por causa da competição, crueldade. E consideramos essa capacidade, essa cruel eficiência, "progresso". Observai-vos, por favor. Não estais apenas ouvindo. Observai vossa própria vida. Vereis que, quanto maior a capacidade, quanto maior a inteligência, tanto mais forte e profundo o impulso, a ânsia de vos preencherdes, de serdes *alguém*. Quando desejais ser *alguém*, êsse desejo é de vos preencherdes, quer em Deus ou numa idéia — pois Deus é uma idéia — quer no Estado, que na família. Que está implicado nesse autopreenchimento? Que *vós* quereis ser *alguma coisa;* e êsse "Vós" é meramente uma idéia, uma abstração, uma lembrança; e aí está uma das principais fontes do mêdo. Por isso, há ambição, a autoridade, a auto-expressão, e o mêdo ao amanhã.

Ora, que é o mêdo? O mêdo não pode existir por si só. Êle não é uma abstração. A abstração só se torna existente quando estamos fugindo do mêdo para uma idéia, um conceito, certas atividades. Suponhamos que uma pessoa tem mêdo; sua mente é incapaz de enfrentá-lo, e busca um meio de fugir a êle.

Então, todo pensamento, tôda atividade relacionada com essa fuga — fuga ao fato do mêdo — gera uma abstração, uma vida de contradição; e uma vida de contradição gera mais mêdo, mais conflito, e tôdas as complexidades da existência. Por isso, cumpre compreender o mêdo, porque o mêdo gera ilusões, o mêdo torna a mente embotada. Não sei se ainda não notastes que, quando tendes mêdo, por várias razões, vossa mente recua, isola-se, e trata imediatamente de apelar para alguém que possa ajudá-la a tirar-se dessa situação; como a mente constrói ao redor de si uma muralha, representada por atividades várias, por mentiras — qualquer coisa, menos enfrentar o mêdo.

Vamos, pois, nesta tarde, enfrentar o fato — não o mêdo de quem vos está falando, mas *vosso mêdo*. Como compreender êsse mêdo? A compreensão dêsse mêdo é a libertação dêle; e vamos examinar isso. Vamos empreender uma viagem, vamos, todos juntos, comungar com essa coisa que chamamos "mêdo", pois precisamos perceber a importância de compreender o mêdo. Essa compreensão é uma necessidade. A mente que vive com mêdo é uma mente morta, uma mente embotada; é uma mente incapaz de olhar, de ver, de ouvir claramente, diretamente. Muito importa, por conseguinte, compreendermos nossas relações com outros, com a sociedade, com tudo, para ficarmos totalmente livres do temor — não parcialmente, não fragmentàriamente, não em certas ocasiões, porém completamente. Eu digo que isso é possível, e a êsse respeito vamos falar. O mêdo, pois, não é uma abstração, uma coisa de que podemos fugir; é uma realidade. Ainda que consigais fugir, por um dia, por um ano, por algum tempo, êle tornará a pegar-vos e a acompanhar-vos por tôda parte. Podeis desviar dêle os olhos, mas êle *lá estará!*

O mêdo só existe em relação a alguma coisa. Tenho mêdo da opinião pública, tenho mêdo de minha mulher, de meu patão, tenho mêdo de perder meu emprêgo, tenho mêdo da morte, mêdo da dor; se estou doente, gostaria de recuperar a saúde, e quando a recupero, tenho mêdo de uma recaída, de tornar a adoecer; tenho mêdo porque me vejo só; tenho mêdo porque ninguém me ama, ninguém se mostra afetuoso para comigo; tenho mêdo porque tenho de viver sem ser *alguém*. Há várias formas de mêdo, consciente e inconsciente. Se estais vigilante,

por pouco que seja — "vigilante", não de maneira restrita, porém extensamente — percebereis vossos manifestos temores: o receio de perder o emprêgo, e, por conseguinte, a necessidade de suportar entediante rotina, agradar o superior, aturar-lhe os insultos, as desumanidades; o mêdo de não vos preencherdes; o mêdo de não vos tornardes alguém, de vos extraviardes. Temos, pois, inumeráveis temores e, conscientemente, a possibilidade de conhecê-los. Se conscientemente, deliberadamente, destinardes meia hora a descobrir os vossos temores, pelo menos os mais óbvios, ser-vos-á muito fácil livrar-vos dêles. Mas muito mais difícil é descobrir os temores inconscientes, profundos, que são de maior importância e que, durante o sono, se revelam em sonhos, etc. Não tratarei disso agora.

Cumpre, pois, compreender o mêdo. Ora, o mêdo pode assumir diferentes formas: temo a opinião pública, temo adoecer, temo perder minha espôsa, temo "não ser *ninguém*", temo a *solidão* — sabeis o que significa esta palavra? Já alguma vez estivestes *só*, sentistes o que significa *"estar só"*? Pròvàvelmente nunca, porque estais rodeado de vossa família, estais sempre ocupado em vosso emprêgo, a ler um livro, a escutar o rádio e na incessante tagarelice dos jornais. Assim, pròvàvelmente, nunca conhecestes o estranho sentimento de completo isolamento. Ocasionalmente, podeis ter tido sugestões dêle, mas, é bem provável que nunca tenhais estado em contato direto com êle, como com a dor, com a fome, com o sexo. Entretanto, se não compreenderdes essa solidão que é a causa do mêdo, nunca compreendereis o mêdo e dêle vos libertareis.

O mêdo pode expressar-se de muitas maneiras — e o faz — mas só existe *um* mêdo. Mêdo é mêdo, não importa a forma em que se nos mostra, nem os meios através dos quais nos tornamos conscientes de sua existência. Posso temer a opinião pública, a morte, a perda do emprêgo, mil-e-uma coisas; porém o mêdo permanece o mesmo. Ora, se o mêdo é consciente ou inconsciente, isso é que se precisa descobrir, investigar. Infelizmente, dividimos a vida — como o têm feito os mais modernos psicólogos, etc. — em "consciente" e "inconsciente". Prestai atenção, por favor! Talvez êste assunto não vos interesse, talvez nunca tenhais, sequer, pensado nêle. Não é uma questão

de grande importância em vossa vida, como o é a fome, a perda do emprêgo, o pertencer a uma certa classe. Examiná-la-emos, ràpidamente, por ora. Não entraremos em pormenores a seu respeito, não a investigaremos profundamente; seremos breve.

Dividiu-se a mente em consciente e inconsciente. A mente consciente é a mente educada, a moderna mente tecnológica — o homem que vai ao escritório todos os dias, que se entedia, que está farto de tanta rotina, e a quem falta amor, para fazer as coisas pelo gôsto de fazê-las. A mente consciente, pois, a mente mecânica — observai-a, senhores! — só pode pensar mecânicamente, funcionar mecânicamente. Todos os seus atos são mecânicos — o sexo, os impulsos, a percepção das coisas, as maneiras — o ser-se bondoso quando convém, e brutal quando não compensa ser bondoso; observai tudo o que se passa, o estranho fenômeno da moderna civilização. E temos, também, o inconsciente e suas profundezas, que exigem grande capacidade de penetração e compreensão. É possível compreendermos o todo — isto é, tanto o consciente como o inconsciente — imediatamente, num relance; ou podemos servir-nos do tempo para analisá-lo, analisar tôdas as mensagens e sugestões do inconsciente, trazidas pelos sonhos, etc.

Como disse, é possível compreender-se tôda a estrutura da consciência, ou seja "Vós", como homem ou mulher, como ente humano, compreender-se o todo da consciência de dois milhões de anos; não estamos aludindo à reencarnação, porém à consciência do *homem,* que evolveu do infinito esetado ao seu estado atual. Todo êsse resultado, tôda essa estrutura psicológica, social, de avidez, de inveja, ambição, desespêro, pode ser compreendida *imediatamente* e totalmente eliminada. Ou pode-se também analisar, passo a passo, todo o processo da consciência. Entretanto, parece-me — parece-me, *não,* assim é de fato — essa análise não libertará a mente. Que poderá então libertar a mente de sua ambição, avidez, inveja, cólera, ciúme, exigência de poder — que são impulsos animais? Não sei se já observastes os animais. Ide a um aviário e observai como as aves se bicam entre si, e têm uma certa ordem social estabelecida. Também nós conservamos todos os instintos animais, conscientemente e também inconscientemente. E podemos compreender tôda essa estrutura psicológica e libertar-nos imediata e totalmente dessas

relações humanas baseadas no instinto, nos impulsos animais; *imediatamente,* pois só assim podemos libertar-nos, e não por meio da análise.

Mas, para se compreender essa coisa, essa consciência, precisamos estar real e totalmente livres do mêdo. O mêdo é a essência do animal. Mas, para compreendermos o mêdo, devemos entrar diretamente em contato com êle — mas *não* verbalmente. Considerai vosso próprio mêdo. Tendes mêdo de alguma coisa, talvez de vossa mulher, de vosso marido, de vossos filhos. Considerai vosso mêdo, *olhai-o,* trazei-o para a luz; não procureis reprimi-lo, não o aceiteis nem o rejeiteis, mas "tomai-o nas mãos" e olhai-o! Para o olhardes, necessitais de uma mente completamente desperta, e não uma mente vaga e indolente. Porque, quando olha o mêdo, a pessoa ou entra em direto contato com êle, ou vai parar no hospício — como acontece com alguns — ou "sabe" o que deve fazer em relação a êle. E nós o estamos examinando diretamente, não abstrata ou verbalmente; estamo-nos pondo diretamente em contato com êle. Dissemos que há várias causas do mêdo, porém o mêdo é sempre mêdo. Os objetos de temor e a relação dêles com vós mesmo poderão variar, mas o mêdo permanece sempre o mesmo, ainda que se manifeste de diferentes maneiras.

Ora, a maioria de nós não entra em contato com o mêdo. No momento em que o mêdo se nos revela, em qualquer forma, logo tratamos de fugir. Há o mêdo da morte. Não falarei sôbre a morte; fá-lo-emos noutro dia, se houver tempo. Quando sentis mêdo da morte, todo o vosso maquinismo defensivo, psicológico, se põe imediatamente em movimento; inventais crenças, tendes visões, tendes sonhos; mas evitais "aquela coisa". Assim, o que se deve perceber em primeiro lugar é que qualquer forma de fuga não só perpetua e fortalece o mêdo, mas também cria conflito e, por conseguinte, impossibilita a mente de se pôr diretamente em contato com o mêdo. Suponhamos que êste orador sinta mêdo: êle tem uma certa idéia, uma certa esperança; essa esperança, essa idéia, essa fuga, se torna muito mais importante do que o próprio mêdo, porque se está evitando o fato, e essa fuga — e não o mêdo — cria conflito. Quando um homem está diretamente em contato com alguma coisa — não-

-verbalmente, não-abstratamente — e sem tratar de fugir, não há conflito; êle fica onde está. Só para aquêle que tem idéias, esperanças, opiniões, defesas de todo gênero, existe conflito; e êsse conflito o impede de entrar em contato direto com o mêdo.

A maioria das pessoas têm mêdo e inventaram todo um sistema de fugas: o templo, a incessante atividade da mente inquieta, estúpida; inventaram tantos temores e tantas fugas, que seu conflito se torna cada vez maior. Assim, precisamos estar conscientes do mêdo, e não indagar "Como fugir?" ou "Como deixar de fugir?" — Porque, quando se compreende que tôda forma de fuga ao mêdo só pode criar mais conflito e, por conseguinte, não há contato direto com o mêdo (e só o direto contato pode livrar-nos dêle), quando compreendemos isso — *realmente*, e não intelectual ou verbalmente, ou como coisa ouvida de outro; quando *vemos*, por nós mesmos, êsse fato, então não fugimos mais. Então o templo, o livro, o líder, o *guru* mais próximo — tudo isso desaparece. Então, já se não é ambicioso.

A fuga ao mêdo pode ser concreta: o rádio, o templo, atividades. Ou pode dar-se mediante abstrações; quer dizer, a palavra nos ajuda a fugir ao mêdo. Escutai, por favor, para verdes por vós mesmo. O mêdo não é uma abstração, não é uma palavra; mas, para a maioria de nós, a palavra tomou o lugar do fato. Percebeis? A palavra "Mêdo", que é uma abstração, tomou o lugar do fato, que é o mêdo real, e, por conseguinte, estais em contato com a palavra abstrata e não com o fato. Espero estar-me fazendo claro. Tendes, pois, de compreender o mêdo; com "compreender", não quero dizer "compreender verbal ou intelectualmente o mêdo", porém enfrentá-lo e livrar-se dêle totalmente.

E isso só é possível quando não há fuga de espécie alguma — fuga por meio de atividades ou por outra forma, ou a fuga por meio da palavra, a qual, para a maioria das pessoas, toma o lugar do fato real. Compreendendo isso, estareis diretamente em contato com o temor. Nesse contato, não há intervalo de tempo, não há dizer "Eu o vencerei" ou "Eu desenvolverei a coragem" (o que também é muito estúpido), quando sentis mêdo. Isso é proceder como as pessoas que são violentas e vivem a falar de não-violência. É muito estúpido isso, porque não tem validade alguma. O que tem validade é a violência e a ela é que cum-

pre dar atenção. Mas — falar, dar a volta ao mundo pregando a não-violência, isso é próprio de uma mente hipnotizada, irrealista. Estamos, pois, considerando fatos; mas não podemos ocupar-nos com *o que é* se há qualquer forma de fuga, consciente ou inconsciente.

Há o mêdo físico. Quando se vê uma serpente, um animal feroz, sente-se, instintivamente, mêdo: é um mêdo natural, são, normal. Não é mêdo, porém instinto de conservação — coisa normal. Mas, a autoproteção psicológica — ou seja o desejo de estar sempre seguro — gera mêdo. A mente que quer estar sempre em segurança é uma mente morta, porque *não há* segurança, não há permanência nesta vida. E, por causa de vosso desejo de estabelecer uma permanência nas relações com vossa espôsa, com vossos filhos, etc., tendes ciúme e aquela coisa terrível que se chama "a família". Quando nos pomos diretamente em contato com o mêdo, há a reação dos nervos, etc. E então, como a mente já não está a fugir por meio de palavras ou de quaisquer atividades, não há separação entre o observador e a coisa observada — o mêdo. Só a mente que trata de fugir se separa do mêdo. Mas, quando há direto contato com o mêdo, não há então observador, nenhuma entidade que diz: "Tenho mêdo". Assim, quando se está diretamente em contato com a vida, com qualquer coisa, não há separação. É a separação, a divisão, que gera a competição, a ambição, o mêdo.

O importante, pois, não é "Como livrar-nos do mêdo?" Se buscais um método ou sistema para vos livrardes do mêdo, ficareis perpètuamente nas suas garras.

Mas, se compreenderdes o mêdo — e isso só é possível quando estais em contato com êle tão diretamente como estais em contato com a fome, ou tão diretamente como quando vos vêdes ameaçado de perder o emprêgo — então agis; só então o mêdo desaparece de todo — o mêdo em *tôdas* as suas formas, e não esta ou aquela forma de mêdo. Porque, da libertação e compreensão do mêdo, do aprender a respeito do mêdo, nasce a inteligência, e a inteligência é a essência da liberdade. Mas, não existe inteligência quando há qualquer forma de conflito; e conflito haverá sempre, enquanto houver Mêdo.

Nova Deli, 1.º de novembro de 1964

NOVA DELI V

O tempo, a morte e o amor

Como há dias estivemos dizendo, muito importa ao ente humano entrar diretamente em contato com seus problemas. Temos muitos problemas, em todos os níveis de nossa consciência — não só problemas econômicos e sociais, mas também de natureza muito mais profunda. Vivemos com êsses problemas e não parecemos capazes de transcendê-los. Conformamo-nos com êles e os vamos arrastando conosco da melhor maneira que podemos; e, no fim de tudo, aguarda-nos a morte. Mas, a mente que vive a aceitar e a suportar os problemas é, por certo, uma mente embotada e incapaz de ver as coisas de maneira eficaz, "contemporânea". Os problemas têm de ser resolvidos; não se pode viver com êles. Viver com um problema é como viver com uma doença; ou ela vos destrói, ou fazeis alguma coisa em relação a ela e vos curais; e, se a doença é incurável, a aceitais e suportais conforme vossas fôrças. Em geral, vivemos com problemas; acostumamo-nos com êles. E, assim como a Terra está dividida em raças, grupos, nacionalidades, sexos, crenças religiosas, assim também nossa mente está dividida; e cada divisão tem seus problemas. A mim me parece que a mente que é incapaz de resolver qualquer dos problemas que se lhe apresentam, tem de deteriorar-se, a pouco e pouco, espedaçar-se, tornar-se insensível; e, dessa maneira, seus problemas aumentam.

Temos, pois, de resolver nossos problemas, não como indivíduos, porém como entes humanos. Acho que há diferença entre um *indivíduo* e um ente humano. Somos, coletivamente, entes humanos, com nossas peculiares tendências, nossas nacionalida-

des, crenças religiosas, dogmas; somos ainda "a massa". Não somos absolutamente *indivíduos;* a individualidade aparece muito mais tarde. Quando ultrapassais tôdas as condições — tôdas as condições nacionais e religiosas — então vos tornais um indivíduo. Mas como a maioria é "coletividade", "massa", suas relações com a sociedade se tornam mais e mais complexas, mais e mais exigentes — exigentes de mais eficiência, de perspectivas mais grandiosas e mais amplas. Mas, ou a pessoa resolve êsses problemas, em sua totalidade, ou é por êles destruída. É o que acontece com tôdas as civilizações. Quando uma civilização, um agrupamento humano, não pode resolver os seus problemas, então, essa civilização, êsse grupo, é destruído. Isso são fatos históricos. Nós, como entes humanos, temos muitos problemas. Com a frase "entes humanos" refiro-me à entidade que é o resultado de muitos milhões de anos. Essa entidade, o ser humano, tem muitos problemas; e, infelizmente, êle vem fracionando os seus problemas e aceitando soluções fragmentárias.

Como tenho dito, nestas palestras, não estais aqui ouvindo palavras. Estamos procurando estar em comunhão e tentando compreender os problemas de cada um de nós. E, se se está meramente a ouvir palavras, intelectual ou emocionalmente, ou com uma defesa, isto é, rejeitando ou aceitando irrefletidamente, isso impossibilita a comunhão. Temos de *comungar* e de compreender nossos problemas particulares. Êsses problemas são numerosos e exigem solução, exigem que entreis em contato com êles e dêles vos liberteis; por conseguinte, vós e eu devemos *escutar* um ao outro. Vós estais escutando o orador. Mas, provàvelmente, não estais escutando vossos próprios problemas, porque, se tendes um problema, vosso desejo único é resolvê-lo. Mas não podeis resolver nenhum problema isoladamente, pois todos os problemas estão relacionados entre si. Quer se trate de problemas científicos, quer de problemas religiosos, psicológicos, econômicos, ou sociais — quaisquer problemas — todos estão relacionados entre si. Não podeis resolver um só dêles separadamente. Não podeis separar-vos, na vida, como cientista, como artista, como escritor, economista, comunista, socialista, capitalista, e tratar de resolver os problemas humanos dêsse ponto de vista particular, estreito, limitado; dessa maneira êles nunca serão resolvidos. E, parece-

-me, esta é a primeira coisa que cumpre compreender: Por mais inteligente que a pessoa seja, por mais que aceite a mais moderna teoria, a mais moderna filosofia, a mais moderna terminologia, ou por mais que esteja sujeita à influência da sociedade, ela precisa resolver os seus problemas em sua totalidade — e não na qualidade de burocracia, de dona-de-casa, de comunista ou socialista. Deve-se tomar o homem como um todo e resolver os seus problemas como um todo, e não separadamente. Esta, acho eu, é a coisa mais importante que se deve perceber: isto é, que, assim como dividimos a Terra em mundo capitalista e mundo comunista, bloco Ocidental e bloco Oriental, em Índia e outro país, assim também dividimos os nossos problemas — cada setor procurando resolver os seus problemas desassociados do todo.

Assim, se nesta tarde vamos resolver os nossos problemas — e é possível resolvê-los totalmente — temos de penetrá-los. Mas, para os resolverdes, deveis sair de vosso "canto", que tão diligentemente tendes cultivado, e olhar o problema como um todo. E não podeis olhar o problema como um todo se não compreendeis, em sua inteireza, a questão do tempo. Conheceis o tempo. Só há um tempo: o tempo do relógio. Não há outro tempo. Não há, com efeito, nenhum amanhã, a não ser o amanhã criado pelo pensamento. Na realidade, não existe *amanhã*. Paciência, senhores, que já vou explicar isto. A questão requer muita investigação, e não, meramente, que se diga: "Que disparate estais dizendo! *Há* amanhã. Tenho de ir ao escritório, tenho de ganhar dinheiro para comprar "isto" e fazer "aquilo", tenho de ir a um certo lugar — *amanhã*." — Claro que há um amanhã — *cronológico!* — nas vinte e quatro horas marcadas pelo relógio. Mas, existe outra espécie de tempo? Nós fizemos o tempo — não o "tempo cronológico", porém o "tempo psicológico" — como meio de resolver nossos problemas: "Resolverei meu problema *amanhã*, "Farei *isto*", "Farei *aquilo*". O pensamento inventou o tempo, uma *irrealidade*, e esta é uma das nossas dificuldades.

Êste assunto requer muita investigação, e não que se "aceite" ou "rejeite", porque tôda a nossa educação, nossas maneiras de pensar — a criação de uma utopia, que significa o sacrifício do presente pelo futuro, o desenvolvimento do caráter, e a idéia "serei", "terei êxito", "ganharei", "virei a ser" — tôdas elas estão

na esfera do tempo que o pensamento criou. E o que o pensamento criou não é real. Só há um tempo, o tempo do relógio.

Por que cria a mente o tempo, êste tempo do futuro, do amanhã, do próximo momento? Por que dizeis que ireis *fazer* uma certa coisa amanhã? Por que dizeis que *ireis* deixar de fumar? A vontade, isto é, o "*farei* tal coisa", que está no tempo, no futuro, é pensamento criado pela mente. Quando dizeis "farei" ou "tentarei", quando dizeis "no ínterim" — tudo isso indica que estais jogando com um tempo artificial, e não com o tempo cronológico. A mente, pois, inventa o tempo, em primeiro lugar como meio de adiamento — prestai atenção! — *como meio de adiar a ação*. Tôda a nossa educação está relacionada com o futuro — porque estamos tão insatisfeitos com o presente, que não o compreendemos. O presente é complexo demais. O presente exige que apliqueis vossa atenção total a tudo o que fazeis, a todos os vossos pensamentos, a todos os vossos sentimentos; êle exige *interêsse* por tudo o que fazeis, interêsse por vossa palavra, interêsse por vossos gestos, por vossas maneiras de falar e de olhar; isso requer tremenda energia, enorme atenção. Mas, se dizeis: "Serei não-violento num outro dia qualquer", tendes a não-violência como um ideal que pretendeis pôr em prática — como infelizmente se faz em nosso país, onde eternamente se fala de não-violência e cada um, em seu íntimo, continua violento. Inventa-se essa coisa como uma idéia, um meio de adiamento, um ideal; e, no ínterim, cada um faz o que quer: continua violento, brutal, cólerico, ciumento, invejoso, mas, "no fim", estará livre de tudo isso.

Assim, pois, a mente inventou o tempo como "processo gradativo", psicològicamente falando: "gradualmente, farei isto". Suponhamos que eu tenha de aprender algo. Não posso aprender imediatamente. Necessito de tempo. Necessito de vários dias, talvez de vários meses — quer dizer, no sentido cronológico. Mas, êsse é um tempo completamente distinto daquele tempo que tenho em mente quando digo "Farei isto", "Tornar-me-ei isto", "Desenvolverei o caráter", "Resistirei", "Controlarei". Quando digo "Hei-de fazer isto", o futuro está contido nas palavras "*hei-de*"; o presente ativo, não. O presente ativo *é*, e não "*será*". Escutai! A maioria de vós provàvelmente nunca pensou nisso. A alguns, o que se está dizendo parecerá

mesmo estranho, fantástico, irreal; algo de inexeqüível; a coisa, por conseguinte, se torna um ideal, uma teoria. Mas, se se percebe que não há amanhã psicológico, *nenhum* "amanhã", então nunca se pensará *"Serei"* — "Serei bom", "Serei generoso", "Serei honesto", ou "Serei menos corrompido". Quando a mente percebe claramente a questão do tempo como gradação, como progressão, como meio de progresso gradativo, o tempo se torna então totalmente irreal; então só se tem à frente o tempo chonológico, e nenhuma outra espécie de tempo. A ação é então totalmente diferente. A mente deve perceber que não há "amanhã", porém, tão-só, um amanhã inventado.

Tendes muitos problemas, que pensais ireis resolver pela investigação, pelo adiamento, pelo indagar de outrem o que se deve fazer a respeito dêle, ou pelo lento processo analítico — sendo que tudo isso é o processo de tempo. Se percebeis que nenhum tempo existe senão o tempo cronológico, vêdes-vos então na necessidade de resolver o problema imediatamente, não adiá-lo. Senhores, quando tendes um problema de fome, ou de desejo carnal — *êsses* são problemas imperiosos — não dizeis "Comerei amanhã", "Satisfarei noutro dia meu apetite sexual" — — porquanto se trata de necessidades prementes, que exigem ação imediata. Mas nós, entes humanos, inventamos o tempo como meio de procrastinação, como meio de não entrarmos diretamente em contato com o problema, como meio de fuga.

Observai-vos, por favor! Deixai-me repetir. Para aprender, deveis ter uma mente curiosa, uma mente que exige, que questiona criticamente, que não aceita ou rejeita. Uma mente capaz de investigar, mente que não conhece autoridade, nem a autoridade do govêrno, nem a de Moscou, nem a de nenhum outro país do mundo, nem a de vosso *guru* particular. Uma mente que está aprendendo, investigando, indagando — pois só assim se *aprende*. Só se aprende quando se rejeita tudo, antes de começar — e isso para a maioria de nós é dificílimo; preferimos continuar a viver em nosso mundo de lama, de irreflexão, e de repetição, criando problemas e mais problemas e com êles morrendo.

Cumpre, pois, compreender profundamente a questão do tempo. Isto é, temos de viver tão completamente no presente,

que a mente não pense no futuro, porque não há futuro, a não ser aquêle que a mente inventa. Ora, viver completamente no presente é uma das coisas mais difíceis; não significa aceitar o presente e ir vivendo, de dia em dia, em negligente e improfícua disposição de espírito — um estado despreocupado do futuro, desinteressado do que irá acontecer. Muita gente, em razão de seu estado de desespêro, de aflição, tenta afastar de si todos os problemas e viver, meramente, de dia em dia; isso não é viver no presente. "Viver no presente" significa que a mente não pensa no "amanhã" porque compreendeu todo o processo do tempo. Não podeis viver no presente — o que exige enorme aplicação de energia e de atenção — se vossa mente está condicionada como hinduísta, *sikh*, maometana — e tantas outras estúpidas divisões criadas pelo homem. De tudo isso deveis estar livre, para viverdes ardorosamente, completamente, no presente. Tem então o tempo um significado todo diferente; o tempo é morte.

Iremos considerar a morte em relação com o tempo, e em relação com o amor. Mas, se não compreenderdes o processo integral do tempo, não podereis entrar em contato com o problema da morte e, por conseguinte, compreendê-la. E, se não compreenderdes essa coisa extraordinária chamada "morte", não compreendereis o amor. Assim, pois, o tempo, a morte, e o amor estão relacionados entre si. Naturalmente, não temos tempo para analisarmos por miúdo esta questão do tempo. Se não tivésseis o "tempo", entendido como "amanhã", ver-vos-íeis frente-a-frente com vosso problema pessoal, em íntimo contato com êle. De modo nenhum se deve pensar em adiar êsse problema. Não há tempo para análises. O problema tem de ser resolvido imediatamente. E pode-se resolver imediatamente qualquer problema, quando a mente não está envolvida no tempo.

Vêde, senhores! Ali está um cavalheiro a mexer as pernas, sem se dar conta disso. Se lhe disserdes "Prestai atenção ao que estais fazendo", êle se deterá momentâneamente, porque se lhe chamou a atenção para o que está fazendo, e, durante êsse momento, estará inteiramente cônscio disso. Porém, passados alguns minutos, recomeçará êsse tique nervoso; e isso significa que êle não compreendeu o hábito, o hábito como "tempo".

O tempo, pois, é produto do pensamento; o tempo é produto de nosso desejo de fazermos as coisas gradualmente, de querermos realizar ou promover, a pouco e pouco, qualquer mudança ou transformação interior, psicológica — porque somos muito medrosos. Tememos fazer qualquer coisa imediatamente, porque não sabemos o que será o futuro. Se fizéssemos certas coisas, não saberíamos quais seriam as conseqüências; por conseguinte, desejamos levar tudo em consideração — o ontem, o hoje, e o amanhã — e enquanto isso os problemas se vão multiplicando. Mas, se não tivésseis nenhum amanhã, — sendo "amanhã" a memória, a reagir como pensamento — e se tivésseis compreendido a inteira estrutura da memória, poderíeis ver que o tempo é um obstáculo à ação imediata.

Senhores, vejo-vos, todos, um tanto perplexos; mas não importa. De qualquer maneira, continuai a escutar, porque êste assunto requer enorme atenção, e não ilustração. Sabeis o que significa "atenção"? Para prestardes atenção, deveis aplicar todo o vosso ser, todos os vossos pensamentos, todos os vossos nervos, tudo, num dado momento; nesse estado, há atenção completa e, nêle, todo problema, mesmo o mais insignificante, cessa. Deveis aplicar tôda a vossa atenção, por exemplo, ao hábito de fumar ou a outro hábito que tenhais, sexual ou de outra natureza. Só podeis dar atenção completa quando não criais um obstáculo a essa atenção, dizendo: "Farei isso amanhã" ou "Que resultado dará isso? Quero um resultado satisfatório", e tudo o mais que a memória nos sugere e que constitui suas reações.

Para compreenderdes a morte, deveis pôr-vos em contato com a morte. Escutai, por favor! A morte, para a maioria de nós, é uma idéia que se deve evitar; porque, para nós, em geral, a morte é algo de remoto (pelo menos pensamos que ela só virá "amanhã", ou daqui a dez anos); algo que está a distância de nós. Não a queremos perto de nós e por isso temos muito mêdo de entrar em contato com ela. E, por causa dêsse mêdo, inventamos teorias: a ressurreição, a reencarnação, a esperança, etc. — Porque de fato sentimos mêdo, o pensamento fêz da morte uma coisa distanciada de nós, e a que devemos fugir; e, com o fim de fugir à morte, temos crenças, dogmas, idéias. Para compreendermos a morte, devemos compreender a vida; as duas não existem separadamente. Prestai atenção a isto, por favor. Se

tratardes de investigá-la, vereis que a morte é um dos fatos mais extraordinários *da vida,* e que se não a compreenderdes, não compreendereis a vida. As duas estão relacionadas entre si, não são dois fatos separados, porque, se não compreendemos o viver, não podemos compreender a morte.

Que é, realmente, vosso "viver"? Não teórica ou ideològicamente; não uma certa coisa que procurais ocultar dos outros: Que é êle realmente, em cada dia, em cada minuto de vossa existência? Já refletistes nisso alguma vez? Estar-se prêso a um emprêgo, ter-se de freqüentar diàriamente um escritório, sujeitar-se a insultos e desumanas humilhações, a tantos sofrimentos, desesperos, ciúmes, incertezas; nunca se estar livre de coisa alguma, porém sempre a arcar com pesadas responsabilidades; sempre com mêdo, sempre competindo, sempre cheio de vãs ambições; ser muito inteligente e astuto, ser hipócrita, dizer o que se não sente; ir-se vivendo de qualquer maneira, já que não se pode alcançar poder, posição importante. É isso o que chamamos "vida". Vida de confusão, de conflito, de aflição; vida de profunda angústia, ansiedades e desespêro — desespêro que nos faz engendrar filosofias e esperanças — eis a nossa "vida". Esta a vida que queremos levar para além da morte. Pois só conhecemos essa face da vida, não lhe conhecemos a outra face. Não conhecemos realmente a morte, e no entanto a tememos; por isso, dizemos: "A angústia, o conflito, a agitação em que vivo — tudo isso é tolerável". Eis o que *sois,* com vossas estultícias, vossos problemas, com aquêle ou aquela que pensais amar. Mas, infelizmente, não sabeis em absoluto o que significa a palavra "amar". Com ela só entendeis a pessoa e a família com que viveis e cooperais, vossas companhias e vossos apetites sexuais; com tudo isso estais identificado; só isso conheceis, e o chamais "vida".

Assim, pois, não compreendemos a vida. A vida é algo que tem de ser vivido e fruído — fruído, não em referência à noção de prazer e dor. A vida é algo que exige plena atenção, para ser vivido de momento a momento, e não na aflição, no conflito, na dor e no desespêro; é para ser *vivida.* E só se pode viver completamente no presente quando não tendes futuro, quando não tendes "tempo". Não compreendeis o viver porque nenhum de vós compreendeu os seus dolorosos problemas, sua

solidão, suas agonias, seu desespêro. Não resolvestes os vossos problemas; êles aí estão. Podeis escondê-los, e podeis fugir dêles. Podeis tornar-vos comunista, devotar-vos a serviços humanitários — o que é puro contra-senso. Mas, no fundo, nada resolvestes; e se não resolvestes o problema do viver, não resolvestes o da morte. Podeis fugir, ter crenças inumeráveis, consolações; ou podeis racionalizar a morte, dizê-la inevitável, e que faz parte da existência, tal como o conflito. Porque dividimos a vida em viver e morrer, não compreendemos nem uma nem outra coisa.

Para compreender-se o que quer que seja, compreender a vós, ao orador, é necessário íntimo contato; não deve haver barreiras, nem temores, nem idéias especulativas, teológicas. É necessário o contato direto. Sabeis o que significa pôr-se diretamente em contato com alguma coisa? Talvez saibais o que significa pôr-se diretamente em contato sexual, e nada mais. Nunca estais em contato com a vida, com o extraordinário movimento, a extraordinária transformação, revolução, mutação, que se está verificando. Não estais sequer em contato com vossa própria agonia, porque nutris idéias a respeito dela — que "não deveria ser", que "assim tem de ser", etc. Por conseguinte, não compreendendo a vida, que faz parte do morrer, não compreendeis a morte.

Que é a morte? Sabeis o que é "morrer"? O organismo físico, em virtude das doenças, das pressões e tensões a que está sujeito, e das doenças psicossomáticas — o organismo físico, o corpo, se gasta. Poderá inventar-se uma droga, uma pílula, que nos dê mais cinqüenta anos de vida sórdida, ansiosa, desgraçada. Mas, no fim, o organismo se gasta, pela doença, por acidentes, pela velhice. Percebendo isso, dizemos: "Tenho mêdo", ou "Viverei na próxima existência". Tanto nos interessa saber se a reencarnação é verdadeira ou falsa, que não entramos em direto contato com a coisa chamada "morte", para a compreendermos.

Agora, tende a bondade de seguir o orador — sem dardes à palavra "seguir" nenhum sentido sugestivo de autoridade; não aceiteis meramente, nem rejeiteis o que êle está dizendo; dispensai-lhe plena atenção. Só podeis dar essa atenção plena, se

estais realmente interessados em saber o que é morrer. *Se não sabeis morrer, não sabeis viver.* Morrer significa o fim de tudo o que conheceis. O que conheceis é apenas memória, não? Vossos prazeres, vossas dores, vossa ansiedade, vossos pesares, vossa solidão; lisonjas, insultos — tudo é memória armazenada. Tal é o centro de onde funcionais, o centro de onde agis: *memória.*

Ora, deveis morrer para essa memória, morrer para vossa vaidade e não argumentar em defesa dela, não procurar as razões por que deveis competir ou não deveis competir, ou por que não deveis ser ambiciosos. Se não sois ambicioso neste mundo, sereis destruído... aí está um argumento em defesa de vossos impulsos ambiciosos. Mas, com a morte não podeis argumentar. Ela *lá estará;* não podereis dizer-lhe "Volte outro dia!" — Tendes, pois, de encontrar-vos com a morte diretamente, com enorme energia, e não com simples aceitação, negligente, descuidada, irrefletida. Mas, para vos encontrardes com ela cheio de vigor, deveis ter uma mente muito clara, sã, racional, uma mente "em boas condições", e não uma mente derrotada, alquebrada. E só podeis encontrar-vos ìntimamente com a morte, quando podeis morrer imediatamente para a lembrança que vos dá prazer, e não apenas para aquela de que não gostais — para essa quase todos sabemos morrer — morrer para aquilo que amais, de que gostais. Vereis, então, que a mente já se não estará ocupando com a memória ou cultivando a memória, porque, então, a memória terá deixado de existir como "tempo"; podeis servir-vos da memória, mas ela deixa de existir como meio de alcançar algo, no campo do tempo.

Temos, pois, de morrer para tudo, para cada dia, para tôdas as relações. Refleti bem nisso, para verdes o que implica. Se não morreis para vossas relações, seja com vossa mulher, seja com vossos filhos ou vosso patrão, continuareis meramente num hábito; e todo hábito embota a mente, torna-a insensível, incapaz de criar. Por essa razão, estais sempre com mêdo da morte, porque a morte é algo de desconhecido. Não podeis apreendê-la com a mente, com o pensamento. Não podeis apreender o amor com o pensamento, nem podeis cultivar o amor com o pensamento. Só podeis compreender o amor e saber o que significa amar, quando morreis para o ciúme, para a estreita esfe-

ra da família, quando o pensamento não dita as ações da vida. Quando amais, podeis fazer tudo o que desejais fazer, porque a vida é sem conflito.

A mente que é ambiciosa, ávida, invejosa, desejosa da autoridade — essa mente não tem amor, embora fale muito de amor, com os políticos, os *gurus,* que estão sempre e sempre a falar em amor, com o coração vazio, e cheios de conflitos e de ardentes desejos; nunca há um momento em que, dentro dêles próprios, tudo esteja morto, e sua mente esteja inteiramente vazia. Só quando a mente está completamente vazia, é possível compreender essa coisa extraordinária chamada "amor". Quando dizeis "Amo meu marido, meu filho", não amais; porque, se o marido ou mulher vos vira as costas, sentis ciúme, sentis cólera, amargor. É isso o que chamais "amor". O amor não tem apêgo. E, portanto, amor não significa "amor à família".

Assim, para se compreender essa coisa extraordinária chamada "amor", é necessária a compreensão do tempo. E para se saber o que é o amor, deve haver a morte — morte para tudo o que tendes acumulado, do contrário, não podeis ter uma mente nova. Vós necessitais de uma mente nova, uma mente jovem, uma mente inocente, porque o mundo está marchando com muita rapidez e não tereis possibilidade de compreendê-lo, se dêle não vos aproximardes com uma mente fresca, nova, inocente. Se vos aproximais como *sikh,* como hinduísta, ou como católico, ou com as estultícias que cada um leva consigo, como podereis compreender essa coisa extraordinária e tão vasta que se chama "a vida"? Para compreenderdes a imensidade da vida, deveis morrer todos os dias para tudo o que conheceis. Daí, então, é possível estar-se em intimidade com a morte. Quando não há mêdo de espécie alguma, há então amor. Não se divide então o amor em "mundano" e "espiritual"; só há *amor.* E, se não amais, não importa o que façais, nunca resolvereis os problemas do mundo, nem vossos próprios problemas.

O amor implica desvêlo — desvêlo por vossos filhos, para que recebam educação correta, alimentação, correta, roupas adequadas; desvêlo para com vossos servidores, se os tendes. Mas, neste país ninguém conhece desvêlo; todos estão cheios de idéias, de especulações, de ideais e prontos a discutir interminà-

velmente sôbre o que deve ser o amor, a citar livros sem conta; mas não sabem o que significa amar. Amor significa desvêlo, e não podeis ter desvêlo se estais em competição, se estais comparando, e se estais educando vossos filhos por meio da competição. Por conseguinte, só pode haver amor quando há êsse extraordinário desvêlo em relação a tudo o que estais fazendo — também o que estais fazendo no escritório, porque vosso emprêgo não difere da vida. É um emprêgo "detestável", porém é vossa vida; não podeis eliminá-lo de vossa vida. Nêle passais quarenta anos e deveis, portanto, exercê-lo com desvêlo — no que fazeis, no que pensais, no que sentis, no que ordenais.

Se não sabeis o que é o amor, morreis como um lastimável ente humano, sem conhecer aquela imensidade que se chama a "vida". E, no conhecer a plenitude da vida, encontra-se a plenitude do "desconhecido". Só a mente que percebeu o significado do tempo, da morte e do amor — os três estão relacionados entre si — só essa mente pode "explodir" no "desconhecido".

Nova Deli, 5 de novembro de 1964.

NOVA DELI VI

O que é meditação

NESTA TARDE desejo falar sôbre um assunto tão importante como o tempo, a morte e o amor, a cujo respeito estivemos falando outro dia. É necessário compreendê-lo, porque, compreendendo o que é a meditação, estaremos aptos a compreender o tão complexo problema do viver. A meditação não é coisa separada do viver. Para se compreender o conteúdo, o significado, a beleza e a grande profundeza do viver, com suas aflições, suas ânsias e temores, é necessário compreender igualmente o mui complexo problema ou questão da meditação.

Para o examinarmos um tanto profundamente, se possível a esta hora, é necessário, antes de tudo, esclarecer que não vamos lançar as bases de nenhum sistema, método ou exercício, porém simplesmente investigar, pois o simples ato de investigar e compreender a meditação, *é meditação.* Por conseguinte, em primeiro lugar, devemos ver, por nós mesmos, com muita clareza, o que *não* é meditação, e o que *é* meditação. São duas coisas muito distintas: *o que é* e *o que não é.* Examinaremos primeiramente o que não é meditação; e, pela rejeição daquilo que não é meditação, começaremos a descobrir o que é meditação.

Ora, quando fazemos uso da palavra "rejeitar", com ela não queremos referir-nos a uma rejeição intelectual de palavras, porém, antes, à rejeição daquilo que pensamos ser a correta maneira de pensar, à rejeição de todos os sistemas, métodos, das futilidades que a mente inventa, na esperança de apreender algo de misterioso. E, para "rejeitar", requer-se, não só raciocínio,

análise, equilíbrio, mas também, acima de tudo, inteligência; e tudo isso exige energia. Não se pode rejeitar coisa nenhuma apenas verbalmente, pois, nesse caso, a rejeição nenhum significado tem na vida. Não se atingem as profundezas de nosso ser se, incidentalmente, esporádica ou ocasionalmente, rejeitais alguma coisa. Mas, se perceberdes de maneira total o significado de uma coisa e, depois, com a compreensão dessa totalidade, a rejeitardes, ela terá sido, então, eliminada de vosso método, de modo que podereis aplicar vossa energia e vossa atenção numa direção totalmente diferente. É o que vamos fazer nesta tarde.

Vamos meditar conjuntamente; vamos conjuntamente explorar êsse nosso estranho viver — que tão desvalioso parece, que o homem vive a buscar, para êle, *um alvo, uma finalidade.* Estamos, todos juntos, investigando, cada um por si, o verdadeiro significado, e a profundeza, e a beleza, e a glória do viver. E essa investigação tem de ser feita com uma mente muito esclarecida.

Assim, em primeiro lugar, necessitamos de um espírito crítico, não disposto a aceitar coisa alguma, nem mesmo a própria experiência. Porque somos por demais ingênuos, queremos crer, queremos "aceitar" e ser guiados; e, visto que nossa própria vida é tão cheia de incerteza, de confusão, de mesquinhez, temos esperança de que um certo *guru,* um certo método — mesmo muito antigo — nos ajudará de alguma maneira a transcender êsses conflitos, essas angústias e desditas. E, assim, estamos muito dispostos a aceitar todo aquêle — principalmente a pessoa religiosa, o *sanyasi,* o *guru* — que nos oferece um certo método de meditação; mas, dessa mesma pessoa religiosa devemos duvidar. Um ente humano inteligente, desperto, equilibrado, não deve "aceitar" nenhuma pessoa religiosa, inclusive a minha própria. Porque tanto tememos as coisas da vida — a perda do emprêgo, a morte, as incertezas, o êrro, a impossibilidade de alcançarmos o que chamamos Deus, aquêle mistério que o homem vem procurando desvendar através dos séculos; porque nossa vida é tão insignificante, tão sem valor e superficial, e nosso espírito também tão superficial, vulgar, infantil, preferimos "aceitar" aquêle que diz: "Eu sei, vós não sabeis; portanto, segui-me!" — Não fazemos uso de nossa razão, nosso senso-comum; por isso, permanecemos insignificantes, superficiais.

Mas, se começardes a questionar, a duvidar, a exigir, a ser "impiedoso" com vós mesmo e com todo aquêle que vos oferece algum método — estais então no verdadeiro "estado de investigação". A menos que vos investigueis profundamente, em vosso interior, não tendes possibilidade de descobrir o que é verdadeiro. Ninguém vos pode levar a êsse descobrimento — *ninguém!* — e, por conseqüência, nenhum sistema. A verdade não é uma coisa estática, que fica à vossa espera, enquanto seguis um sistema uniforme, enquanto praticais dia a dia um certo método, enquanto aprimorais a vossa mente e o vosso coração para alcançar aquêle estado a que chamais "a verdade". A Verdade não espera por vós!

Por conseguinte, cumpre perceber que todo método — não importa por quem tenha sido estabelecido — Buda, Sankara, quem quer que seja — só pode amesquinhar mais ainda a mente. Porque, praticando, dia após dia, um certo sistema, a mente se torna mecânica. Quando a mente pratica seguidamente uma certa coisa, assemelha-se àqueles que praticam *puja* todos os dias, repetindo, interminàvelmente, palavras, palavras, palavras sem muita significação. O *puja,* a meditação que praticam, nada têm em comum com o seu viver. São indivíduos embusteiros, ambiciosos, ávidos, cheios de rancor e de inveja; nunca deixam de "recolher-se a seu canto", em casa, para meditar — mas continuam com a mesma hipocrisia de todos os dias.

Assim, sua mente, que já é mesquinha, que já é superficial, que já está a mistificar a si própria e ao próximo; sua mente, por mais que pratique um método e por meio dêle espere alcançar seus pequeninos deuses, nunca descobrirá o que é verdadeiro. Por conseguinte, permanecem êles, dia após dia, na angústia, no sofrimento, num estado de total confusão. Portanto, é necessário que cada um perceba com tôda a clareza, por si próprio, a total futilidade do hábito mecânico, do seguir um método.

Vêde, por favor, estamos aqui investigando juntos. Não estais aceitando minha palavra. Não estais substituindo o vosso *guru* por êste orador; isso seria verdadeiramente desastroso. Mas, estamos aqui em comunhão, com o fim de descobrirmos a Verdade, de descobrirmos por nós mesmos o estado de espírito próprio da meditação — descobrir êsse estado de espírito e não o *como* meditar.

Como dissemos, o método, por mais bem fundado e consolidado pela tradição, não pode conduzir o homem a outra coisa senão a um resultado mecânico. Podeis ver e praticar uma certa coisa diàriamente; mas, isso não libertará a vossa mente das penas e da solidão e da agonia da vida. Temos de compreender isso, e não um certo deus espúrio inventado pelo homem. Todos os deuses são invenções do homem; porque a verdade não pode ser descrita; o desconhecido não pode ser formulado em palavras; ao que "não tem nome" não se pode dar nome; a mente tem de alcançá-lo impremeditadamente, — inocente, fresca, não-contaminada.

Assim sendo, o método, a infinita repetição de palavras, não levam ninguém à Verdade. Tampouco as orações, que são meras súplicas. Orais porque desejais felicidade, prazer, porque desejais algo. Desejais a paz na terra, e por ela rezais. Não podeis ter paz na terra, rezando. Só haverá paz na terra se fordes pacífico. Deus não vai dar-vos a paz; *vós* tendes de ser pacífico, quer dizer, sem rivalidades, nem ódio, nem violências, nem divisões de nacionalidades; sem serdes muçulmanos, ou hinduístas, ou *sikhs,* ou *parsis,* chineses, russos ou americanos. Tendes de ser pacífico; e, então, tereis a paz na Terra.

Quando em vosso coração, em vosso espírito, sois pacífico, então não orais, nem precisais de ajuda alguma. Assim, as orações das igrejas, dos guias, e dos santos, que estão simplesmente explorando o povo, nada significam, nenhum valor têm. A oração poderá produzir um certo resultado — um resultado mecânico. Há pessoas que rezam, não para terem Deus, para terem paz, mas para terem *as coisas que desejam.* Desejam geladeiras, casas, prosperidade, desejam dinheiro, desejam passar em seus exames. E qual a diferença entre essas pessoas e aquelas que rezam para terem o céu, a paz? Não há diferença.

Precisamos, pois, compreender o significado da oração. O homem que reza para ter uma geladeira, a obtém, porque concentrou o espírito e tôdas as energias nesse desejo de uma coisa *fora dêle próprio.* Mas, a paz não está *fora* de vós. Vós tendes de criá-la, de torná-la existente; deveis deixar de ter nacionalidade. Estamos aqui em comunhão uns com os outros; não estais apenas a escutar-me. Se desejais a paz, deveis deixar de

ser *sikh,* muçulmano, *parsi;* tendes de trabalhar pela paz. E a oração é uma fuga a isso.

Assim sendo, os métodos — a repetição de palavras, de orações — não conduzem o homem à verdade, visto que são processos egocêntricos a serviço de interêsses egoístas. E a mente vulgar que ora, que pede, que solicita, que repete palavras, em circunstância nenhuma pode descobrir o que se acha além das palavras. Vós e eu estamos, nesta tarde, falando a êste respeito; estamos rejeitando tudo aquilo, não verbal ou intelectualmente, porém *realmente,* porque se trata da verdade — não porque o orador o diga, mas porque o é de fato. E quando se percebe claramente uma coisa como *fato,* pomo-la de parte, porque já não tem significação alguma.

As várias posturas que uma pessoa assume na chamada meditação, o respirar corretamente, o sentar-se corretamente, e demais exterioridades superficiais, têm um certo efeito de quietar o corpo. Naturalmente, se uma pessoa se põe a respirar regularmente, tranqüilamente, o organismo físico se torna quieto; mas sua mente continua superficial. Não se pode tornar a mente ampla, profunda, sã, vigorosa, lúcida, por meio da respiração. Podeis fazer isso durante dez mil anos, e continuareis com a mesma mente vulgar. Isso, portanto, precisa também ser pôsto de lado.

E há, também, as novas drogas que se estão experimentando na América e na França: Mescalina, L.S.D.-25, etc. Muitas pessoas as tomam para terem uma experiência extraordinária do real; pensam que, tomando uma pílula, se transportarão ao *nirvana.* O efeito dessas drogas (nós não as experimentamos!) é êste: tornam, temporàriamente, o sistema nervoso supersensível, superaguçado. A mente se torna muito alertada, muito sensível, penetrante, lúcida; vê as coisas muito mais intensamente; a flor se torna então muito mais bela. Mas os efeitos dependem da pessoa que toma a droga; se já tem ligeiras disposições artísticas, ou filosóficas, ou supersticioso-religiosas, terá a adequada experiência; e esta, naturalmente, lhe dá um extraordinário sentimento de ter apreendido algo de misterioso. Como sabeis, se um homem toma uma bebida alcoólica, esta o ajuda a vencer suas inibições e êle se sente, naquele momento, extra-

ordinàriamente livre, fala com desembaraço e sutileza. Mas, nem o bebedor, nem o homem que toma drogas de qualquer espécie, está mais perto do Real. Talvez o "pecador", o homem que não toma drogas, não segue *gurus* nem se senta numa certa postura, pensando, meditando, mesmerizando-se — talvez êsse homem, que chamais "pecador", esteja muito "mais perto", porque não finge ser o que *não é,* e sabe o que *é.*

Vemos, pois, que nenhum dêsses sistemas — orações, repetição de palavras, imagens, respiração, drogas — que nada disso dará resultados, porquanto a mente continua superficial. Esta é, pois, a primeira coisa que se precisa compreender: que a mente vulgar, a mente superficial, a mente confusa, o que quer que faça a fim de fugir de si própria, nunca encontrará "o que não tem nome". Compreendido isso, o indivíduo retorna *a si próprio.*

Ora bem. É isso o que vamos fazer, vós e eu, nesta tarde — não teórica, porém *realmente.* Vós e eu vamos encarar-nos de frente, olhar-nos, impiedosamente; e, como resultado dessa observação de nós mesmos, a qual requer uma certa vigilância — de que trataremos mais adiante — estaremos aptos a descobrir o que realmente *somos,* o fato, o *que é,* e não o que *deveria ser,* que é pura imaginação. E daí, então, poderemos prosseguir. Isso temos de fazer *juntos.* Não estais aqui puramente a escutar-me; estamos aprendendo *juntos.* Para compreender, não deveis estar confundidos por sistemas, métodos, orações, crenças, etc. Tudo isso têm de ser pôsto de parte; isso será muito difícil para a maioria das pessoas, que *querem* crer. A mente que crê é a mais vulgar e a mais estúpida. Podeis crer, mas só "experimentareis" aquilo que credes, naturalmente.

Temos, pois, de compreender todo êsse processo de "experimentar"; disso vamos tratar agora. Para a maioria de nós, o viver diário é desestimulante e muito pouco significativo. Passar todos os dias pela entediante rotina do emprêgo, ter um pouco de satisfação sexual, ocasionalmente, ter problemas inumeráveis, causadores de ansiedades, de mêdo, de aflição, e um ou outro momento de alegria — tal é nosso caminho costumeiro, nossa vida. A êsse gênero de vida queremos furtar-nos; sendo tudo aquilo de tão pouco valor, queremos sensações diferentes, experiências diferentes e diferentes visões. Assim sen-

do, tratamos de procurar outra coisa. Queremos experiências mais grandiosas. Prestai atenção à psicologia, à razão, à sensatez do que estamos dizendo. Queremos experiências mais amplas, mais profundas, mais plenas; e as temos em conformidade com nosso *fundo*, nosso condicionamento.

Quando falamos de experiência, entendemos "reação a um desafio", a reação a um desafio da sociedade, da economia social. etc. — repito: *reação a um desafio*. E essa reação ao desafio é "experiência"; é o resultado de vosso condicionamento, como hinduísta, como budista, comunista, técnico, etc. Êsse é o vosso *fundo*, vosso temperamento, vosso estado de espírito; daí é que reagis, que "respondeis" a qualquer desafio que se apresenta; e essa reação é "experiência". Assim, pois, em conformidade com vosso *fundo*, com vosso condicionamento, vosso temperamento, vossas emoções, "projetais" coisas; e tais "projeções" constituem vossas experiências. Vemo-nos, assim, colhidos numa rêde de intermináveis experiências, experiências resultantes de nossas próprias "projeções", conforme os desafios que recebemos. Não vamos entrar em minúcias a êste respeito; mas, fácil vos será compreendê-lo, se estais escutando verdadeiramente, se estais *aprendendo*.

Assim, a mente que busca experiências — prestai atenção, por favor! — está meramente a furtar-se ao fato — *o que é*. Assim, devemos estar sumamente vigilantes, a fim de não exigirmos experiência de espécie alguma. Percebeis o que estamos fazendo? Estamos despojando a mente de tudo o que é falso, despojando-a das crenças nos deuses, nos sacerdotes, no *puja*, na recitação de orações, e, mesmo, da exigência de super-experiências — experiências supra-sensíveis. Não estamos falando ilògicamente, porém lógica e sensatamente. Atrás do que se está dizendo, está a razão; não se trata de nenhuma fantasia ou capricho. Assim, pois, se estais seguindo o que estamos dizendo, sem lhe conferirdes nenhum caráter de autoridade, vereis que de vossa mente terão sido varridas tôdas as cargas que a sociedade e as religiões vos impuseram; estareis, então, frente a frente com *vós mesmo*.

Ora, o compreender a si próprio é absolutamente necessário. Meditar é esvaziar a mente, e, nesse estado de vazio, ocorre a "explosão" que nos lança no desconhecido. A mente que está

repleta, que está carregada de problemas, a mente que se acha em conflito, que não explorou as profundezas de si própria, não tem possibilidade de esvaziar-se. E a meditação é o esvaziar da mente, não no final, porém imediatamente, fora do tempo.

Investiguemos agora o estado da mente que aprende a respeito de si própria. Porque, se não aprendeis a respeito de vós mesmo, não tendes base para qualquer investigação ou outra exploração mais profunda; se não aprendeis a respeito de vós mesmo, ficais meramente a enganar-vos, a hipnotizar-vos para aceitar todo gênero de crenças, de dogmas, de orações, de visões. Deveis, pois, aprender a respeito de vós mesmo; esta é a base essencial. E podeis fazê-lo, instantâneamente e de modo completo; e essa é a única maneira de aprenderdes a respeito de vós mesmo — e não pelo processo da análise ou do exame introspectivo, que requer *tempo*. Mas, como já dissemos não há amanhã, não há instante seguinte; só há o presente, só *o agora* tremendamente ativo; e, para compreendê-lo, deveis afastar, de todo, de vossa mente a idéia de "compreensão gradual".

Agora, para aprendermos a respeito de nós mesmos, necessitamos de uma certa vigilância. Não estamos dando a essa palavra nenhum significado místico. Trata-se da vigilância comum, de cada dia: estar-se consciente das côres, das árvores, da sordidez, da imundície; estar consciente da espôsa e dos filhos — observá-los, ver como se vestem, de que maneira falam. Estar simplesmente — *consciente*. Sabeis o que entendo por essa palavra? Ao entrardes nesta tenda, perceber as côres, perceber as várias pessoas sentadas, como estão sentadas, se bocejam, se estão sonolentas, cansadas, forçando-se a escutar, na esperança de obterem alguma coisa, os tiques nervosos que estão executando.

Perceber, sem condenar, sem julgar; observar pura e simplesmente, e sem escolha, olhar sem condenação, interpretação, comparação; nisso há grande beleza, e grande clareza na observação. Se dessa maneira vos observardes sem escolha, então, nesse percebimento, existe atenção, nenhuma entidade existe como "observador", nem "coisa observada". Não há "observador" a olhar aquilo a que está observando.

Agora, é preciso diferençar entre concentração e atenção. Concentração é processo de esfôrço, de exclusão, de repressão,

de forçar todo o vosso pensamento, tôda a vossa energia num certo canal, por um dado momento, excluindo todos os outros pensamentos, tôda "distração", assim chamada. Essa a espécie de concentração que a maioria de vós pratica em suas ocupações e quando está tentando a chamada "meditação". Sois educados, desde os dias de colegiais, para concentrar-vos, para aplicar ou focar a atenção numa dada coisa: no trabalho que estais executando, na página que estais lendo. Mas, a todos os momentos, outros pensamentos surgem, insinuam-se outras impressões, às quais tentais resistir. A concentração, pois, é um processo de exclusão e a atenção não é.

Estar atento implica que não há distração. Quando estais atento, "recebeis" o todo e não apenas a parte; vêdes os presentes, as formas de suas cabeças, as côres, as luzes. Estais *consciente* e, por conseguinte, atento. Nessa atenção não há observador nem coisa observada, porque, nela, todo o vosso ser, vossa mente, vosso corpo, vossos nervos, vossos ouvidos, vossos olhos — tudo está *atento;* por conseguinte, não há divisão. Nesse estado de atenção há auto-observação. Não há, portanto, autocondenação. Não se pode aprender se se está condenando. Não se pode aprender, se se está comparando. Não se pode aprender, se se está a dizer: "Serei *aquilo* amanhã".

Assim, a mente que está *atenta* se acha num estado de não-contradição e, por conseguinte, num estado em que nenhum esfôrço existe. Êsse estado é absolutamente necessário. Do contrário, se êle não fôr possível, a mente não pode ser esvaziada. Vereis por que é necessário o "estado de atenção". A mente, em geral, é "barulhenta". Está sempre a "tagarelar". Sempre monologando, ou dizendo repetidamente o que irá fazer, o que fêz, o que *deve* fazer, etc. Nunca está quieta. E pensais que, para se produzir êsse estado de quietude mental, deveis praticar algum método — método que, por sua vez, se torna mecânico.

Mas, se estiverdes consciente de cada pensamento, ao surgir, sem julgar, sem condenar nem aceitar — porém simplesmente num estado de *atenção* — vereis que a mente se torna extraordinàriamente quieta; não a disciplinastes para a tornardes quieta — pois isso é de efeito mortal.

Porque, se se disciplina a mente, ela se torna superficial, vazia, morta. A mente deve ser viva, vigorosa, plena, cheia de vitalidade.

Se estais atento, dessa atenção vem sua peculiar disciplina, não solicitada, não-repressiva. Só a mente que dessa maneira se disciplinou, pela atenção sôbre si própria e não mediante compulsão e ajustamento — só essa mente é lúcida. Então, a mente que está atenta aprendeu a respeito de si própria, a respeito de seus conscientes e inconscientes *motivos,* fantasias, ilusões, temores, ambições, avidez, ciúme, competição, e tôdas as demais coisas que *somos nós;* quando a mente, mediante vigilância, aprendeu a respeito de si própria, torna-se então quieta, não disciplinada, não narcotizada por drogas, não-mesmerizada. Essa é a mente tranqüila. Ela tem de estar tranqüila, do contrário não estará *vazia.*

A mente de todos nós é o resultado de dois milhões de anos de tempo. Ela está condicionada e moldada; sob a compulsão de muitas impressões, sujeita a grande tensão, de ordem consciente e inconsciente; impelida pelas circunstâncias. Essa mente, pois, se não estiver totalmente quieta — *quieta,* e não *exigindo,* nem *procurando* — não ficará vazia.

Tôda coisa nova só pode verificar-se no vazio. Um nôvo ente humano é concebido no ventre vazio. A mente, por conseguinte, deve estar vazia, e não ser "posta vazia" mediante pensamento inibitivo, controlador, repressivo; isso não é vazio, porém apenas outra forma de fuga à realidade. E a realidade sois vós mesmo, o que verdadeiramente *sois,* e não o *Super-Atman,* que é invenção de nossas avós, de nossos pais, dos Sankaras e Budas. Tudo isso tem de ir-se, para que a mente se torne completamente vazia e tranqüila.

Então, nesse vazio, há um movimento que é criação. Nesse vazio, há a energia de que a mente necessita para alcançar a Imensidade. E todo êsse processo, do comêço "negativo" até o fim, o qual não é uma fuga da vida, porém a própria compreensão da vida — todo êsse processo é *meditação.* E vereis, então, que estareis *meditando* em todo o correr do dia, e não num certo minuto do dia; estareis meditando no escritório, no ônibus, onde quer que vos encontreis. Estareis diretamente em con-

tato com a vida. Estareis meditando, enquanto falais, porque estareis vigilante; estareis atento ao que estareis dizendo e a como o estareis dizendo, a como falareis com vosso serviçal, se o tendes. Estareis vigilante, estareis atento; por conseguinte, a mente, que é limitada, estreita, vulgar, agrilhoada pelo tempo, se libertará. Só essa mente pode encontrar o Eterno.

Essa, a beleza da meditação. Nela, não há compulsão nem esfôrço de espécie alguma. E o homem que é capaz de meditar, o homem que compreendeu o que é a meditação, só êsse, e nenhum outro, pode dar ajuda.

Nova Deli, 8 de novembro de 1964

NOVA DELI VII

O que é vida religiosa

Nesta tarde desejo falar sôbre o que é vida religiosa e o que é mente religiosa — que não são duas coisas separadas. Para verificar o que é vida religiosa, precisamos viajar e explorar um tanto extensamente. E a mim me parece que, sendo nossa vida tão fragmentária e compartida, com suas várias formas de fuga e de atividade, a menos que encontremos uma atividade central, capaz de abraçar o todo, não teremos possibilidade de viver uma vida coordenada, com paixão, com intensidade e com clareza.

Para podermos descobrir o que é a real, a verdadeira vida religiosa, temos de estar totalmente descontentes. E essa é uma das nossas maiores dificuldades: achar-nos total e completamente descontentes — porque nos deixamos satisfazer muito fàcilmente por uma dada teoria ou uma dada solução fácil; porque pensamos que, se seguimos um padrão político ou econômico, satisfaz-se de certa maneira nosso descontentamento. Manter êsse descontentamento, e não procurar uma pronta solução, é muito difícil, porque a maioria de nós deseja uma resposta fácil, uma pílula, um tranqüilizante que nos faça dormir, que nos garanta um caminho seguro na vida. Temos de estar muito atentos e vigilantes, a fim de não aceitarmos nenhuma espécie de teoria, padrão ou conceito que, momentâneamente ou mesmo por anos, nos proporcione satisfação.

O primeiro requisito, por conseguinte, assim me parece, é estarmos descontentes; e uma das coisas mais dolorosas da vida

é estar-se descontente e não se poder ser fàcilmente contentado. É muito fácil amontoar palavras, ouvir palestras, ler livros e mais livros, e por tais meios pensar-se ter compreendido alguma coisa. Provàvelmente, a maior parte dos que têm assistido a estas reuniões pensam ter adquirido alguma coisa, um pedacinho aqui, alguns retalhos ali. Parece-me que não tereis compreendido perfeitamente o que se estêve dizendo ou o que se vai dizer, se apenas vos interessastes por uma dada seção destas palestras, que vos agradou, e vos sentis satifeito com essa solução parcial. Mas, o que aqui nos interessa é a solução total, e não a solução parcial. O que nos interessa é a compreensão total da vida, e não a compreensão particular de uma dada parte da vida. Assim, tendes de levar tudo ou nada, porque tudo o que se estêve dizendo e o que se vai dizer está relacionado, e não é fragmentário.

Dêste modo, muito importa descobrir o que é uma mente religiosa, porque a religião é o único fator que pode abarcar a existência total, em vez da existência fragmentária; a totalidade de nossa vida pode estar contida na investigação e na compreensão do que é a vida religiosa. Porque religião não é essa coisa que conhecemos com o nome de "religião" — coisa espúria, contra-senso puro e simples. A investigação real do que é a vida religiosa é necessária porque, se não compreendemos o que é vida religiosa e não a vivemos *de fato,* e não teòricamente, nenhuma possibilidade teremos de resolver os nossos numerosos problemas, sempre crescentes e sempre causadores de conflitos.

Para mim, a vida religiosa é a chave que abre a porta de todos os nossos problemas, e, por conseguinte, temos de compreendê-la. Para que os entes humanos (que há tanto tempo vivem, não resolveram os seus problemas e continuam a viver fragmentàriamente, no desespêro, na ansiedade, sem amor, divididos, isolados) possam promover uma harmoniosa coesão em tôdas as suas atividades, em todos os seus pensamentos — é de imperiosa necessidade (eu pelo menos acho que é) compreender a vida religiosa. E para compreendermos o que é a vida religiosa, temos de estar *descontentes.*

Nós, pela maior parte, vivemos descontentes, porque não temos um bom emprêgo, não somos tão inteligente como um

outro, não temos a beleza da mulher que mora ao lado, não possuímos um carro grande, uma casa melhor, um emprêgo melhor, ou porque não preenchemos a nós mesmos. E no momento em que possuímos uma casa melhor, um carro melhor, uma geladeira melhor, damo-nos por satisfeitos, pelo menos temporàriamente, até o dia em que se inventa uma geladeira melhor ainda... Andamos, pois, descontentes com insignificâncias, e com insignificâncias nos satisfazemos. Devemos dar a máxima atenção a essa superficial satisfação com pequenas coisas, com insignificantes soluções, com o citarmos um grande número dos chamados instrutores religiosos. Pensamos ter compreendido, quando citamos o *Gita*, o Alcorão, a Bíblia, ou outro livro qualquer; pensamos ter apreendido, em certo grau, o espírito da vida religiosa — o que, afinal, é puro contra-senso. Assim, cabe-nos manter-nos extremamente vigilantes, para não nos enredarmos em ações superficiais e conservarmos, *contermos* em nós mesmos, um descontentamento total com tôdas as coisas: a política, a religião, os socialistas, os comunistas, e qualquer partido político. Devemos estar totalmente descontentes; só então podemos começar a investigar.

Espero que, pelo menos nesta tarde, vós e eu nos achemos nesse estado de espírito que se não satisfaz fàcilmente, que é capaz de intensa paixão; porque é só quando o espírito está totalmente descontente, que pode haver paixão, intensidade. E vós necessitais dessa intensidade, da energia da paixão, para poderdes descobrir o que é vida religiosa. De outro modo, continuaremos vulgares, estreitos, limitados, e a funcionar com uma mente de "segunda mão" e, portanto, ineficiente, que nada conhece de original. Assim, êsse descontentamento total dá essa paixão, porque a verdadeira paixão não tem *motivo*. Ela não é estimulada por nada de objetivo ou de subjetivo. Só quando o indivíduo está completamente insatisfeito com tudo — com suas relações, com sua mulher, consigo mesmo, com a sociedade, com tôdas as formas de fuga oferecidas por outro ou inventadas por êle próprio — só então possui essa extraordinária energia. Dessa energia necessitais.

Descobrir o que é a vida religiosa não significa descobrir o *padrão* da vida religiosa — o que fazer, que roupas usar, o que pensar e como controlar-se, permanecer celibatário, e tôdas as

demais futilidades; significa ter aquela energia sem motivo nem direção; e essa energia só vem quando há aquêle descontentamento profundo, insolúvel, impossível de satisfazer. Se isso está claro — e eu espero que estejamos em comunicação, em comunhão uns com os outros, não verbalmente — se nos achamos nesse estado de comunhão, podemos então começar a investigar o que é vida religiosa; porque a mais elevada forma do pensar é o pensar negativo. Quando começais a livrar-vos de tudo o que vos atravanca a mente, das chamadas asserções positivas de tantos mestres, de vossos sacerdotes, dos políticos, de vossos *gurus,* ou do que tendes lido, só então a mente pode discernir, ver claramente a verdade no falso; e isso é pensar negativo. Então, em virtude dêsse processo negativo de olhar, observar, atentar, descobrireis o que é verdadeiro.

Assim, pois, o descobrimento do que é verdadeiro no falso, é a origem do descontentamento — não só naquilo que o orador diz, mas em tudo, no que dizem os políticos, no que dizem vossos *gurus,* vossos livros, os líderes de vosso partido. Ver o que é falso, ver também a verdade no falso, e ver a verdade como verdadeira. Isso só é possível quando a mente se acha naquele estado de negação e, por conseguinte, tem a capacidade de discernir, de olhar, de observar, de ver. É isso o que vamos fazer juntos nesta tarde, a fim de que nossa mente se torne livre para observar, não mais atravancada de idéias, fórmulas, conceitos. O selvagem, o homem mais primitivo, teme insignificâncias; tem mêdo dos ventos, das estrêlas, do céu, da beleza de uma árvore à noite, do trovão. E nós, os "sofisticados", os "educados", também temos mêdo, e nossa mente está repleta de coisas.

Pensar negativamente é o comêço da inteligência. E dessa inteligência tendes necessidade, para poderdes investigar o que é verdadeiro e o que é falso nas coisas que o homem aprendeu desde a infância, como religião, como dogma, como crença — seja a crença do comunista, com seus sacerdotes e seus deuses — Marx, Lênine, Trotsky, e companhia — seja a crença de outros, com seus deuses. Dessa inteligência necessitais, para questionar, para investigar, para descobrir o que é verdadeiro, por vós mesmo e sem precisardes ser instruído por outra pessoa sôbre o que é a verdade — porque, dessa maneira, permanecereis

uma "entidade de segunda mão", entregue ao sofrimento, à ansiedade, ao conflito constante.

Vamos, pois, comungar a respeito das coisas chamadas "religião". Não vou atacar a religião e, portanto, não tereis necessidade de defendê-la. Não vou tampouco atacar-vos nem procurar persuadir-vos a aceitar uma certa coisa: vamos, todos juntos, examinar a mente que confere um significado religioso à vida.

Em primeiro lugar, tôda crença num padrão de vida, seja comunista, seja socialista, seja religioso, veda à mente o claro percebimento. Tendes, òbviamente, crenças inumeráveis, pois sois hinduístas, *sikhs,* muçulmanos e sabe Deus o que mais, e viveis ou tentais viver em harmonia com vossos respectivos padrões de crença. Se sois comunista, tendes certas idéias, certos conceitos, que se tornam o padrão de vossa existência, e, por conseguinte, a vossa mente nunca está livre para investigar, olhar, observar, ser apaixonada. Temos crencas porque temos mêdo. Vós credes em Deus, ou credes em Marx ou noutro, porque tendes mêdo da existência, da vida. Procurai observar--vos, e não fiqueis apenas escutando minhas palavras. Observai, por favor, as inumeráveis crenças que tendes e tratai de descobrir por vós mesmos a origem dessas crencas. E vereis que nas raízes mesmas de vossas crenças está o mêdo, o desespêro, o desejo de fuga à monotonia da vida, à diária solidão, à insuportável deficiência de nosso existir; é por causa de tudo isso que temos crenças, dogmas, rituais, *pujas*, bandeiras, nacionalidades.

Por conseguinte, a mente religiosa não tem crença. Só lhe interessam os fatos, e não as crenças ou opiniões a respeito dos fatos. A vida se torna muito simples quando só lidamos com fatos, com o que há dentro em nós e fora de nós. Quando não tendes opiniões, "projeções", preconceitos, conclusões sôbre os fatos, estais apto a lidar com êles equilibrada, racional e eficientemente. Mas, quando vos abeirais de um fato com uma porção de opiniões, de conclusões, com os ditos de outros, etc., estais-vos abeirando dêle com a mente confusa e, por conseguinte, nunca compreendereis o fato. A mente, pois, que está investigando a vida religiosa alcança o ponto em que se vê sem crenças, porém apenas com fatos. No momento em que, por vós mesmos, fa-

zeis êsse descobrimento, tendes a energia da liberdade e estais em condições de lidar com um fato sem emocionalismo nem sentimentalismo. Mas, no momento em que tendes sentimentos e emoções a respeito do fato, estais então completamente perdido.

Essa é, pois, a primeira coisa que cumpre perceber, ou seja, que a mente que é religiosa não tem crença de espécie alguma, em tempo algum; está então a enfrentar fatos, de momento em momento, e êsses fatos mudam. A mente, portanto, tem de estar sobremodo vigilante, para acompanhar o movimento dos fatos. Quando não tomamos posição a respeito dos fatos estamos sempre num estado de investigação e, portanto, num estado de tremendo descontentamento. E, no investigar do fato, vereis que tôdas as religiões se baseiam na crença. Vós credes em Deus, credes na salvação, credes em Jesus, credes nisto e naquilo; e ao redor dessa crença vos organizais.

Não sei se já alguma vez refletistes no que é a verdadeira cooperação; como sabeis, ninguém pode viver neste mundo se não houver cooperação — vive-se em conflito quando não se é um ente humano total, disposto a cooperar. E, quando se é capaz da verdadeira cooperação, também se é capaz de não *cooperar*. Para a maioria de nós, a cooperação está baseada na compulsão da autoridade, estimulada pela promessa de recompensa ou a ameaça de punição, ou no lucro que proporcionará. Ou, também, o indivíduo pode ver-se forçado pelas circunstâncias a cooperar. Tende a bondade de observar-vos, e vereis que estamos falando a respeito de um fato, e que não se trata de uma opinião que o orador está externando. Cooperamos em tôrno de uma idéia, como a idéia comunista, a idéia religiosa, ou a idéia do nacionalismo; a isso chamamos "cooperação". Mas a verdadeira cooperação nunca está subordinada a nenhuma autoridade; não está baseada nem em recompensa nem em punição; está baseada, sim, na compreensão do fato, e não em teorias.

Tôdas as religiões, pois, são de fabricação humana, organizadas pelos sacerdotes, pela necessidade de oferecer-se uma certa esperança ao homem, cuja vida é tão tormentosa. Sua vida é transitória, e êle a vive na agonia; por isso, o homem inventa o sacerdote e o deus, e essa invenção é devidamente organizada, co-

mo sucede no Ocidente. Quer se trate da organização da chamada Igreja Cristã, quer se trate da organização da Igreja Comunista, ambas são exatamente a mesma coisa. Porque uma se acha bem organizada e bem firmada, graças à tremenda autoridade da tradição, da propriedade, da hierarquia, etc., e oferece uma fuga da vida através de rituais, do dogma e da crença; e a outra aspira à utopia, ao Estado perfeito.

Assim, ao perceberdes isto, ao perceberdes o fato, não se há Deus ou se não há Deus, porém o fato de que desejais fugir à vida — ao perceberdes tal fato, não mais pertencereis a religião alguma; já não sereis hinduísta, budista, cristão, muçulmano, comunista ou o que quer que seja; já não estareis envolvido na rêde das crenças. Começareis, assim, a ver o que há de verdadeiro no falso, sendo "o falso" aquilo que o homem criou através de séculos e mais séculos, na forma de padrão religioso, ou padrão social, ou padrão familiar. E, ao perceberdes êsse fato, estais então livre de todos os conceitos religiosos relativos à vida; mas isso não significa que vos tornais materialista... pois já o sois. O que realmente vos interessa na vida é o dinheiro, a riqueza, o sexo e o gôzo de umas poucas coisas; e, por cima disso, estendeis um manto, usais de uma porção de palavras, tais como "vida espiritual", etc. etc.

Assim, o percebimento do fato é o comêço da vida religiosa; não o fato conforme o desejais, não o fato conforme esperais que êle seja. Por exemplo, o percebimento do fato que é a morte, sem ter uma teoria a respeito dêle. Tendes então a possibilidade de compreender o que deve ser essa coisa extraordinária. Podeis então aplicar tôda a vossa energia a êsse fato. Da mesma maneira, para poderdes descobrir — e não apenas repetir interminàvelmente: repetir livros, como o *Gita,* o *Upanishads,* a Bíblia, etc. — para poderdes descobrir por vós mesmo se algo existe além dos limites humanos, além das coisas criadas pelo pensamento, deveis estar livre de tôdas as complicações religiosas, de tôda autoridade religiosa, de todos os livros que os instrutores vos impingiram, de modo que vossa mente — vossa própria mente, e não a de outro — se torne capaz de descobrir se existe algo de sublime.

Para *descobrir,* a mente deve estar livre; de outro modo, é incapaz de *descobrir.* Se vossa mente é medrosa, se é ávida,

ambiciosa, fútil, assustada, isolada em sua própria nacionalidade, em seus próprios compartimentos, como pode ela ser livre para investigar? Assim, o condicionamento religioso deve ser despedaçado, para que possais ver a verdade no falso e libertar assim a vossa mente das crostas que a recobrem, e dos temores que a afligem. A mente religiosa, pois, não tem crença nenhuma, o que não significa que seja ateísta — pois isso constitui uma forma de crença: um *crê,* e outro *não crê;* ambos são idênticos, e a mente que investiga não se deixa prender em nenhuma dessas armadilhas.

Em seguida, vereis que a mente religiosa não se ajusta a nenhum padrão. Em geral, ansiamos por *ajustar-nos.* Observai-vos, interiormente, e vereis que estais ajustado ao padrão de vida social, ao padrão da atual existência de avidez, de inveja. A estrutura psicológica da sociedade — a essa nos ajustamos com a maior facilidade, e nesse conformismo ficamos perpètuamente enredados. Não me estou referindo ao satisfazer as exigências da moda e outras exterioridades; refiro-me à profunda exigência psicológica de ajustamento. Pois, no ajustar-nos, encontramos satisfação; no ajustar-nos encontramos um certo sentimento de segurança; no ajustar-nos não há o mêdo de perdermos nosso emprêgo, de perdermos nossa mulher ou marido; no ajustar-nos, ficamos seguindo o padrão, dia por dia, de modo que nossa mente se torna mecânica, e não há mais necessidade de pensar, de questionar, de indagar, de exigir. Por isso, temos, a maioria de nós, tanto empenho em nos ajustarmos.

E êsse conformismo se expressa na chamada vida religiosa. O conformismo determinado por um padrão religioso é êste: que, para alcançardes Deus, deveis ser *sanyasi,* ou monge, deveis levar um certo gênero de vida, ser celibatário, eremita... bem conheceis o padrão estabelecido através de séculos de "vida religiosa". A chamada vida religiosa do *sanyasi,* do monge, etc. é uma fuga à vida — a negação da vida! O *sanyasi,* o monge, criou êsse padrão que êle considera — ou outros o ensinaram a considerar — como o padrão que, através da dor, do sofrimento, do sacrifício, da disciplina, no contrôle, etc., o conduzirá finalmente a Deus.

Necessita-se de uma mente nova, e não de uma mente torturada. Necessita-se de uma mente lúcida, e não de uma mente

tão vulgar, tão disciplinada, tão controlada, e tão dividida, que se tenha tornado completamente imprestável. Assim, o homem religioso, ou a vida religiosa, ou a mente religiosa, não se empenha em fugir da vida — a vida, que é fome, sexo, avidez, ambição, alegria, e tôdas as agonias do existir. Dela não se pode fugir através de nenhuma forma de misticismo. O místico foge através de uma fantasia, de uma experiência; ou hipnotiza-se para entrar num certo estado. Mas o homem religioso não é um místico, não cai em êxtase, não "projeta" coisa alguma no futuro, não hipnotiza a si próprio no presente. E, ao terdes percebido tudo isso, vos vereis totalmente *sós*.

Nós precisamos estar *sós; não* isolados, ou "postos a um canto" pela vida. Porque *estar só* significa que o indivíduo está livre do mêdo, da avidez, das influências corruptoras da inveja; então, o indivíduo está *só,* sem se ver torturado por sua solidão. A mente tem necessidade de *estar só,* e êsse é um estado extraordinário. Mas, não se trata de uma coisa fácil, porque a mente muito prontamente se deixa influenciar pelo que lê, pelo que pensa, pelo ambiente. É necessário, pois, estarmos conscientes das influências do ambiente e atravessá-las diligentemente, sem nos deixarmos apanhar por nenhuma delas. Estamos, então, *sós.*

Não sei se alguma vez percebestes ou perguntastes a vós mesmo o que é a beleza. Provàvelmente, não tivestes tempo ou oportunidade para fazê-lo. Aqui, neste país, considera-se vida simples usar uma tanga e tomar uma só refeição ao dia, e *não* contemplar as montanhas, os rios, as flôres e os ares, tão cheios de vida! Rejeitais a beleza. Olhai vossas próprias vidas! Considerai bem o que se está dizendo, não o rejeiteis; considerai bem vossa própria vida, observai-a! Já olhastes uma árvore, já vos deleitastes com ela, sua forma, sua côr escura, a fôlha banhada de sol, a faiscar, a dançar? Já olhastes o rio a rolar suas águas e estivestes em comunhão com êle? Já olhastes a face de outro ente, já olhastes uma mulher, um homem, já vistes a beleza de um rosto? A beleza, para a maioria de nós, está associada ao sexo, ao prazer; e, por isso, a pessoa religiosa diz: "Não olheis a beleza, segregai-a de vossa vida! A mulher é perdição"... sabeis quantos contra-sensos se dizem. E, assim, rejeitamos a beleza.

E pensamos que vida simples significa usar tanga e alimentar-se uma vez ao dia; é o que se costuma chamar "vida simples". Interiormente, o indivíduo pode estar em ebulição, a arder em desejos, em concupiscência, na ânsia de dominar, de poder, de ser considerado uma personalidade popular, de ser saudado como um "grande homem"; mas, exteriormente, tendes o símbolo da simplicidade. É preciso perceber a falsidade disso, perceber a verdade no falso. A simplicidade está dentro ou fora. A mente religiosa, pois, deve saber o que é a verdadeira simplicidade. A verdadeira simplicidade não é austeridade disciplinada, porque ser simples, realmente, interiormente, é ser austero. A simplicidade implica uma mente que é capaz de estar só, que, para sua felicidade, seu confôrto, sua segurança, não depende de nenhuma exterioridade. E só a mente interiormente simples é capaz de *estar* só; só a mente simples, religiosa, é capaz de ver a beleza. E, sem a beleza, não há vida religiosa.

Beleza significa sensibilidade — sensibilidade à sordidez, à miséria, à desordem, e também sensibilidade à beleza de uma árvore, de uma pessoa, de um gesto, de uma palavra, de um sentimento. Se não tendes Beleza — que significa ser sensível — como podeis ser sensível à Realidade? A Realidade — e não as imagens esculpidas pela mente e pela mão — é Beleza. A mente religiosa, pois, é sensível e, por conseguinte, capaz de ver o que é verdadeiro na sordidez, e de ver o que é belo. A mente religiosa só pode ver a Beleza quando há paixão. Podeis olhar para uma árvore, olhar para o belo rosto de um homem, de uma mulher ou de uma criança; mas, se atrás dêsse "olhar" não há paixão, não podeis *ver-lhe* a beleza. Por "paixão" não entendo desejo carnal ou sexual; é *ver,* simplesmente, o homem rico que passa em seu carro, a ave que voa, a fôlha que cai à margem do caminho. Para *verdes,* necessitais de paixão; do contrário, estais apenas "olhando". Assim, pois, o homem religioso, a vida religiosa, a mente religiosa *vê* o fato e, por conseguinte, se acha num estado de sensibilidade.

Também, só a mente religiosa sabe o que é o *vazio* mental. A "mente vazia" não se acha num estado de vacuidade, de inanidade: está extraordinàriamente vigilante, atenta, sensível; nenhum *centro* tem e por conseguinte, cria *espaço.* Só a mente

que nenhum centro tem, que tem o espaço da imensidade, só essa é a mente religiosa; e só a mente religiosa é criadora.

Nós não sabemos o que é ser criador. Somos capazes de inventar — inventar uma máquina nova, uma nova maneira de falar, um nôvo conceito da vida — mas não pode haver criação quando não se compreende o amor. O amor, a morte e a criação andam "de mãos dadas". O amor não é memória; não é uma idéia, não é um conceito. O amor não é "profano" nem "divino". O amor não é compaixão, sentimento, emoção. A compaixão e a emoção estão contidas no ciúme, no ódio. Mas, quando o ódio, o ciúme, a inveja, a avidez, a ambição e o desejo de poder deixam de existir, porque a pessoa percebe a verdade no falso, então, dêsse percebimento nasce o amor. E o amor não pode existir se não houver a morte de "ontem" e do minuto passado — porque, nesse caso, êle é apenas uma continuidade do que *foi*.

A mente religiosa, pois, é criadora — não escrevendo poesia, prosa ou espalhando tintas numa tela; esta não é uma mente criadora. A mente criadora é aquela em que se verificou uma total mutação. E só então, nesse estado extraordinário, que nada tem de místico, que não representa uma fuga à vida, é possível a existência do Eterno. E só essa mente é capaz de resolver os problemas do homem.

Nova Deli, 11 de novembro de 1964

VARANASI I

A transformação da mente

NÃO SERIA uma boa idéia que eu falasse por algum tempo — digamos meia hora ou vinte minutos — para depois discutirmos sôbre os assuntos versados?

Por "discussão" não entendo apenas o responder a uma certa pergunta a mim feita, mas, sim, o explorarmos juntos o problema respectivo. Quer dizer, eu não farei a exploração em vosso lugar, porém vós e eu investigaremos e esclareceremos juntos cada problema ou questão de que iremos tratar nesta manhã. E para discutirmos de maneira verdadeiramente inteligente e significativa, temos de abandonar completamente a idéia de que há aqui alguém que "sabe" e que vós "não sabeis"; isto é, que o orador "sabe" e irá indicar-vos o que se deve fazer. Ao contrário, aqui não há autoridade alguma. E considero esta uma das coisas principais que devemos compreender: que tôda forma de autoridade é um empecilho à investigação. E para podermos discutir inteligente e profundamente, torna-se necessário rejeitar tôda espécie de asserção, dogmatismo, abandonar tôda e qualquer teoria, porquanto tudo isso impossibilita a exploração.

É o que vamos fazer nestas nossas palestras aqui: vamos explorar. Por conseguinte, não há ninguém que diz "sei", nem ninguém que diz "não sei, ensinai-me!". Não há ensinar, só há *aprender*. Quando uma pessoa se limita a afirmar que "um outro" sabe, que "um outro" alcançou a realidade — essa pessoa não pode aprender. Mas, se vós e eu nos juntamos para aprender, desaparece então, de todo, a questão da autoridade; não há

então um indivíduo que assume uma certa posição, e outro indivíduo que se constitui mero seguidor — pois dessa maneira fica impossibilitada a investigação da Verdade. Com isso em mente, pois, iremos "discutir" no sentido em que entendemos esta palavra, após uma preleção de uns vinte minutos.

Creio que a maioria de nós percebe a necessidade de uma revolução radical de que resulte uma nova dimensão do pensamento, isto é, que comecemos a pensar num nível completamente diferente, pois, de modo nenhum podemos continuar como estamos, e sempre estivemos, ou seja, repetindo um padrão e "funcionando" dentro de seus limites. O comportamento ou conduta restrita a um conceito — seja o chamado conceito religioso ou político, seja do centro, da extrema esquerda, ou da extrema direita — o funcionar dentro de um padrão constitui uma continuidade do que *foi;* e penso que a maioria de nós está bem consciente de que essa "revolução de repetição", não é a verdadeira revolução.

Observa-se no mundo — talvez melhor ainda neste país — a deterioração que está invadindo todos os níveis de nossa existência. E, observando êsse fenômeno, sem emoção nem sentimentalidade, somos naturalmente levados a investigar se não existirá um caminho diferente, uma diversa maneira de considerar o problema da existência e das relações humanas, se não haveria a possibilidade de uma revolução que projete todo o processo do pensar numa dimensão inteiramente nova. Em primeiro lugar, acho que à maioria de nós, tanto aqui como fora daqui, no mundo, se apresenta bem clara a necessidade de uma mudança profunda, radical, no comportamento humano, nas relações humanas e, por conseguinte, no pensar humano.

Mas, como, de que maneira e em que nível irá realizar-se essa revolução? Vêde o que está ocorrendo neste país: industrialmente, talvez esteja progredindo muito; cientìficamente, um pouco atrasado, bastante à retaguarda, quiçá, do Ocidente; mas, moral, intelectual e religiosamente, acha-se estagnado. Não estou dizendo nada de estranho, nada de injurioso, pois se trata de um fato óbvio, cotidiano. E observa-se, também, que a mente, o próprio cérebro se tornou mecânico e, por conseguinte, repetitivo: ensine-se-lhe um certo padrão de comportamento, certas

normas de conduta, certas atitudes, desejos, ambições, etc., e êle ficará funcionando dentro dêsse canal, dêsse padrão. Observa-se tudo isso — não vamos entrar em minúcias, já que isso é irrelevante, pois qualquer um pode encontrar as minúcias se observar bem, se ler os jornais, se olhar em tôrno de si — tanta miséria, sordidez, ineficiência, absoluta falta de consideração por quem quer que seja, total ausência de afeição, de amor, a perpétua repetição de frases, idéias, teorias sôbre a existência ou inexistência de Deus, o padrão socialista, o padrão religioso, o padrão comunista, etc.

Ora, observando-se tudo isso, percebe-se a necessidade de uma radical transformação da própria natureza do cérebro. O cérebro, dizem os antropologistas, existe há dois milhões de anos. E podemos continuar por outros dois milhões de anos a repetir o mesmo padrão: sofrimento, dor, mulher, família, filhos, marido, disputas, nacionalidades, a esquerda, a direita, a asserção de que há Deus, a asserção de que não há Deus, de que devemos ser virtuosos, de que devemos ser isto ou aquilo. Podemos continuar indefinidamente a repetir o mesmo padrão — ligeiramente modificado, alterado, mas sempre repetido.

Pode-se, por conseguinte, ver que a própria natureza do cérebro deve passar por uma tremenda revolução — revolução que vos interessa, não na qualidade de indivíduo ùnicamente interessado em seu pequenino cérebro, porém na qualidade de ente humano. Não sei se se pode diferençar entre o indivíduo e o ente humano — eu pelo menos quero diferençar. Sempre que falamos a respeito de mudança, referimo-nos à mudança individual. Isto é, vós mudais e eu mudo, promovendo uma diferente atividade, estabelecendo um diferente padrão em nosso insignificante cérebro — cada um de nós, como indivíduo, em certa posição, em certo estado de relação; como indivíduo que vive a lutar e a lutar por tornar-se um pouco melhor, possuir um pouco mais de caráter, um pouco mais de inteligência, ser um pouco mais bondoso, ter um emprêgo melhor, etc.; como indivíduo, a funcionar na estreita esfera de sua própria consciência. É isso o que em geral se chama "um indivíduo"; e se, nessa existência insignificante e condicionada, a pessoa se torna um pouco atenta, vigilante, trata de fazer alguma coisa, a fim de provocar alguma transformação, por ação da vontade, do contrôle, da re-

pressão; e fica perenemente a fazer alguma coisa dentro da limitada esfera de sua própria existência. É isso o que chamamos "o indivíduo", em oposição ao "coletivo" — sendo êste a multidão, a sociedade, a nação, a raça, etc. etc.

Ora, êsse "indivíduo" existe de fato, ou o que há é apenas uma divisão artificial entre o coletivo e êle próprio? Se uma pessoa se observa sem paixão, sem choque ou reação emocional, pode ver o que ela própria é: o *coletivo*. Vós sois o *coletivo*, sois o resultado de vosso ambiente, de vossa sociedade, de vossos dogmas religiosos, de vossas pressões religiosas, do clima, da alimentação, do sol — não *vós*, como indivíduo, porém o "coletivo", o grupo. Um ente humano total só existe fora dêsse padrão do "coletivo" e do "indivíduo". Observai! Não é questão de concordardes ou discordardes — pois isso não tem significação nenhuma. Porque não estamos aqui a discutir teorias ou opiniões com que concordais ou de que discordais. Estamos observando fatos: e a respeito de fatos não há disputar. Podeis dizer que não vêdes o fato, ou podeis não querer vê-lo, já que vossa mente se acha muito confortàvelmente instalada em determinada rotina e a repetir incessantemente que não deseja ver coisa alguma fora de seu próprio âmbito. Pelo exame do fato, pode-se ir ao encontro de algo completamente diferente, algo que não é nem o "indivíduo" nem o "coletivo", porém que se acha além, muito além de um e outro. E — no meu sentir — só o descobrimento *dessa coisa* produzirá aquela extraordinária mutação no próprio cérebro.

Atualmente, servimo-nos do cérebro num limitado sentido, ou seja como indivíduo a tentar modificar o coletivo, ou como coletivo a controlar o indivíduo: a sociedade a moldar o cérebro segundo um certo padrão, com crenças religiosas, crenças econômicas, crenças sociais, etc. E tal atividade da consciência dentro dessa esfera particular, por mais ampla que seja, é sempre limitada e, por conseguinte, essa consciência não é verdadeiramente individual. A verdadeira individualidade, que é o ente humano real, está além dessa esfera, e cumpre-nos descobri-la. Para descobri-la temos de compreender o inteiro mecanismo do cérebro; e, na própria compreensão dêsse cérebro, ocorre uma mutação — não no tempo, porém fora do tempo.

É esta que considero a coisa mais importante para examinar e compreender. Por "compreender" não entendo a compreensão meramente verbal, porém a compreensão real, o percebimento real dessa coisa; não o entendê-la teórica, argumentativa, intelectual ou verbalmente, porém o *viver com ela* realmente.

A verdadeira questão, por conseguinte, é esta: É possível a vós e a mim promover essa mutação no uso do próprio cérebro, uma revolução que não seja processo gradativo, no tempo, porém revolução, mutação imediata, resultante da compreensão imediata? Quando falamos de "compreensão" entendemos, com efeito, que compreendemos alguma coisa imediatamente, e não que a "compreenderemos depois de amanhã" — não é exato? Em geral se entende, pela palavra "compreender", compreender *imediatamente*. Ela implica, por conseguinte a inexistência do amanhã. Compreendemos, não filosòficamente ou pela ideação, porém *realmente*. Ou compreendemos uma coisa de imediato, ou não a compreendemos em absoluto. Buscar a compreensão por meio das idéias supõe o tempo, um período, uma distância que se tem de percorrer para atingir a compreensão, tornar-se bom, tornar-se não-violento. Temos a idéia, temos a distância e, para percorrer essa distância, necessitamos de tempo; trata-se, por conseguinte, de um processo gradual. Êsse é um dos fatôres constitutivos da mente que tão condicionada foi pelo tempo, que pensa que só através do tempo se pode alcançar alguma coisa.

Naturalmente, necessita-se de tempo para construir uma estrada, aprender uma língua, para nos transportarmos daqui a outro lugar. Êsse é um tempo absolutamente necessário. Mas o tempo ideológico — a idéia de uma perfeição, de um Deus, do que quer que seja, só atingível por meio do tempo — êsse é um dos tradicionais padrões de nosso pensamento, radicado no próprio cérebro. E perceber a sua falsidade é compreender a vital importância de uma completa transformação, agora mesmo.

Não sei se já refletistes nisto. Se o amanhã não existe, realmente, psicològicamente, interiormente, então vossa atenção se acha, tôda inteira, no presente; e vossa atitude perante a vida é perfeitamente integrada, perfeitamente inteiriça, não fragmentá-

ria. E essa é uma das mais importantes mutações que podem verificar-se. Ao perceberdes o significado dessa idéia da existência de um amanhã e de que nesse amanhã nos tornaremos algo; ao perceberdes a verdade de que não existe amanhã, psicològicamente, então tôda a estrutura cerebral, mental, emocional, psicológica, sofrerá uma tremenda transformação. A nosso ver, é esta a única revolução possível, atualmente, quiçá sempre.

Não compareis o que estamos dizendo com vossas palavras sânscritas ou com o que foi dito por alguém; não exclameis: "Êle está dizendo o mesmo que X disse, no Puranas, nos Vedas, no Upanishads, etc." Quando comparais o que ouvis com o que tendes lido, cessou a compreensão. Naturalmente não estais escutando: só estais *escutando* o que já sabeis e comparando-o com o que ouvis, para verdes se as duas coisas "conferem" entre si; só isso. E quando o que ouvis dizer está de acôrdo com o que disse uma certa pessoa religiosa, vos sentis altamente estimulados e dizeis: "Nada temos que recear; estamos em segurança". Não estamos falando de segurança. Ao contrário, estamos falando da necessidade de uma tremenda revolução, uma revolução que, òbviamente, tem de ser religiosa.

Por "revolução religiosa" entendo uma revolução completa, total, não fragmentária. Trata-se da realidade total, e não da realidade econômica, da realidade social, da realidade psicológica, que são realidades fragmentárias E tôda revolução fragmentária só levará à repetição do que *foi*, apenas modificado; isso tem sido provado repetidamente... a Revolução Francesa, a Revolução Comunista... tais revoluções retornam sempre ao velho padrão, ao ponto de partida; após o massacre de milhões de pessoas, volvem ao mesmo e antigo padrão, em nível um pouco mais alto ou mais baixo.

Assim, observando não apenas a vós mesmo, mas qualquer revolução social ou econômica; observando, sem idéias nem teorias — chegareis sem dúvida a compreender a necessidade de uma completa mutação na mente, no cérebro, para se proporcionar ao homem uma existência pacífica — tendo-se em vista, não só a ameaça da bomba atômica, senão também tôdas as estúpidas divisões nacionais e religiosas. E é forçoso perceber a extraordinária importância dessa mutação, não para o indiví-

duo, mas para o homem como um todo. "O homem" significa vós, e não o indivíduo. Nesse "homem" deverá verificar-se uma completa revolução. Ora, como promovê-la?

Percebe-se a necessidade dessa revolução; percebe-se que, para realizá-la, requer-se ardor, madureza e energia. E como produzir essa madureza e essa energia? O indivíduo está amadurezido — não em relação ao tempo, à idade, etc. — amadurecido, rico, completo, quando é capaz de olhar, de observar, de viver sem amargor, sem mêdo, sem desejo de preenchimento, pois tudo isso denota falta de madureza. Pertencer a uma dada classe de pessoas, a certas religiões, certas nacionalidades — tudo isso é infantil, nenhuma significação tem. Porque só depois de lançardes fora todos êsses absurdos, estará amadurecida a vossa mente. Tereis então, infalìvelmente, energia — a energia de que necessitais para promover aquela extraordinária mutação.

Do que estivemos dizendo esta manhã apura-se a necessidade de imediata maturidade e daquela intensa energia a ela inerente, para que possa operar-se a mutação imediata. Ora, como é possível isso? Talvez eu não tenha enunciado o problema muito claramente, deixando de entrar em muitos pormenores; mas poderíamos ficar "pormenorizando" indefinidamente, sem darmos um passo à frente. Como produzir essa madureza e essa energia? Ou ela não é produzível? Não sei se estais seguindo o que estamos dizendo, ou será que estou falando rápido demais ou muito generalizadamente?

Assim, se vos aprouver, limitemo-nos nesta manhã ao que eu já disse. Percebemos a necessidade de uma revolução fundamental na própria estrutura do cérebro; "estrutura", não no sentido biológico, porém a estrutura de nosso pensar, o padrão de nossos pensamentos, impulsos, ânsias. Para promover-se a revolução fundamental, necessita-se de grande quantidade de energia; e essa energia só pode tornar-se existente quando há madureza — não a madureza que pensamos poder alcançar mediante o ajuntamento de muitos fragmentos. Mas, como suscitar essa madureza? Talvez possamos discutir êste ponto.

Estou-vos impondo êste problema? Tende a bondade de dizer-me se vos estou inculcando êste problema. Não? Um

minuto, senhor, dissestes "Não". Se para vós se trata de um problema não impôsto por outrem, que solução lhe dareis? Tende a bondade de escutar o que estamos dizendo. Se é um problema *vosso,* e não um problema *meu,* que estou transferindo a vós, que fareis com êle? Ora, quando tendes um problema de fome ou de sexo, tratais de fazer alguma coisa. Não dizeis: "Sentemo-nos e conversemos sôbre êste problema". Se tendes verdadeiramente fome, necessidade de alimento, fazeis algo. Portanto, que ides fazer a respeito do problema a que me estou referindo? Ou, melhor, que estais fazendo? Ou diríeis que é um problema que vos atinge, mas que não sabeis o que fazer com êle? Isso é mais provável, não?

De acôrdo, senhor? Por favor, não concordeis comigo. Vós percebeis o problema e dizeis para vós mesmo: "Estou bem ciente de tudo; leio os jornais, as revistas; escuto, leio, e não ignoro o problema; mas não sei o que fazer". Exato, senhor? Ora, quem poderá dizer-vos o que fazer a respeito dêste problema? Tendes fé em algum líder, inclusive na pessoa que está sentada aqui neste estrado? Não, senhor, não riais! Por certo, tínheis tôda confiança nos políticos, nos instrutores, nos homens religiosos; tínheis tôda confiança nos livros, nesta ou naquela coisa "sagrada", e agora tudo isso perdeu sua significação, não é verdade? As guerras continuam; há ódio, aflição, confusão, fome; e os políticos oferecem o céu *dêles.* Mas, infelizmente, não tendes ninguém em quem confiar verdadeiramente — confiar verdadeiramente, e não teòricamente. Assim sendo, que fareis? Que ides fazer?

INTERROGANTE: Tratarei do problema conforme a minha experiência.

KRISHNAMURTI: Isso é questão de experiência — o de que estamos falando? Eu estou apontando *o fato,* minha senhora. Há necessidade de experiência? Podeis vê-lo, fora de vós e dentro em vós mesma. Que há para experimentar? Vós o tendes diretamente à frente dos olhos: sordidez, aflição, o caos em que está mergulhada a humanidade. Sabeis que tudo isso existe. Que necessidade há de "experimentá-lo", de senti-lo, a fim de o compreenderdes e fazerdes alguma coisa a seu respeito? Êle está à vossa frente.

Senhora, olhai o fato. Que implica êle? Existe um problema, e desejais que alguém o resolva. E êste é justamente o ponto crítico da questão. Mas, há alguém que possa resolvê-lo para vós? Se sentis fome, e um outro que se acha bem nutrido se põe a falar-vos sôbre a deliciosa refeição que acaba de fazer, isso vos satisfaz? Vós estais neste caso, não? Não importa, pois, perceber que ninguém pode ajudar-vos? Isso é um tanto desesperante; mas não percebeis que vós mesma é que tendes de percorrer o caminho, vós mesma é que tendes de lutar e compreender, e que não podeis contar com ninguém? Já confiastes em *gurus,* instrutores, livros, políticos, *mahatmas;* e onde vos achais, ao cabo de dois milhões de anos? Continuais com a mesma mentalidade velha e vulgar. Assim, que fareis? O problema vos atinge e tendes de fazer alguma coisa a seu respeito. Continuai a prestar atenção, e vereis o que resultará desta nossa discussão.

Quando compreenderdes, quando perceberdes realmente que não há, fora de vós, ninguém que possa ajudar-vos — nem deuses, nem *gurus,* nem políticos, *ninguém* — já não vos achareis no estado de madureza? Estareis então livre do mêdo de errar, do mêdo de não fazer o que é certo. Não achais?

Assim, a primeira dificuldade é compreender que não há sistema, religioso nem comunista, que não há ninguém, nenhum ditador religioso ou político que possa ajudar-vos. Ao perceberdes êste fato, realmente e não teòricamente, êsse percebimento já não constitui uma verdadeira revolução na inteligência?

INTERROGANTE: Um instrutor pode ajudar-nos a despertar a intuição.

KRISHNAMURTI: Já tivestes não sei quantos instrutores, não é verdade? Afinal, qual a verdadeira função do instrutor?

INTERROGANTE: Dar-nos mais luz.

KRISHNAMURTI: Diz o interrogante: "Dar-nos mais luz". Ora, um minuto, senhor. Há diferentes espécies de instrutores, não é exato? Tomemos, por exemplo, o professor que instrui uma classe de alunos. O verdadeiro instrutor, num sistema educativo, não ensina, porém estimula o aluno a aprender. Isso é óbvio! Se o professor diz: "Sei a distância entre a Terra

e a Lua; sei como se constituem as moléculas e o átomo, etc". — o aluno repetirá o que êle diz, mas não estará aprendendo. O bom mestre *ensina o aluno a aprender,* não é assim? Interrogai os mestres aqui existentes, para verdes como procedem. E há também instrutores espirituais que se restringem a afirmar que Deus existe, ou que preceituam: "Fazei *isto!*" — Não são instrutores, êsses homens, são em verdade exploradores, repetidores; estão dentro do padrão social. E há, ainda, o instrutor a quem constituímos "o Mestre" — tal como Karl Marx — conforme nossas tendências econômicas, sociais, religiosas, esperando que, com êsse instrutor, iremos aprender, compreender. Aí estão fatos óbvios.

Ora, independente de tudo isso, qual a verdadeira função do instrutor? Que pode êle fazer? O que pode fazer é dizer: "Olhai nesta direção, e provàvelmente vereis alguma coisa. Olhai!" — O instrutor não pode forçar-vos, não pode intimidar-vos; só pode dizer-vos: "Olhai, amigo! Olhai na direção que estou indicando, e talvez então compreendais as coisas diferentemente". Mas, necessitais de energia, para olhar, e não deveis ter mêdo de olhar; e isso depende de vós. Eu posso prosseguir falando, como o faço há quarenta anos; e vós continuareis a vir e a repisar a mesma questão de sempre — que o *guru* é necessário, que êle nos dá luz, nos dá intuição. E onde vos achais, no final de tudo? Assim sendo, só uma coisa podemos fazer: aprender! Não achais?

INTERROGANTE: Se fôr interessante aprender.

KRISHNAMURTI: Diz aquêle senhor: "Se fôr interessante, agradável, aprender, aprenderei". Mas, sinto dizê-lo, agradável ou desagradável, tereis de aprender; assim é a vida. Se só se busca prazer, nada se faz, nada se aprende.

Vêde, senhor! O homem sofre — não vamos agora tratar do sofrimento — vós sofreis, e só podeis escapar ao sofrimento freqüentando os templos, ligando o rádio, bebendo... fazem-se dúzias de coisas para fugir ao sofrimento. Mas o sofrimento continua a perseguir-vos, qual uma sombra. E, quer vos agrade, quer não, tendes de aprender a seu respeito, não achais? Quer vos agrade, quer não, dizei: "Tenho de aprender o que é o sofrimento. Que significa êle?" — Podeis não gostar dêle, mas

tendes de aprender a seu respeito. Vosso prazer ou desprazer não entram absolutamente em linha de conta, nesta questão.

Assim, um dos distintivos da madureza é que ela não depende do prazer nem da dor, porém de fatos, *do que realmente* existe — do que *é*. Um dos fatôres de o *que é* foi o terdes confiado em tanta gente, em tantos políticos, em tantos livros, e tudo isso ter agora perdido inteiramente o seu significado. Qualquer um, a menos que seja cego ou deseje ficar repetindo indefinidamente o mesmo e antigo padrão — qualquer mente "contemporânea" [1] de regular discernimento há de dizer: "Quanto é estulto tudo isso — *gurus* etc.!" — e de lançar tudo fora. Portanto, um dos sinais da madureza não é êsse, que a mente não depende de ninguém para a compreensão?

INTERROGANTE: Não percebo a diferença entre o indivíduo condicionado e o homem que não é um indivíduo, porém um *ente humano*.

KRISHNAMURTI: Êsse senhor está dizendo que não percebe a diferença entre o indivíduo condicionado e o homem que não pensa em têrmos de individualidade, porém como ente humano.

Vós vêdes a diferença, não? Posso pensar em mim mesmo como indivíduo. Posso estar em busca de minha própria salvação, a tratar de meus próprios interêsses, a fazer tôdas as coisas que *individualmente* fazemos, a cultivar meu caráter, minha virtude, a alimentar minha ambição, minha avidez, minha inveja, a aprimorar minha especial capacidade, talento, etc. Tudo isso está ainda compreendido na mui limitada esfera daquilo a que chamamos "o indivíduo". Mas êsse indivíduo é também resultado da "massa". Todos os indivíduos, em tôdas as partes do mundo, estão fazendo a mesma coisa, e cada um dêles é o resultado de sua sociedade, de seu grupo, de sua família, de sua religião, etc. E qualquer alteração que aí se faça não é, de modo nenhum, uma mutação, uma revolução radical, porém mera modificação do padrão. A revolução radical se verifica além do indivíduo e da massa.

---

(1) "Mente contemporânea", conforme K. explica noutro lugar: mente que não está prêsa ao passado. (N. do T.).

INTERROGANTE: Como realizar essa mutação imediata? Se não o soubermos, ficaremos numa situação de extremo desespêro.

KRISHNAMURTI: Vós estais em desespêro, senhor? Infelizmente, tudo o que se está dizendo é para vós — com o devido respeito — meras palavras, senhor. Um homem em desespêro... sabeis o que êle faz?

Mas perguntais como irá verificar-se essa mutação. Em primeiro lugar, senhor, considerai o problema. Se o orador vos oferecesse um método, êste possibilitaria a mutação? Senhor, se o orador vos desse um padrão que produzisse a mutação, seria essa mutação *a coisa correta*?

INTERROGANTE: Não.

KRISHNAMURTI: Porque dizeis "Não"? Não é isso o que todos fazeis na vida diária? A mente diz: "Preciso mudar, e como consegui-lo?" — e tratais imediatamente de procurar um padrão, um sistema, mediante o qual possais realizar a mudança. Exato? É necessário compreender a futilidade de qualquer padrão, e rejeitá-lo completamente. No momento em que se percebe que uma coisa é falsa, ela cai por si. Portanto, deveis compreender a falsidade de qualquer padrão, e dessa maneira tereis a possibilidade de realizar a mutação.

Vêde agora o que está implicado nisso. Quando dizeis que um padrão, um método, um sistema produzirá a mutação, duas coisas estão implicadas: a primeira, que sabeis o que a mutação significa; e a segunda, que um método vos ajudará a conseguir a mutação. Sabeis o que significa mutação? Òbviamente não o sabeis. Repetis verbalmente o que a seu respeito entendeis, mas sabeis o que ela significa, o que ela implica?

INTERROGANTE: Existe algo em que se possa chamar "mente cósmica"?

KRISHNAMURTI: Ora, quem está fazendo esta pergunta, e quem dará a resposta? Suponhamos, senhor, que eu pudesse explicar o que é mente cósmica: seríeis capaz de compreendê-la? Deveis ter também uma mente cósmica, para compreenderdes o que é uma mente cósmica. Não estou usando de sutilezas.

Senhor, considerai esta coisa simples: A maioria de vós, feliz ou infelizmente, crê em Deus. Não sei por que razão, mas o fato é que credes. A sociedade e várias outras circunstâncias vos condicionaram para crer ou não crer, e dizeis: "Eu gostaria de alcançar Deus". E, assim, preconizam-se métodos de alcançar Deus: deveis ser celibatários, deveis ser isto, deveis ser aquilo; deveis controlar, deveis reprimir, deveis meditar... dúzias de coisas são preceituadas para se alcançar Deus. Mas, quem conhece Deus? O homem que estabelece o "sistema de achar Deus", sabe o que é Deus?

INTERROGANTE: Cremos que sim.

KRISHNAMURTI: Credes que sim porque tal cavalheiro diz que conhece Deus! Sois todos um tanto ingênuos, não?

Para se achar Deus, necessita-se de uma mente fora do comum, não? Em primeiro lugar, não devemos dizer que cremos ou que não cremos. Deus não pode ser estático. Só quando uma coisa é estática pode haver um método a ela conducente, não é verdade? Se se trata de algo que é vivo, que se move, se transforma, se transfigura incessantemente, não há método que a ela possa conduzir-vos.

INTERROGANTE: Não sei que é Deus; mas desejo conhecer Deus.

KRISHNAMURTI: Êsse senhor diz que não conhece Deus, mas que está à sua procura.

Por que isso? Porque sou desditoso; minha vida é tôda de frustração; só através do sofrimento conheço esta existência, êste constante fluir de incerteza, de sofrimento, de confusão. Disso quero livrar-me. Não desejo compreendê-lo, esclarecê-lo e pô-lo de lado; quero fugir daí para Deus — o permanente.

Só isso desejais. Por que desejais Deus? Como podeis encontrar Deus sem compreender a vida, senhor? A vida pode ser Deus! Mas só podeis conhecê-la, senhor, se estiverdes livre de tôda confusão. Isso é evidente. Se desejo compreender-vos, não deve haver conflito em mim mesmo; devo ser capaz de *escutar-vos* tranqüilamente. Só isso é necessário. Por conseguinte, tratai primeiramente de pôr em ordem a vossa vida, mas não conforme os preceitos de outro.

INTERROGANTE: Para estabelecermos a ordem, temos de experimentar sucessivamente vários padrões, até têrmos êxito.

KRISHNAMURTI: Quer dizer, cultivar um padrão depois do outro, até realizar o que se deseja. Não é isso, senhor?

INTERROGANTE: Não sabemos o que fazer, senhor.

KRISHNAMURTI: Diz êsse senhor que nada sabe a respeito de nada. Êste é o único estado mental equilibrado — o dizer-se: "Não sei, mas vou aprender". Mas, pode-se aprender por meio de algum padrão? Se fordes seguir padrões, um após outro, encontrareis centenas de padrões prescritos por centenas de homens. Ireis segui-los?

INTERROGANTE: Um por um, até encontrarmos o padrão correto.

KRISHNAMURTI: Está certo, senhor — boa sorte! E no fim do caminho, senhor, aguarda-vos a morte ou a insanidade mental. Que ireis fazer, pois? É desnecessário falar, senhor, pois nunca refletistes a êste respeito. Só sois capaz de repetir.

Mas, voltemos à nossa questão: como promover a madureza instantânea? A essa madureza está associada a energia; como produzi-la? Ou não existe método algum e o necessário é apenas perceber a verdade, isto é, que depender de alguém, de qualquer sistema ou filosofia, de um *guru*, é falta de madureza; perceber esta verdade *instantâneamente*.

Para se perceber instantâneamente uma verdade, não se deve dizer: "Gosto ou não gosto disso" — como se possuíssemos muito saber e discernimento — porém pôr tudo de lado, e *olhar*. Senhor, nós temos de olhar — por exemplo, aquêle rio; olhá-lo! Provàvelmente nunca olhastes para aquêle rio. Vós o tendes visto, mas nunca o *olhastes*, porque a êle associastes não só o nome, mas também a vasta história que encerra: aquêle rio é o Ganges — de tanta significação para um hinduísta! Assim, todo êsse conjunto de tradição vos impede de *olhar*. Da mesma maneira deveis olhar vossa própria aflição e confusão, prescindindo de qualquer padrão, idéia ou conceito. Isso, sem dúvida, faz parte da madureza.

Vai-nos ser dificílimo "discutir", isto é, investigar. Investigar é uma verdadeira arte. Não é como dizer-se: "Creio e

desejo ou vou fazer *isto*". Investigar — tal é o método científico: olhar, observar, sentir, apreender os fatos. Quando dizeis: "Desejo alcançar Deus, farei *isto*", não estais amadurecido, não tendes espírito científico. O espírito científico nunca aceita; olha, observa, considera. Só assim a mente é capaz de descobrir.

Assim, senhores, como vamos passar juntos uma temporada, peço-vos compreendais com tôda a clareza o que entendemos por "discussão" e "investigação". Isso significa que desejo verificar se o padrão que aceito é correto ou incorreto, e não que desejo alcançar Deus e, por isso, aceito o padrão — o que nenhuma significação tem. Só sou capaz de investigar quando existe liberdade; e do contrário, não posso investigar.

Senhor, para descobrirdes se Deus existe, deveis estar livre da idéia de Deus. Para descobrir, é necessário investigar, perquirir, indagar, interrogar. Isso, por certo, faz parte da madureza. O fazer perguntas corretas, o investigar corretamente exige energia.

INTERROGANTE: É possível olhar uma coisa sem lhe dar nome?

KRISHNAMURTI: Por que perguntais se isso é possível? Procurai fazê-lo. Olhai uma flor. Olhai-a!

Olhar uma flor significa que não há interferência verbal entre o olhar e a flor. Ao olhardes a flor, não lhe deis nome, classificando-a em tal ou tal espécie; isso é compreender apenas verbalmente. Não digais: "Gosto dela" ou "Não gosto dela". Não lhe deis nome, nem côr; *olhai-a,* simplesmente. Isso é dificílimo, e a maioria das pessoas não o faz.

INTERROGANTE: Só se pode olhar dessa maneira em raríssimos momentos, porém não permanentemente.

KRISHNAMURTI: Senhor, porque desejais *permanência?* Se há permanência, não há possibilidade de olhar. Olha-se de momento em momento. Olhai a flor; ide, olhai-a! Isso é uma arte extraordinária, senhor, e não uma simples questão de palavras. É preciso, então, estar-se inteiramente em contato com a flor. E não podeis estar em contato com a flor, se há *vós,* que sois a palavra, vós, que dizeis: "Gosto, não gosto". E êsse contato com a flor não significa contato permanente; porque,

se se quer permanência, nenhum contato existe: está-se condicionando o contato ao tempo.

INTERROGANTE: Sou feliz...

KRISHNAMURTI: Senhor, quando estais observando uma flor, quando vossa mente está em íntimo contato com a flor, não há felicidade ou infelicidade. Êsse momento é de suma importância, e dispensa comentários. Não digais que êsse momento deve *durar sempre*. Se tem continuidade é mera memória.

Vêde, senhor, ontem à tarde era belíssima a luz refletida no rio; primeiro prata, depois ouro, depois ouro mais escuro. No momento em que estávamos a olhar, não se dava nome a nada; estávamos simplesmente a observar, mas não havia "observador" ou "coisa observada". Não concordeis comigo, senhor, pois desconheceis isso inteiramente. Trata-se de uma das coisas mais difíceis. Era um momento "fora do tempo". Quando alguém que conheceu um tal momento diz: "Eu gostaria que êle *continuasse*" — êsse desejo de que o momento *continue* se torna memória; e essa memória irá interferir, na próxima vez que olhardes o rio.

O problema, por conseguinte, é este: Olhar "fora do tempo", e não desejar a continuidade da experiência. Olhar, simplesmente. Se isso perdurasse para sempre, já não seria *o momento de ausência do pensamento*. Se há continuidade, a coisa se torna pensamento.

Varanasi, 20 de novembro de 1964

VARANASI II

A madureza

SE NOS É PERMITIDO, continuaremos a apreciar o assunto de que estávamos tratando, aqui, em nossa reunião de outro dia.

Falávamos da madureza e da necessidade daquela energia a ela associada, para se efetuar a transformação da mente. E, para que seja completo o nosso exame, devemos compreender — assim me parece — o que é ação; e, com a compreensão da ação, devemos, por nós mesmos, compreender o que é comunicação e o que é comunhão.

Percebemos que, em nossa vida diária, a ação é extremamente contraditória, geradora de conflito, hipócrita. Dizemos uma coisa e fazemos outra. Cremos em certas fórmulas e fazemos coisas contrárias a essas fórmulas. Somos artistas, negociantes, políticos, escritores, poetas, pintores, professôres. E em todos os níveis de nossa vida e de nossa existência, verifica-se essa atividade contraditória: o ideal e o real. O ideal nada tem em comum com o real — por exemplo, a violência nenhuma relação tem com a não-violência. Entretanto, vivemos nesta atividade fragmentária, contraditória. Num nível, somos religiosos — pelo menos assim nos denominamos — e noutro nível nos estamos destruindo mùtuamente, não só no mundo mercantil, com nossa competição, ambição, avidez, mas também como grupo, como raça, como família.

É isso o que se verifica em nossa vida diária. Tôda ação é contraditória, fragmentária; a atividade de um nível contradiz

a de outro nível. Tais atividades deverão inevitàvelmente — como se nota na vida cotidiana — provocar muita destruição, muito sofrimento, confusão e conflito. E, a fim de livrar-nos dessa atividade contraditória, procuramos estabelecer uma "superatividade" em total contradição com a nossa vida diária — pela prática da meditação, a observância das escrituras sagradas, etc.; mas isso representa uma nova modalidade de fuga, noutro nível. E, percebendo-se essa atividade tão fragmentária, incoerente, não é natural desejar-se — não por meio de idéias ou teorias — descobrir uma ação que não seja fragmentária, que não seja hipócrita, que não seja "departamental", como que posta em compartimentos estanques, porém que seja uma ação que, aplicada ao descobrimento, funcione como um todo, em cada atividade da vida?

Quero dizer que devemos fazer a nós mesmos esta pergunta: Existe uma ação que, onde quer que se expresse, seja total, não contraditória?

Ora, se o permitis, investigaremos êste ponto. Primeiramente, para a compreensão do que estamos dizendo, deve-se perceber a diferença entre a "comunicação" e a natureza do "estado de comunhão". Essas duas coisas, penso eu, são diferentes, isto é, a comunicação é uma coisa, e o estado de comunhão outra coisa muito diferente. A comunicação exige palavras, gestos, alguma forma de expressão exterior que transmita ao ouvinte o pensamento do orador, ou o do ouvinte ao orador; é isso o que entendemos por "comunicação". Quando falamos, servimo-nos de certas palavras como símbolos; e isso implica a existência de objetos aos quais os símbolos se referem. Assim sendo, uma comunicação, quando clara e precisamente expressa em palavras que vós e eu compreendemos, não pode ser mal compreendida. Não há então possibilidade de equívoco, pois a comunciação é clara e precisa. Vós e eu compreendemos o inglês — suponhamos — e servimo-nos de certas palavras, símbolos, gestos, como meios de transmitir certos pensamentos. Achamo-nos então, ambos, num "estado de compreensão" daquilo que se está comunicando. Isso está perfeitamente claro, sem dúvida.

Mas, muito mais difícil é a outra coisa: *estar em comunhão*. Digo "muito mais difícil", porquanto a maioria de nós não se

acha em comunhão com coisa alguma. Por essa palavra não entendo apenas o significado que o dicionário nos dá, porém muito mais do que isso. Estar em comunhão com uma coisa implica — não é verdade? — que não há obstáculo entre vós e as coisas que vêdes, ou sejam os pássaros, as árvores, o rio, a terra, os verdes campos, a lama da estrada. Uma pessoa não está em comunhão com a natureza se há qualquer idéia de resistência, condenação, desprêzo ou aversão. Há comunhão, quando não há nenhuma interferência do pensamento, entre a coisa e o observador.

Prestai, por favor, um pouco de atenção, porque o que vamos em seguida examinar exige aquela comunhão entre o orador e vós, o ouvinte. Do contrário, não poderemos *encontrar-nos;* poderemos estar verbalmente em comunicação, mas não nos acharemos num estado de comunhão. E, no meu sentir, é necessário compreender o real significado da ação não contraditória. Entendemos, pois, por comunhão, um estado de espírito não provocado e que não permita a intervenção de nenhuma barreira entre vós e o que estais ouvindo (que pode estar em contradição com o que credes); um estado de espírito que não compara, cita, avalia, mas que *escuta,* que procura compreender.

Há comunhão entre pessoas, entre vós e a natureza, quando existe uma grande afeição, quando eu gosto de vós e vós gostais de mim, ou quando gostais reciprocamente uns dos outros; quando existe imensa solidariedade, afeição, e nenhuma idéia de condenação, comparação, julgamento, avaliação. Então, em tal estado, duas pessoas se acham em comunhão; quer dizer, estão em comunhão no mesmo instante, no mesmo nível, com a mesma intensidade; isso, afinal, é o que se chama "amor". Assim, só a mente que pode rejeitar tôda espécie de opinião, de julgamento, de avaliação, de comparação, etc. — só essa pode estar em comunhão com a natureza, ou com outra mente, ou estar em comunhão consigo mesma — o que é muito mais difícil.

É necessário compreender isso, porque, se não estais diretamente em comunhão com vós mesmo e, por conseguinte, com uma fonte de ação não contraditória, vossa vida será, inevitàvelmente, uma contradição. Não importa o que façais, que padrões sigais, que idéias, que conceitos tenhais, vossa vida será

uma contradição — como se observa neste país, onde se prega incessantemente *ahimsa* (a não-violência), e se faz exatamente o contrário. Gabais-vos de ser uma nação pacífica, "não-violenta", enquanto vos preparais para a guerra muito mais do que as outras nações, onde não se fala em não-violência. Aqui, todo político, todo indivíduo tem essa esquizofrenia, essa entidade dupla, essa dupla personalidade, êsse pensar duplo.

Tendes ideais — maravilhosos ideais — sem nenhuma relação com a existência diária. Por essa razão, levais uma existência terrìvelmente contraditória, uma vida hipócrita. E essa vida contraditória se torna um fator de maior contradição e aflição, e maior se torna a distância entre o fato e a teoria. Surge, assim, o problema: como unir o fato e a teoria? Resulta, daí, a busca incessante, o conflito, o esfôrço para disciplinar a mente, a fim de ajustá-la ao padrão ou ao conceito, com o que se causa mais contradição, uma maior, mais larga, mais profunda separação entre o fato e a teoria. Vêde, por favor, isso está acontecendo realmente em vossa vida. Não é uma teoria minha, e não o estou condenando. Estamos apenas dizendo: "Observai isto, é um fato".

Assim, aquêle que é verdadeiramente *sério* pergunta a si próprio: "Que é ação total?" A vida só favorece os que são *sérios*. Só para o homem sério, ardoroso, tem a vida profundidade, significado, fôrça, energia. Mas, em geral, nós não somos sérios; somo-lo apenas fragmentàriamente — um pouquinho de seriedade aqui, um pouquinho de seriedade ali: não há seriedade *total*. Cabe-vos, pois, descobrir por vós mesmo o que é ação total, sem esperardes que eu, que êste orador vo-lo diga — pois o que êle vos dissesse se tornaria vosso padrão, vosso ideal, e de nôvo vos veríeis em contradição. Se exercerdes vossa razão, sem emocionalismo; se exercerdes vossa própria capacidade de compreensão, descobrireis por vós mesmo o que é essa ação total, ação não dividida em "ação individual" e "ação coletiva", ou a retribuição à sociedade daquilo que a sociedade dá ao indivíduo; tôdas essas divisões terminam completamente. E o findar dessa divisão da ação é o comêço da madureza.

Assim, trataremos, nesta manhã, de descobrir por nós mesmos o que é a ação total — mediante exploração e não por meio de ajustamentos, ou ouvindo o que outro diz, ou criando um

padrão verbal; todos os padrões são verbais, exceto o padrão ou plano traçado pelo engenheiro num papel azul (1). Sem criarmos nenhum padrão ideológico ou contraditório, iremos descobrir, se possível, se existe uma ação total que — o que quer que estejamos fazendo — não gere contradição e, por conseguinte, mais aflição, mais sofrimento, mais confusão.

Se está claro isso, acho que é suficiente o que já disse nesta manhã, dispensando mais pormenores. Por conseguinte, devemos considerar, em primeiro lugar, o que é *comunicação*. Isso tem de ser compreendido claramente, para que possamos descobrir o que é a mente que se acha no "estado de comunhão". Pois, se se não compreende o que é a comunicação, nunca compreenderemos o que é *comunhão*.

Quando temos algo para comunicar uns aos outros, servimo-nos de palavras. Quando digo que gosto de vós ou que não gosto de vós, tenho de fazer uso de palavras ou gestos; e o gesto, a palavra, o símbolo, transmite o pensamento — o qual interpretais conforme vossos próprios gostos e aversões, ou conforme vosso próprio condicionamento, ou vosso mêdo. Assim, pois, a comunicação por meio de palavras tem suas peculiares limitações; a menos que ambos empreguemos a mesma palavra, com o mesmo significado, a mesma clareza, de parte a parte, não compreendemos, mediante a comunicação, o que se está dizendo. Isso também é bastante claro, não? Quando digo que dois e dois são quatro, isso é perfeitamente claro. Só não é claro para a mente pervertida que se recusa a ver, para a mente desequilibrada, a mente em que há alguma "fixação", alguma opinião, idéia, conclusão definitiva que manda dizer: "Não, dois e dois são seis ou cinco". Em tal caso, a mente se recusa a ver o fato, nega o fato, porque está tôda emaranhada em seu próprio condicionamento, sua própria opinião, sua própria experiência e crença, e *não quer* ver o fato de que dois e dois são quatro.

Vêde, pois, quanto é difícil comunicar algo a quem — como a maioria das pessoas — está prêso à tradição, agrilhoado às suas próprias idéias, opiniões, julgamentos, temores, a seu inepto,

---

(1) *blue paper* (mais usado: *blue print*) papel especial para desenho de planos, projetos, etc. (N. do T.).

ineficiente pensar, a uma palavra a que atribui uma significação que o orador não lhe dá. Vêde, por favor, a imensa dificuldade que apresenta a comunicação verbal. Empregamos determinadas palavras, como "disciplina", e logo temos certos padrões. Imediatamente, traduzis a palavra segundo vossa própria terminologia, vossa experiência pessoal, ou a entendeis em conformidade com um certo guia religioso; dessarte, vos negais a compreender o significado que vosso interlocutor está dando à tal palavra. Assim, enquanto vos colocardes numa posição — seja intelectual, seja verbal — e vos recusardes a arredar-vos dessa posição, torna-se impossível a comunicação, em qualquer forma que seja. Isso também é perfeitamente óbvio.

Assim, só é possível estarmos em comunicação — estou empregando a palavra "comunicação", e não "comunhão" — quando êste orador faz uso de uma palavra inglêsa e vós compreendeis essa palavra em seu nível próprio, isto é, lhe dais o mesmo significado que o orador lhe dá, sem a traduzirdes conforme vossa particular terminologia do sânscrito, que tem suas associações próprias; aí, então, há possibilidade de estarmos em comunicação. Vêde, senhor, tomai qualquer palavra, a palavra "disciplina", a palavra "esfôrço". Eu emprego a palavra "disciplina" em seu sentido real. É uma palavra inglêsa (*discipline*) e sua raiz significa "aprender". Mas, para vós, ela tem significação completamente diferente. No instante em que ouvis essa palavra, a traduzis com o sentido de "ajustamento a padrão", "repressão", "contrôle" — isto é, o sentido que alguém lhe dá — Sankara ou outro. Dêsse modo, cessa imediatamente a comunicação entre vós e mim. Não é exato isso? Para podermos comunicar-nos verbalmente, deveis dispor-vos a compreender o que a palavra significa para quem vos fala, em vez de conferi-la com vossa particular definição.

Como vemos, mesmo no nível verbal, é muito difícil nos comunicarmos. E muito mais difícil ainda é nos acharmos num estado de comunhão a respeito de uma coisa que requer extraordinária energia, profundo senso de "não divisão", ou seja o percebimento simultâneo da mesma coisa, no mesmo nível, com a mesma intensidade.

Pois bem. Vamos empregar a palavra "ação". "Ação" significa "fazer" ou "ter feito" ou "ir fazer", "agir", não em con-

formidade com um padrão ou ideal, com o que disse o *Gita* ou o Buda. Falo de ação, não conforme alguém entende a palavra, nem conforme vosso próprio conceito de "ação". Porque conceito não é *ação*, idéia não é *ação*. Por "ação" entendo "fazer". Assim, não nos interessa a idéia do que seja "ação correta" e "ação incorreta", não nos interessa o conceito, a fórmula. Só nos interessa descobrir a ação total, que não cria, que não encerra em si o germe da confusão, o germe da contradição. Dessarte estaremos, vós e eu, num estado de comunhão, em que iremos descobrir o que é a ação total, completa.

Portanto, cumpre perceber, em primeiro lugar, que nossa vida, em seu movimento, produz a atividade geradora de contradição; porque a vida é movimento, e êsse movimento, ação. Não se pode viver sem ação, seja ação intelectual, seja ação emocional, ação física, ou ação nas relações com a espôsa, com os filhos, o marido, a sociedade. A vida é movimento; e êsse movimento da vida cria contradição na ação, quando dividido em fragmentos, tais como "atividade científica", "atividade filantrópica", "atividade religiosa", "atividade administrativa", "atividade política", "atividade de reforma social", etc. etc. E quando o indivíduo funciona dentro dêsses compartimentos, embora haja movimento, êsse movimento cria, ou gera, ou produz contradição — contradição a que a mente procura furtar-se por meio de um ideal, tal como o da "não-violência", considerado um ideal nobre, etc.

Assim, primeiramente, temos de compreender que é um fato que nossa vida está dividida em atividades fragmentárias, geradoras de contradição e, por conseguinte, de mais conflito, mais aflição. O que devemos saber, em primeiro lugar, não é como fugir a êsse fato nem o que cumpre fazer em relação a êle; primeiro, temos de perceber o fato. Percebemos êsse fato? E, ainda, de que maneira o percebemos? Com repulsa, dizendo "como isso é terrível!"? No momento em que dizeis "como isso é terrível", cessastes de compreender o fato. O fato não requer vossa opinião, vosso julgamento. O sol se levanta todos os dias, quer vos agrade, quer não; não importa se tendes dor de cabeça ou se dormistes mal, se tendes fome, etc., — *o fato* lá está. Do mesmo modo, deveis perceber êste fato — *o que é*, e não o que *deveria ser*.

Assim, no momento em que percebeis o fato e não o traduzis em referência a uma opinião ou ao que cumpre fazer a seu respeito, então, visto que vossa mente só está interessada no fato e não em traduzi-lo em conformidade com vosso condicionamento, então estais em comunhão com o fato. Está claro?

Em geral, nunca estamos em comunhão com coisa alguma. Não estais em comunhão com vossa espôsa, vosso marido, vossos filhos; estais em comunhão com a imagem de vossa espôsa, as recordações de vossa espôsa, os prazeres sexuais fruídos com a espôsa ou o marido. Estais em comunhão com a memória, porém não com o fato de que tendes uma espôsa ou um marido. Da mesma maneira, se se deseja aprofundar verdadeiramente essa imensa questão da ação — não ação social, ou individual, ou coletiva, não o que cumpre fazer em relação à sociedade — é necessário compreender, cada um por si mesmo — ou, melhor, descobrir e, portanto, compreender — o que é que essa ação total implica, o seu significado. Temos de pôr-nos em comunhão com ela. E tal comunhão só se torna possível se se compreende a comunicação verbal e as dificuldades a ela inerentes.

E, uma vez compreendida a comunicação verbal, podeis então dar o passo subseqüente... não, não se trata de "passo", de seqüência, porém do movimento natural, que é "estar em comunhão com vós mesmo". Porque, afinal de contas, esta é que é a fonte de tôda ação, não achais? Vossos desejos, vossos rancores, vossa ambição, vossa avidez — eis a fonte de tôda a vossa ação, e com essa fonte não estais em comunhão, absolutamente. Seguireis inevitàvelmente o movimento da vida, quando houver compreensão do significado da comunicação; tendo-a compreendido, passais à questão seguinte: é realmente possível estar em comunhão com alguma coisa? Ou, como tendes vossas "memórias" do passado — podendo êsse passado ser de mil anos ou de ontem — irão essas memórias interferir a todo momento, de modo que nunca possais estar em comunhão com coisa alguma? Mas, é bem de ver que, se não estais em comunhão com coisa alguma, sois um ente humano morto.

Deveis estar em comunhão com o rio, com os pássaros, com as árvores, e a maravilhosa luminosidade do ocaso, e a luz matutina refletida nas águas; tendes de estar em comunhão com

vosso próximo, vossa espôsa, vossos filhos, vosso marido. Por "comunhão" entendo "não-interferência do passado", de modo que vejais tudo como nôvo, de maneira nova; e essa é a única maneira de estar em comunhão com alguma coisa — isto é, morrendo para tudo o que é de ontem. É possível isso? É preciso descobri-lo, e não perguntar "Como conseguirei isso?" — que é uma pergunta verdadeiramente infantil. Muita gente pergunta "Como conseguirei isso?", o que revela a mentalidade dessas pessoas. Nada compreenderam; o que querem é apenas um certo resultado.

Assim, eu vos pergunto se alguma vez vos achais em contato com alguma coisa, e se alguma vez tendes contato com vós mesmo — não vosso "eu superior", vosso "eu inferior", e tantas outras divisões que o homem criou para fugir ao fato. *Vós* tendes de descobrir isso; ninguém vos pode dizer nem ensinar como alcançar a ação total. Não há "como", não há método, não há sistema; nada se vos pode ensinar. Tendes de trabalhar, tendes de descobrir... Não?... Sinto muito. — Não me refiro *àquela* palavra "trabalho". Todos gostam de trabalhar, e uma de nossas "fantasias" é essa, que precisamos trabalhar para alcançar alguma coisa. Não se trata de *trabalhar;* quando vos achais num estado de comunhão, não há "trabalhar"; êle lá está, o perfume lá está, e não tendes necessidade de trabalhar.

Assim, pois, interrogai a vós mesmo — se me permitis sugeri-lo — a fim de por vós mesmo descobrirdes se vos achais em comunhão com alguma coisa, se vos achais em comunhão com uma árvore. Já estivestes em comunhão com uma árvore? Sabeis o que significa olhar uma árvore, sem haver nenhum pensamento, nenhuma lembrança a interferir em vossa observação, em vosso sentimento, em vosso estado nervoso de atenção, de modo que só a árvore exista, e não *vós* a olhar a árvore? Provàvelmente, nunca fizestes tal coisa, porque, para vós, uma árvore nada significa. A beleza de uma árvore nenhum significado tem, porque, para vós, beleza significa sexualidade. Por isso, rejeitastes a árvore, a natureza, o rio, vossos semelhantes. E com coisa nenhuma estais em contato, nem com vós mesmo. Estais em contato com vossas idéias, com vossas próprias pala-

vras; sois como um ente humano em contato com cinzas. Estais morto, completamente consumido.

Assim sendo, o que em primeiro lugar se deve perceber é a necessidade de descobrir qual é a ação total que não gera contradição, em nenhum nível da existência; descobrir o que é "estar em comunhão" — em comunhão com *vós mesmo* e não com o *Atman,* Deus, etc.; estar realmente em contato convosco, com vossa avidez, vossa inveja, ambição, brutalidade, falsidade, e, daí, passardes adiante. Descobrireis então por vós mesmo (*descobrir,* e não "ser informado", pois isso nenhum valor tem) que só há uma ação completa quando há na mente um silêncio total, de onde emana a ação.

Como sabeis, a mente de quase todos nós está cheia de barulho, sempre a "tagarelar" consigo mesma, a monologar a respeito de alguma coisa, a procurar persuadir-se ou convencer-se de alguma coisa; está sempre a mexer-se, a fazer barulho. E dêsse barulho provém a nossa ação. Mas, tôda ação nascida do barulho produz mais barulho ainda, mais confusão. Entretanto, se observastes e aprendestes o que significa "estar em comunicação", se compreendestes a dificuldade da comunicação — que é o estado em que a mente não "verbaliza", quando transmite ou recebe uma comunicação — então, sendo a vida movimento, *vos movereis,* em vosso atuar, natural, livre, fàcilmente, sem nenhum esfôrço, para aquêle estado de comunhão. E, no estado de comunhão, se penetrardes mais fundo ainda, vereis que não só estareis em comunhão com a natureza, com o mundo, com tudo o que vos circunda, mas também em comunhão com *vós mesmo.*

Estar em comunhão consigo mesmo requer silêncio completo, para que a mente esteja silenciosamente em comunhão consigo mesma, a respeito de tôdas as coisas. Daí vem a ação total. Só do vazio pode provir a ação total, criadora.

Senhores, vejamos se poderemos "discutir" ou fazer perguntas — explorar juntos o que estivemos dizendo nesta manhã.

INTERROGANTE: Não estamos em comunhão com a contradição, senhor?

KRISHNAMURTI: Não vos achais em contradição? Não estais em comunhão com essa contradição, que é a causa, a raiz

de nossa existência? Todo pensamento, tôda evolução traz contradição.

Falais teòricamente ou — se me permitis a pergunta — falais com base no fato? Se estais falando com base no fato, descobristes qual é a causa da contradição? Qual a causa da contradição? Vêde isso de maneira muito simples. Não especuleis a êsse respeito, tratai de descobrir qual é a causa da contradição. Posso fazê-lo, por vós?

Qual é uma das causas da contradição? Desenvolverei êste ponto, à medida que fôr prosseguindo. Mas acompanhai-me passo por passo. Qual é uma das cauas da contradição? Uma das principais causas da contradição é esta: ter um ideal.

INTERROGANTE: E qual é a causa principal?

KRISHNAMURTI: Esperai, senhor, lá chegaremos. Desejais a causa principal, e não indagastes sequer da causa inicial. Estou dizendo, de mim para comigo: "Por que surge essa contradição?" — não estou indagando de sua "causa final". Percebo que uma das causas da contradição é "ter um ideal". Nós estamos examinando; não estamos dizendo que não devemos ou que devemos tê-lo. Percebemos a causa, isto é, o porque somos violentos — vós pelo menos o percebeis — e ao mesmo tempo somos violentos. Porque tal contradição? É bem óbvia a contradição.

Percebo que uma das causas principais da contradição é "ter um ideal". Sei que não concordareis comigo. Talvez concordeis verbalmente, mas, com efeito, continuareis com vossos ideais, depois de sairdes daqui. Estais agrilhoados, sufocados pelos ideais. Digo, pois, que a causa primária da contradição é ter um ideal. Por que tendes ideais? Porque, dizeis, se não tivésseis ideais, não saberíeis lidar com um fato, e o ideal vos ajudará a alterar êsse fato. Isto é, se não tivésseis o ideal da não-violência, não saberíeis o que fazer a respeito da violência, seríeis violento. Pensais que o ideal vos servirá de alavanca para erradicar a violência. O ideal da não-violência vos impede de ser violento — sendo "violência" ambição, dominação?... Senhor, estou fazendo uma explanação, uma exposição... Isso significa, senhor, que não estais verdadeiramente interessado em compreender a contradição e dela vos libertardes, e só vos interessam idéias.

Assim, por que tendes ideais? Em primeiro lugar, porque pensamos que, tendo um ideal, seremos capazes de livrar-nos do fato, ou de alterá-lo, modificá-lo, mudá-lo. Se sou violento, sirvo-me do ideal da não-violência como meio de livrar-me de minha violência. Pois bem. Vêde o que aconteceu! O fato é que sou violento; e o ideal não é um fato *real,* porém um fato *verbal,* uma idéia; e penso que essa idéia me dará a possibilidade de libertar-me de minha violência. Cria-se o ideal porque desejo fugir ao fato e, dessarte, criou-se uma contradição. Mas se, ao contrário, observo o fato — o fato de que sou violento — posso então dar atenção a êsse fato, não é verdade? Ou gosto da violência, ou dela não gosto.

Mas, como a maioria das pessoas ama a violência, conserva-a. Se se trata de um fato de que gostais, está certo; vós o conservais, permaneceis violento, enquanto falais de paz, etc. etc. Mas, sabeis que, assim fazendo, estais enganando a outros e a vós mesmo. Mas, se não gostais dêsse fato, por que ter o ideal? Se não gostais do fato, tendes a possibilidade de liquidá-lo imediatamente.

Senhores, compreendeis como nasce a contradição? Por que sou violento? Em primeiro lugar, minha educação, minha sociedade, o clima, a alimentação, a estrutura social, os fenômenos sociais, a estrutura econômica, etc. — tudo isso gera em mim a tendência para a violência. E, ainda, psicològicamente, eu gosto da violência. Porque sou violento, invento a idéia da "não-violência", a fim de fugir a êsse fato, esperando que, por meio dessa idéia, dêsse adiamento, me tornarei gradativamente não-violento. Mas, se nenhum ideal tenho (é falta de madureza ter ideais) a mente enfrenta os fatos, há madureza. A mente amadurecida nenhum ideal tem. Sabe enfrentar os fatos e, por conseguinte, não há contradição nos fatos. Sou violento; gosto ou não gosto de o ser. Se não gosto dêsse fato, jogo-o para longe; é tão simples! Mas não podeis jogá-lo para longe se estais sempre a mostrar-vos idealìsticamente não-violento.

Tendes de enfrentar o fato, e estareis então em condições de cuidar dêle. E assim é nossa vida tôda: tenho mêdo da insegurança, da morte, da opinião pública — tenho pavor a dúzias de coisas. Por que temo milha mulher? Por que temeis

vosso patrão, vosso marido, vosso vizinho? Porque poderão magoar-vos, tomar-vos alguma coisa. Tenho mêdo de minha mulher ou de meu marido; minha mulher *me pertence*. Legalmente, moralmente, brutalmente, conservo-a em meu poder; tenho mêdo. Se ela olha para outro homem, tenho ciúme; e, para impedir o aparecimento do ciúme, cerco-a de leis morais. Eis aí o comêço: temo que minha mulher me abandone, deixe de proporcionar-me os prazeres sexuais de que necessito.

INTERROGANTE: Isso não é inerente à nossa natureza, senhor?

KRISHNAMURTI: Nada é inerente, a não ser quando se trata de animais. Algumas coisas são inerentes à natureza do animal. Mas, como ainda somos animais, como a maioria de nós é ainda de natureza animal, sentimos mêdo. Estamos apreciando fatos. Mas, reconhecer o fato e com êle satisfazer-se, isso ainda é próprio do animal. Senhor, o animal luta e, portanto, o ente humano também luta; mas o ente humano — que ainda é animal — supostamente já evolveu dois milhões de anos, do animal.

INTERROGANTE: Tendes assinalado o caminho da mutação.

Há outro exemplo de uma mutação similar?

KRISHNAMURTI: Senhores, no momento estamos falando a respeito de outra matéria; deixemos de lado, por ora, êsse assunto da mutação.

Sabeis o que é aprender, senhor? Que significa isso — *aprender*? Para aprender a respeito de alguma coisa, principalmente se se trata de matéria psicológica, algo profunda e sutil, deve o indivíduo estar verdadeiramente livre, e deve haver um sentimento de extraordinária curiosidade, sem aceitação nem rejeição. Só então pode-se aprender; e aprendeis, não apenas do orador, mas também de tôdas as coisas. Mas a maioria de nós não deseja aprender; porque já temos acumulado tantos conhecimentos, a única coisa que nos interessa é acrescentar mais saber ao que já sabemos.

Estou tentando mostrar àqueles que me estão escutando quanto é difícil e quanto é necessário o aprender, e não o acumular conhecimentos. Não sei por que razão acumular co-

nhecimentos; todos êles estão nos livros. Por que não deixá-los nas estantes, guardados nos livros? Por que trazê-los guardados na cabeça? Se se deseja saber o que Sankara disse a respeito de alguma coisa, basta abrir o livro onde se acha o que se deseja saber. Por que trazer isso guardado na cabeça? Vós o fazeis porque isso vos confere um "espetacular" sentimento de importância, pois podeis convencer a outrem de que sabeis muito mais do que X. Mas, dêsse modo, a mente *não aprende*.

Nós temos de *aprender*. A vida é um movimento, como já vos fiz ver. É preciso aprender a cada minuto. E só a mente juvenil, inocente, clara, equilibrada, está sempre aprendendo, aprendendo, e nunca acumulando. Assim sendo, senhor, se desejais aprender, deveis saber o que é "comunicar" e o que é "achar-se no estado de comunhão". Aprendei-o, descobri-o por vós mesmo. Mas, dêsse modo, a mente *não aprende*.

E, ao verdes que a palavra não é a coisa, a palavra se torna sem importância. E palavra tem sua importância, porém não aquela tremenda importância que atualmente lhe atribui a maioria das pessoas. Assim, quando a mente está livre da palavra, pode olhar a árvore sem a palavra. Experimentai-o, uma vez, e *aprendereis* a extraordinária beleza da árvore. E, compreendido o justo significado e valor da palavra, então aquêle movimento — o movimento da vida — prossegue, para maiores profundezas e amplidões. Isto é, a mente se acha então no estado de comunhão. E só nesse estado pode a mente compreender e descobrir por si própria o que significa atuar totalmente, em todos os níveis de nossa existência.

Varanasi, 22 de novembro de 1964.

VARANASI III

A idéia e o fato

ANTEONTEM estivemos falando sôbre a madureza — que significa, com efeito, o estado mental em que não há contradição. Essa madureza exige energia — energia não considerada como *idéia.* Porque uma idéia a respeito da energia difere completamente do *fato,* que é a própria energia. Temos fórmulas ou conceitos sôbre como produzir uma energia que seja da mais alta potência. Mas, qualquer fórmula é inteiramente diferente da potência renovadora da própria energia.

Não estamos, pois, falando sôbre a idéia, porém sôbre o próprio fato. E parece-me que é neste ponto que à maioria de nós se apresenta a dificuldade. Só nos interessam idéias ou conceitos, quanto ao meio ou modo de produzir energia da mais alta qualidade; e, depois de formarmos a idéia ou conceito, trabalhamos de acôrdo com êle, a fim de produzirmos aquela energia. Dessarte, o conceito — *como* produzir energia — e o fato, que é a própria energia, se acham sempre em contradição. O homem cheio de energia física não necessita de nenhuma idéia sôbre a energia; *é enérgico.* Mas aquêle que não tem suficiente energia, que é doente, mentalmente desequilibrado, nutre conceitos sôbre a maneira de produzir aquela energia. Mas, nesta manhã, falando de energia, deve ficar bem claro para todos que não estamos interessados em nenhum conceito, porém no próprio fato. Não nos interessa nenhuma opinião ou asserção sôbre a natureza dessa energia, ou sôbre o modo de produzi-la. Assim, se percebemos, inicialmente, o próprio fato, e não a idéia, a contradição começará imediatamente a desaparecer.

Vamos, pois, falar sôbre essa energia. E a mais alta forma, o apogeu dessa energia, é o estado da mente em que não existe nenhuma idéia, nenhum pensamento, nenhum vestígio de diretiva ou motivo. E essa qualidade de energia não pode ser buscada. Não se pode dizer: "Mostrai-me como obtê-la, o *modus operandi,* o método". Não há nenhum método de obtê-la. Para descobrirmos por nós mesmos a natureza dessa energia, devemos começar por compreender a energia que diàriamente se consome: a energia de que necessitamos para falar; para escutar o canto de uma ave, uma voz; para ver o rio, o amplo céu e o aldeão sujo, desnutrido, doente, semimorto de fome; e a árvore que, ao entardecer, vai, a pouco e pouco, mergulhando nas sombras. A própria observação das coisas é energia. E essa energia nos chega mediante os alimentos, mediante os raios solares. Essa energia física de que nos suprimos diàriamente pode naturalmente ser aumentada com alimentação adequada, etc. Ela, decerto, é necessária. Mas essa mesma energia, que se converte em energia psíquica, em pensamento, é desperdiçada quando, nela própria, há alguma contradição.

Tende a bondade de prestar atenção. Examinaremos êste ponto, passo por passo. Se não procedermos lògicamente, sãmente, racionalmente, não alcançaremos aquela fôrça tremenda, a energia em sua mais alta potência, na qual — e só nela — existe o movimento sem tempo. E desperdiçamos nossa energia, essa energia psíquica, a energia que produz o pensamento, a energia que armazena lembranças, a energia que é memória do passado, a energia pretérita e futura que constitui o mecanismo do pensamento. Sempre que essa energia se choca com uma contradição e não a compreende e dela se liberta, essa energia se dissipa, se esperdiça. Contradição é: pensar uma coisa e fazer outra coisa, no nível mais baixo e não no mais alto; no nível de nossa cotidiana existência. Quando falamos rudemente com outra pessoa, e posteriormente nos arrependemos de o ter feito, êsse arrependimento é desperdício de energia, desperdício que começa no momento em que falamos rudemente com outro. Cria-se, assim, a memória que nos adverte de que não devemos ser rudes, que devemos ser bondosos; daí, a dualidade, cujo conflito é desperdício de energia. Espero, senhores, que estejais seguindo isto.

Assim, o conflito, de qualquer espécie — físico, psicológico, intelectual — é desperdício de energia. É dificílimo compreendermos êsse conflito e dêle nos libertarmos, porque somos educados para lutar, fazer esfôrço. Quando na escola, é esta a primeira coisa que se nos ensina: fazer esfôrço. E essa luta, êsse esfôrço perdura tôda a vida: isto é, para serdes bons, deveis esforçar-vos, deveis combater o mal, resistir, controlar. Assim, educativa, sociológica e religiosamente, os entes humanos são ensinados a lutar. Diz-se-vos que para encontrardes Deus, deveis trabalhar, disciplinar, exercitar, torcer e torturar a alma, a mente, o corpo, negando, reprimindo; que não deveis olhar; que deveis lutar, lutar, lutar, no chamado nível espiritual — que de modo nenhum é espiritual. Também, socialmente, cada um só luta por si e sua família.

Peço-vos observeis isso, vós mesmo; estamos examinando algo de verdadeiramente profundo. Se o desejardes, acompanhai o orador — acompanhá-lo, e não segui-lo como a uma autoridade; ir caminhando a seu lado, viajando junto com êle. Chegareis assim àquela energia extraordinária que se renova sem o mínimo esfôrço, que renova a mente, mantendo-a sempre juvenil, fresca, inocente.

Assim, pois, religiosamente, ensina-se-vos a "fazer esfôrço". E sociològicamente, também, tendes de lutar para alcançar, realizar, "vir a ser"; "deveis" ser melhor que vosso vizinho, ter mais posses do que êle. A ambição é vossa mola propulsora; e essa ambição é, com efeito, uma forma de autopreenchimento — na família, na sociedade. Êsse autopreenchimento, identificado com o grupo, com a raça, com a nação, leva a êsse constante esforçar-se, êsse lutar, lutar, lutar. E tal esfôrço existe por causa desta contradição: Quando sois ambicioso, quando desejais preencher-vos, há sempre a possibilidade de frustração, possibilidade que vos impele com mais fôrça, aumenta a vossa tensão. E, se se trata de uma pessoa dotada de certas capacidades, essa tensão se expressa no escrever poemas ou em extravios vários.

Socialmente, fazemos esforços, movidos pela ambição, a avidez, a inveja, o ódio, o desejo de prazer; e tais esforços são desperdício de energia. Por favor, observai isso em vós mesmo.

E, sexualmente, o mesmo processo se torna um tremendo problema para a maioria das pessoas. Vêde simplesmente a razão de tudo isso e não o que cumpre fazer. Examinaremos êste ponto e, por meio dêsse exame, compreendereis. Intelectualmente estais sufocado; nunca pensais por vós mesmo, de maneira original, porém apenas *repetis;* acumulais conhecimentos tirados dos livros e sois capaz de repetir interminàvelmente frases do Gita ou do Alcorão ou do mais moderno autor, etc. Assim, intelectualmente, estais sendo tolhido, sufocado, controlado, moldado e, por conseguinte, do ponto de vista intelectual, não há possibilidade de libertação. Tampouco a há do ponto de vista emocional — mas não deis à palavra "emocional" o sentido de "sentimental". Um ente sentimental é perigoso: pode tornar-se cruel, estúpido, insensível. Portanto, não estou falando de sentimentalidade, e sim da pessoa emocional. Impede-se a emoção quando não há apreciação da beleza.

Para se ver a beleza do rosto de uma pessoa, a beleza de um rio, a beleza de uma fôlha caída à beira da estrada, a beleza de um sorriso, a beleza de uma ave a voar, necessita-se de paixão, de alta sensibilidade. Mas, não temos essa sensibilidade. Sensibilidade implica *zêlo* — zêlo para com os filhos, o próximo, o serviçal, se o tendes; ter realmente zêlo. E falta-nos o zêlo porque somos completamente destituídos de paixão e, por conseguinte, não podemos estar em intimidade, em comunhão com a beleza. Vivemos sufocados, tolhidos, porque, para nós, beleza é sexualidade, pois, por todo o mundo, as religiões prescrevem: "Para achardes Deus, não deveis olhar para uma mulher". Assim, emocionalmente, estamos tolhidos, barrados; estamos sendo destruídos por tais preceitos, pelos semipueris *mahatmas,* deuses e santos.

E, assim, a única coisa que nos resta é o sexo. Refreados intelectual e emocionalmente, não achamos saída, não temos sensibilidade. E, naturalmente, resta-nos o sexo. No emprêgo, na vida diária, tendes de suportar insultos. Vêde a fealdade da moderna existência, em que sois apenas um dente da vasta engrenagem social; olhai-vos, senhor, por favor! Dessarte, o marido, a mulher, o sexo se tornam desproporcionalmente importantes e, por conseguinte, um problema; e com êsse problema desperdiça-se energia. Vendo-nos refreados em nosso pensar,

criamos a imagem, pensamos naquilo que nos proporciona prazer, na vida, ou seja o sexo. E, fìsicamente, temos de freqüentar o escritório todos os dias, lutar, viver mal nutrido; bem conheceis os fatos de nossa existência.

Em todos os sentidos, pois, estamos desperdiçando energia. E êsse desperdício de energia é, essencialmente, conflito: conflito entre o "devo" e o "não devo". Uma vez criada a dualidade, torna-se inevitável o conflito. Cumpre, pois, compreender todo êsse processo da dualidade; mas isso não significa que tenhamos de negar a existência do homem e da mulher, do verde e do vermelho, da luz e da treva, do alto e do baixo — que são *fatos*. Mas, no esfôrço inerente a essa divisão entre o fato e a idéia, há dissipação de energia. Não sei se ainda não notastes que as pessoas gostam de falar — falar em público, ou em casa, ou consigo mesmas; que só as idéias lhes interessam — a idéia socialista, a idéia comunista, ou a idéia capitalista. Acham-se entranhadas de idéias e não de fatos. Quando vos interessais totalmente no fato, e não na idéia, não há mais conflito.

Vêde, por favor, que, se compreenderdes esta tão simples coisa da vida, compreendereis então a natureza do conflito e, por conseguinte, vos libertareis dêle. A menos que seja eliminada totalmente qualquer forma de conflito, estaremos esperdiçando tôda a nossa energia. E não se deve desperdiçar energia, porque a mente necessita de tôda fibra de energia, para poder acompanhar o movimento da vida, que é ação, para poder fluir juntamente com a vida. E, para se poder acompanhar o tremendo fluir da vida, que não é uma idéia, que não é nenhuma reforma social, nenhuma atitude socialista, comunista ou hinduísta — para acompanhar essa coisa extraordinária chamada a vida, a qual é movimento, acompanhar o ritmo dêsse movimento, sem o mínimo atrito, requer-se tremenda energia. Por conseguinte, é necessário compreender isso, em vez de indagar-se "Como poupar energia?".

Com a pergunta "Como poupar energia?" cria-se o padrão de uma idéia — *como* poupá-la — padrão que fica sendo a norma de conduta do indivíduo; e, dessarte, recomeça a contradição. Mas se, ao contrário, perceberdes por vós mesmo, em que estão sendo dissipadas as vossas energias, vereis que a principal fôrça responsável por êsse desperdício é o conflito — ou seja ter um

problema e jamais resolvê-lo, viver com a lembrança de alguma coisa morta, viver segundo a tradição. É necessário compreender a natureza da dispersão da energia, não em conformidade com Sankara, Buda ou algum santo, porém pela observação objetiva dos diários conflitos de nossa vida. Vemos, pois, que a principal causa do desperdício de energia é o conflito — mas não estou dizendo que devemos quedar-nos inativos. O conflito existirá sempre, enquanto a idéia fôr mais importante que o fato.

Examinaremos agora a questão do desperdício de energia motivado pelo mêdo. Tomo êste para exemplo; vós podeis escolher outro exemplo: a avidez, a ambição, o que quer que seja. Mas, pela compreensão da estrutura, natureza e significado do mêdo, nos libertaremos da idéia e nos habilitaremos a enfrentar o fato. Isto é dificílimo, isto é, não nos achegarmos ao fato com uma opinião, uma idéia, a lembrança de uma experiência, porém enfrentarmos o fato. Trata-se de duas coisas inteiramente diferentes.

Vamos, pois, examinar o mêdo e ver o que é fato e o que é opinião. Se vos desagrada êste assunto, trataremos mais adiante da violência. Porque a maioria das pessoas — pode-se dizer *tôdas* — têm mêdo; e também, pràticamente, todos são violentos, em pensamento e em palavras; e se não são violentos no pensar ou no falar, são violentos na vida de família ou, se não são em família, o são nas profundezas de seu ser. Vou, pois, examinar êsses dois fatos.

O mêdo não existe por si só. Só existe em relação com alguma coisa: mêdo da opinião pública; mêdo da morte; mêdo do marido ou da espôsa; mêdo de perder um emprêgo. O mêdo, pois, só existe em relação com alguma coisa, é causado por alguma coisa. Ora, direis: "Se posso descobrir a causa do mêdo, ficarei livre dêle". Tratais então de analisar, examinar introspectivamente a causa do mêdo. Mas essa análise, êsse exame, é desperdício de energia. Compreendei isso, por favor. Talvez nunca tenhais refletido nessas coisas; assim, *escutai,* simplesmente, sem aceitar nem rejeitar; *olhai,* simplesmente.

Dizeis que tendes mêdo, e tratais de descobrir a causa disso; investigais, olhais, examinais; depois, se não conseguis encontrar essa causa, ides consultar alguém, o psicanalista ou o *guru;* ou

continuais a procurá-la, até encontrá-la em algum lugar. Vêde o que acontece! O fato é êste: tendes mêdo. Em seguida, tratais de descobrir a causa do fato, quer dizer, admitis um intervalo de tempo. Êsse intervalo de tempo é a análise, a introspecção, a indagação, a busca. Descobris então a causa e dizeis: "Como dissolver esta causa?". Assim, *o fato* é uma coisa: o mêdo; e, justamente pelo tentar descobrir-lhe a causa e eliminá-la, vos afastastes do fato. Com isso consumistes muitos dias ou talvez apenas um minuto, e êsses muitos dias ou êsse minuto constituiu um desperdício de energia. O importante é que se compreenda o mêdo, e não a análise; não o exame introspectivo; não — depois de descoberta a causa — cuidar de livrar-se dela. Todo êsse processo é um desperdício de energia.

Por favor, não concordeis comigo. Observai. Eu estou trabalhando, pensando em voz alta, junto convosco, mas vós não estais cooperando comigo. Desejais que eu vos guie; estais-me *seguindo;* e esta é a desgraça da moderna educação, a desgraça da vida religiosa — o conformismo.

Qual é, pois, o fato referente ao mêdo? O descobrimento da causa do mêdo eliminará o mêdo? Já conseguistes isso alguma vez? Pode-se consumir alguns minutos ou algumas horas, até descobrir a causa. Ela pode ser descoberta de maneira muito simples e rápida. E, depois de descoberta, o mêdo desaparece? Não desaparece, decerto. A pessoa se vê de volta ao ponto de partida e diz, então, de si para consigo. "Alguma coisa não está certa, neste processo".

Qual o fato referente ao mêdo? Como descobri-lo? Por certo, não podeis descobri-lo, se tratais de distanciar-vos dêle, bebendo, freqüentando os templos, ouvindo rádio, tagarelando incessantemente, ou lendo livros e mais livros. Tôda forma de fuga ao mêdo constitui desperdício de energia. Isso é indiscutível e perfeitamente óbvio; portanto, não precisamos estender-nos a êsse respeito. Qual é pois o fato relativo ao mêdo? Temos mêdo do que o outro diz ou temos mêdo dêsse fato que é a morte. Ora, que é o mêdo, e qual o fato referente ao mêdo? Qual a verdade contida no mêdo? Não se trata de lhe descobrir a causa, de fugir dêle. Qual a verdade encerrada no mêdo?

Como poderá a mente descobrir a verdade relativa ao mêdo? Antes de mais nada, é necessário compreender que o mêdo é

resultado do pensamento — não é exato? Se não pensásseis, não sentiríeis mêdo. Isto é, se não pensásseis na morte, por exemplo, nenhum mêdo teríeis da morte. Não é exato? É a idéia de que tereis de morrer, a idéia de terdes visto outras pessoas morrerem, a idéia de que precisais pôr a morte o mais distante possível de vós — é que causa o mêdo. Quer dizer, o pensar na morte causa mêdo. Pergunta-se, pois: "Pode-se viver no mundo sem pensar?". Isso não significa pôr-nos a dormir, a vegetar, porém perceber o fato que o pensar na morte (o pensamento, pois) cria o futuro. Correto? O pensamento cria o futuro, o pensamento cria a idéia da opinião pública a vosso respeito; a opinião pública poderá tornar-se desfavorável a vós, tirar-vos o emprêgo. Vemos, pois, que o pensar no futuro cria o mêdo, gera o mêdo. E pensar no passado — nos tempos em que tínheis boa saúde, e todos os confortos, etc. — tanto o pensar nesse passado, como no futuro, *é mêdo*. Correto?

Assim, para se compreender o mêdo, é necessário compreender o mecanismo do pensamento, e não querer saber como livrar-se do mêdo. Como acabamos de assinalar, o pensamento gera mêdo. E pergunta-se então: "Como fazer parar o pensamento?". Não se pode cessar de pensar — isso significaria tornar-se idiota. Mas, se pudéssemos compreender o inteiro processo, o mecanismo do pensamento, tornar-nos-íamos aptos a compreender o mêdo e dêle nos livrarmos. Está claro até aqui?

Que é pensar? Pensar, como o mostra o cérebro eletrônico, e como qualquer um pode observar em si próprio, é reação da memória. Pensar é a "resposta" (*response*) ou reação proveniente "do que ontem sucedeu", a reação produzida por essa ocorrência de ontem. Uma experiência, um incidente, um insulto ou lisonja, a lembrança de coisas passadas — a "reação" proveniente dessas coisas é o "processo do pensamento". Isto é, quando há um intervalo de tempo entre o "desafio" e a "resposta", nesse intervalo de tempo está o processo do pensamento.

Olhai, senhores; não façais acenos de cabeça; observai o fato em vós mesmos. Não estais aqui para concordar comigo.

Isto é, todo o pensar se verifica no intervalo entre a pergunta e a resposta — ou seja o "desafio" e a "reação". Êsse intervalo

pode ser longo, ou pode constituir-se de uma fração de segundo. Nessa fração de segundo ou nesse amplo intervalo, o mecanismo da memória está a procurar, a rebuscar, a indagar, exigir, esperar; depois, acha o que procura e, por fim, responde. Isto é, quando se vos faz uma pergunta familiar, por exemplo "como vos chamais?", a resposta é imediata, porque estais perfeitamente familiarizado com vosso nome, vossa ocupação, vosso enderêço; não há intervalo de tempo. Quando ouvis e logo respondeis, há um intervalo de tempo, que pode ser de uma fração de segundo ou de um milionésimo de segundo — mas êsse intervalo existe. E quando se vos faz uma pergunta que requer mais exame, mais *pensar* (como o chamamos), mais lembrar, então o intervalo de tempo é maior. Correto? Estais seguindo isso? Durante êsse intervalo de tempo, vossa mente, vosso cérebro, tudo está em atividade, à procura da resposta.

E há, também, um intervalo quando dizeis "Não sei", mas estais a esperar, a olhar, a buscar, a indagar. Êsse intervalo poderá durar um ano, ou um dia apenas — mas há espera, expectativa. E, por fim, ao achardes a resposta, dizeis: "Eis a resposta". Correto? Vêde, senhor, creio que tôdas as semanas são publicados quatro ou cinco mil, ou mais livros. Ignoro o número exato. Imprime-se uma enorme quantidade de livros, e por meio dêsses livros adquirimos conhecimentos. A distância entre a Terra e a Lua, as estupendas descobertas da ciência, os progressos da medicina, da cirurgia, da farmacologia, as extraordinárias teorias econômicas — sôbre tudo isso se escrevem volumes e mais volumes, e não há tempo para lermos todos êsses livros. Entretanto, o homem alertado, vigilante, o homem que observa com interêsse, penetração, clarividência, não tem necessidade de ler livro algum. Em tôda a parte há o que ver e o que aprender. Não se depende então da autoridade; não se depende, tampouco, da própria experiência.

Assim, pois, nesta nossa reunião, o orador não vos está transmitindo conhecimentos, porém, antes, vós e eu estamos explorando juntos a questão do mêdo; e, nessa exploração, está-se-nos revelando a inteira estrutura do pensamento. O fato, pois, é êste: O pensamento gera o mêdo. Compreender o mecanismo do pensamento significa enfrentar o fato, sem nenhum intervalo de tempo. E enfrentar o fato sem intervalo

de tempo é ação imediata. O homem que não admite nenhum intervalo de tempo, a quem só interessa o fato — êsse homem não tem mêdo. Mas é realmente importante compreender o intervalo de tempo — ou seja a palavra, o símbolo, a idéia. Em geral, o que tememos é a palavra, e não o fato. Tendes mêdo da idéia da morte e não do fato que é a morte — pois não conheceis êsse fato. Se enfrentásseis o fato, sem nenhum intervalo de tempo, vossa ação seria inteiramente diferente; não existiria intervalo de tempo, para se ter mêdo. Não sei se estais compreendendo.

Considera-se necessário o intervalo de tempo para a solução de um fato psicológico. Não se trata naturalmente de um fato tal como a construção de uma ponte; para isso necessita-se de tempo. — A admissão de qualquer intervalo de tempo constitui um desperdício de energia, porque nesse intervalo de tempo há conflito. E o intervalo de tempo compreende não só a busca da causa do mêdo, mas também a análise para se descobrir a causa, e a determinação de nos livrarmos dessa causa; tudo isso constitui o intervalo de tempo, no qual há esfôrço, e por conseguinte dissipação de energia. Estais percebendo, senhores?

Dissemos que iríamos também considerar a questão da violência. Em maioria somos violentos, não apenas fìsicamente. Bater em alguém, irritar-se, ser ambicioso, competir — tudo isso é violência. Mas não vos iludais dizendo que a violência é uma mera ação física. Violência é também esta ação tremenda: impor a si próprio uma disciplina, um padrão de disciplina: repressão, contrôle, subjugação, dominação. Não se trata da simples violência que conhecemos em nossa existência diária, porém de coisa muito mais sutil. Profundamente, bem como superficialmente, exteriormente somos violentos; tal é o fato, pois evolvemos do animal, e temos mêdo; e quanto mais forte o animal, tanto mais violento.

Não sei se já observastes os cães dêste acampamento. Deveis tê-los ouvido tôdas as noites, perturbando-vos o sono; e como são violentos! Há algo de extraordinário no barulho. Quanto mais se combate o barulho, quanto mais a êle se resiste, tanto mais se perde o sono e a tranqüilidade. Mas, se deixardes "passar o barulho, assim como o vento passa pela janela, isto é,

sem lhe resistirdes, vereis então que os cães poderão ladrar até enrouquecer, sem que vosso espírito se perturbe. Experimentai!

Em geral, somos violentos. Por isso inventamos a idéia de que devemos ser "não-violentos". Vêde o resultado! Sou violento — em meus gestos, minhas atitudes, minha inacessibilidade, meu insulamento, meu orgulho, minha inveja, minha ambição. Sou violento, transijo com a violência, e invento a idéia da "não-violência". O fato é uma coisa, e a fórmula, a idéia outra coisa, na qual nos vemos enredados. Correto? Essa esquizofrenia, essa atitude dupla perante a vida, em que nunca enfrentamos a fato, mas falamos incessantemente de uma idéia sem nenhuma realidade — é a causa direta do conflito. Não sou fraterno porque, para ser fraterno, não deve haver nacionalidade, nem família; "família" como idéia — o que estou dizendo não significa que não devemos ter mulher e filhos. A família, evidentemente, é diretamente anti-social, pois está sempre oposta ao resto do mundo. Não trataremos dêste assunto.

Assim, como somos violentos e não temos possibilidades de dissolver essa violência, esperamos libertar-nos dela por meio de uma idéia ou ideal, de modo que cultivamos tal ideal. Êste orador *nenhum* ideal tem, porque só lhe interessam fatos e não ideais. O fato só pode ser observado quando não há intervalo de tempo. Isso é preciso compreender, pois é bem evidente que a violência existe.

Ora, cumpre averiguar o seguinte: a palavra "violência" criou a violência ou o fato existe por si próprio? Entendeis? Senhor, a palavra não é a coisa; a palavra "mulher", a palavra "criança", a palavra "porta", não são a mulher, a criança, a porta. Para a maioria de nós a palavra é a porta, a criança, a mulher. Olhai-vos, considerai isso vós mesmos e vereis a extraordinária influência das palavras. Uma pessoa é *comunista, brâmane, burocrata, engenheiro, ICS* (1), com pingues honorários. Tudo só palavras! Cabe-nos, pois, averiguar se a palavra é responsável pela violência, ou se a violência existe independentemente da palavra. Examinai-o, vós mesmo. Requer-se muita atenção para averiguar isso.

---

(1) ICS — Oficial do "Indian Civil Service."

Em geral, estamos completamente enredados na palavra e não no fato. A palavra se torna, assim, uma abstração do fato, e, por conseguinte, a maioria de nós se ocupa ùnicamente com a abstração, e não com o fato. Ocupar-se com o fato significa não admitir o intervalo de tempo entre o ato de ver e a ação, de modo que o *ver* seja *ação*. E assim, como perceber o fato sem intervalo de tempo é ação, não há violência. Se examinardes isso, percebereis que a mente pode libertar-se completa e totalmente de qualquer forma de violência.

Só quando a mente não está dissipando energia em conflito e, por conseguinte, não está permitindo a interferência de nenhum intervalo de tempo entre o observador e o fato — só então cessa o desperdicio de energia; estamos, assim, eliminando tôda espécie de conflito — tôda espécie de conflito, que implica sempre *dualidade*. A dualidade continuará existente enquanto ao fato se opuser uma opinião, uma idéia, um intervalo de tempo. Quando o fato está presente, e o tempo totalmente ausente, a ação é imediata, instantânea.

Começamos, pois, a ver que o desperdício de energia é causado pelo ajustamento a padrão, que o desperdício de energia é causado pelo pensamento — pelo intervalo de tempo intercalado entre o passado e o futuro. A mente educada pelo padrão socialista, político, comunista, é incapaz de olhar realmente um fato; só sabe olhá-lo através de uma opinião, através de seu condicionamento. Há outro fator de contradição, o qual é muito mais complexo e exige muito mais atenção. Êsse fator é a dualidade *pensador-pensamento* — da qual não temos tempo para tratar agora. O que já examinamos é suficiente, se me acompanhastes até aqui. Não haverá, pois, desperdício de energia quando a mente fôr capaz de enfrentar qualquer fato sem intervalo de tempo — quer se trate do simples fato de retirar uma pedra do meio do caminho, de consertar uma estrada, de retirar um espinho, quer se trate do fato que sois *vós mesmo* — o que sois realmente, e não o que pensais ser.

O enfrentar o fato sem o intervalo de tempo constitui a cessação do desperdício de energia e, por conseguinte, a continuação do perene movimento da energia. E nesse movimento não há resistência, conforme já expliquei. Esse energia não vai

de encontro a nenhum obstáculo, porque compreende, em sua marcha, tôda resistência, tôda forma de conflito, tôda contradição; não há esperas, indagações, exigências; ela é movimento, vida; movimento de todos os momentos. Essa energia parte do nível mais baixo (na realidade não existe nada "mais baixo", mas servimo-nos da expressão como meio de transmitir o que queremos dizer) — começa com a vida diária. Não empregarei de nôvo a expressão "mais baixo", a fim de que não façais mau uso dela. A energia presente em cada ação da existência diária — o que pensais, o que fazeis, o que sentis, o que dizeis e como o dizeis — quando essa energia do movimento diário é libertada de todo e qualquer obstáculo, de todo e qualquer conflito — que é contradição — ela se move então com extraordinária rapidez, com extraordinária liberdade. Só essa energia renova, torna a mente juvenil, fresca, inocente; e só ela alcança a culminância, e a culminância é o Inefável, o Sublime.

INTERROGANTE: Senhor...

KRISHNAMURTI: Antes de fazerdes a pergunta (não pretendo interromper-vos, podeis fazer vossa pergunta), não deixastes passar nenhum intervalo de tempo entre a pergunta e o que estivestes ouvindo. Não estais sequer a escutar, senhor. Já tendes engatilhada a vossa pergunta antes de eu acabar de falar: não estais escutando. Está bem, continuai, senhor. Qual é a pergunta?

INTERROGANTE: Que é êsse intervalo de tempo que estivestes explicando e que é aquela energia? Ela é tôda movimento ou é estática?

KRISHNAMURTI: Como poderia ser estática a energia? Acho que não estou entendendo vossa pergunta, senhor. Começastes com uma coisa e terminastes com outra. Que quereis dizer?

Senhor, a coisa é muito simples. Por que complicar um fato tão simples? Quando dizeis "Eu mudarei", há um intervalo de tempo, não? Quando dizeis "Farei *aquilo* amanhã", há intervalo de tempo, não? Eu digo que o intervalo de tempo constitui um desperdício de energia. Isto é, quando uma coisa pode ser feita imediatamente — e tôda ação é imediata — por que admitir o intervalo de tempo? Por que dizeis "Farei *isso*"?

Considerai por exemplo, isto: uma pessoa é ciumenta ou invejosa. Por que não atende a êsse fato imediatamente, por que permite um intervalo de tempo, dizendo "Tratarei dêle amanhã", "Amanhã me libertarei dêle"? Porquê? Porque já está muito acostumada a adiar, já contraiu o hábito de dizer: *"Farei..."* — Assim se vai gradualmente aumentando o intervalo de tempo e mantendo a intenção de fazer uma certa coisa; e isso pode ser danoso. Mas, gostais disso e, por conseguinte, assim prosseguis. Por que simular?

INTERROGANTE: A ação imediata é ação total?

KRISHNAMURTI: Muito bem, senhor. Eu disse "ação imediata". Esta é uma das coisas mais difíceis de compreender; portanto, não digais com tanta naturalidade "ação imediata". Como sabeis, há gente que diz: "Vivei no presente!" — Viver no presente é uma das coisas mais extraordinárias. Para viver no presente — e isso é ação imediata — é preciso compreender o condicionamento que é o passado, e não projetar êsse passado no futuro; por conseguinte, é indispensável eliminar o intervalo de tempo e viver naquele extraordinário estado de consciência do *imediato*. Isso requer muita energia. Mas essa energia não provém das idéias, senhor. Sabe-se que as idéias dão energia. As idéias sempre dão energia: a idéia de pertencerdes a uma nação vos dará energia para lutar contra outra nação. E vivemos satisfeitos, nesse extraordinário esbanjamento de energia. E quando chega alguém e diz: "Não esbanjeis energia", prontamente traduzis isso, dizendo: "Muito bem, vou permanecer celibatário, vou fazer *isto*..." — e, dêsse modo, criais contradições e nelas vos deixais enredar.

Assim, senhor, para compreender bem esta questão, deve a pessoa ser muito simples. Não me refiro à simplicidade da tanga, que, afinal, é uma ostentação de não-simplicidade. Digo que a pessoa deve ser *realmente* simples, quer dizer, penetrar em si própria, comungar consigo mesma a todos os instantes, sem nenhum intervalo de tempo. O homem poderá ir à Lua, a Marte, a Vênus; essa façanha requer energia. Considerai a espantosa energia dos engenheiros, dos matemáticos, dos mecânicos que ajustam entre si um milhão de peças. Creio que a montagem de um foguete requer um milhão de peças distintas

e cada uma dessas peças deverá funcionar impecàvelmente. Isso requer tremenda energia, e essa energia é relativamente fácil. Mas, a energia necessária para um homem penetrar em si mesmo e nunca dar repouso a essa energia, não deixá-la estagnar-se, não deixá-la "olhar para trás ou para a frente", porém mantê-la em movimento infinito — só essa energia, que penetrou profundo, infinitamente em si própria, conhece o Sublime.

Varanasi, 24 de novembro de 1964.

VARANASI IV

A essência do amor

Nesta manhã gostaria de falar sôbre um assunto que poderá parecer-vos algo estranho, sôbre o qual talvez não tenhais refletido muito. Mas, é necessário refletir nêle, investigá-lo e explorá-lo, a fim de descobrirmos por nós mesmos a verdade que encerra. O satisfazer-se meramente com palavras, o conferir o que se ouve com o que já se sabe ou compará-lo com o que já foi lido, isso só serve para impedir a compreensão e a investigação. Assim, antes de entrar neste assunto, eu gostaria de impedir-vos — se se me permite essa palavra — melhor, fazer--vos cessar de comparar ou conferir o que escutastes ou ides escutar, com o que já lêstes, pois dessa maneira se impede a compreensão imediata. E a compreensão imediata é muito mais importante do que a mera recordação e comparação, do que uma conclusão.

Vamos investigar a questão da liberdade, investigar aquêle extraordinário estado de espírito que encerra a essência do amor. E, para investigá-lo, precisamos fazer uso de palavras. As palavras, com efeito, impedem o contato direto, uma vez que a palavra não é, nem nunca foi, a coisa. O que ouvis não é *o que é*. A menos que, tendo compreendido o verdadeiro valor das palavras, a pessoa não esteja sob a influência delas e de seu "conteúdo emocional"; a menos que esteja completamente livre das palavras, cessa tôda investigação e compreensão.

Devemos, pois, estar bem cônscios dêsse extraordinário problema das palavras.

O homem, no mundo inteiro, está sendo organizado — econômica, social e religiosamente. Vive em cidades densamente povoadas, em arranha-céus, em "gavetas", em "caixas". Alguns homens estão para ir à Lua, outros estão vivendo em abrigos construídos no fundo do mar, onde poderão permanecer uma semana, um mês. E, enredado nessa espantosa "eficiência" organizada — e tem de haver eficiência! — busca o homem fronteiras mais longínquas, espaço mais amplo, espaço ilimitado, sem horizonte, sem margens, onde não haja nem terra nem céu, nem horizonte. O homem sempre buscou *espaço*. Sem espaço, nem vós nem eu podemos existir.

Tende a bondade de prestar atenção. Não se trata, aqui, de nenhum assunto vago, abstrato. É necessário compreender essa coisa que se chama "espaço". Se não houvesse espaço, não teríeis possibilidade de ver nem de ouvir. Se não houvesse espaço entre vós e êste orador, não poderíeis ver o orador, nem ouvir as palavras que está pronunciando. Deve haver espaço entre vós e aquela árvore, entre vós e vossa mulher, entre vós e vosso semelhante. Êsse espaço existe. E o homem se está tornando cada vez mais organizado; os governos estão controlando o seu pensamento, e a religião o privou de sua liberdade. As religiões poderão "garantir-lhe" liberdade num outro mundo, porém tôdas elas negam a liberdade do espírito, impondo-lhe crenças, dogmas, rituais, infundindo-lhe mêdo. E quanto mais cresce a população — em escala verdadeiramente "explosiva", como se está verificando neste país e no resto do mundo — quanto mais gente se vê forçada a viver junta em cidades populosas, tanto mais se cuida de organizar, de controlar, de tornar eficientes os indivíduos — e o espaço se torna cada vez menor. Se observardes, vereis que o espaço é criado pelo objeto, e também sem o objeto.

Por favor, nada tendes de aceitar nem de rejeitar; tendes apenas de observar. O objeto — vós, aí sentados, e eu, aqui — o objeto cria espaço em tôrno de si. Êste microfone cria o espaço que o rodeia; do contrário, êle não poderia existir. Assim, só conhecemos o espaço por causa do objeto que o cria. Há espaço entre a Terra e a Lua; êsse espaço existe, pois a Terra está distanciada da Lua. Há o objeto, o centro; e o observador é o centro, o objeto que busca o exterior.

É muito difícil êste assunto que vamos examinar, sôbre o qual vou falar. E necessitais de tôda a vossa atenção, porque, se não acompanhardes esta investigação, não lhe alcançareis o fim, não *fluireis* junto com ela. O homem sempre procurou espaço exteriormente — novas fronteiras, novas terras. E, depois de conquistada e explorada a Terra, como atualmente se acha, passou o homem a explorar o espaço exterior — o espaço entre a Terra e o Sol, e a Lua, e as estrêlas. E êle vai avançando mais e mais para fora, em busca dêsse espaço. Mas as religiões, a sociedade, as tendências pessoais de cada um, os temores, a família, as circunstâncias, a compressão da população, etc., o tem impedido de encontrar espaço em seu interior. E, se não existe êsse espaço interior, não existe liberdade. Se só o objeto cria o espaço, a mente está então aprisionada no espaço criado, produzido pelo objeto. Por conseguinte, não pode haver liberdade, se se admite ou se "sabe" que o espaço só é criado pelo objeto.

Isto é, enquanto existir um centro que cria espaço em volta de si, enquanto não houver outro espaço senão aquêle que o objeto cria em redor de si, não haverá liberdade para o homem. Estais entendendo? O centro é o "eu", que tanto é físico como emocional e intelectual. O "eu" cria o espaço que o circunda, porque o centro existe. E, já que o centro existe e cria o espaço, e se êste é o único espaço que o homem tem possibilidade de conhecer, nesse caso não há liberdade nenhuma. E se não há liberdade para o homem — *não* abstratamente, porém liberdade em seu viver de cada dia, então êle é escravo para sempre — escravo do ambiente, escravo das pressões da existência, escravo de tôda forma de influência social. Pois, se é só o objeto que cria o espaço, não há liberdade. Só é possível a liberdade, quando há espaço sem o centro, sem o objeto. É o que vamos investigar nesta manhã.

Vós necessitais de espaço; do contrário, não tereis liberdade. Mesmo num pequeno aposento, por menor que seja, necessitais de espaço, para nêle vos moverdes, guardardes vossas coisas, exercitar-vos, recrear-vos. Para fazerdes qualquer coisa na vida, necessitais de espaço. E nós exigimos tal espaço *no exterior*: melhores moradias, mais parques de recreio (*playgrounds*), matas, bosques, árvores, barcos de passeio, etc. Mas, *interior-*

mente, nunca desejamos espaço, nossa mente rejeita todo espaço, porque temos mêdo.

Nós vamos investigar — não abstratamente — se a mente tem possibilidade de ficar completamente livre e ter, assim, espaço sem nenhum centro — pois só é livre o espaço em que não há *centro*. O espaço é traduzido pelo cientista com o têrmo "campo": campo eletromagnético, campo de gravitação, campo nuclear, etc. Não nos estamos referindo ao "campo" dos cientistas. Estamos falando do espaço que transcende êsses "campos", conforme os entendem e investigam os cientistas, estamos investigando algo que é muito mais humano, algo que está relacionado com o pensamento humano, e não meros fatos científicos. Assim, em primeiro lugar, tendes de ver com tôda a clareza o problema, mesmo intelectual ou verbalmente. Isto é, o homem necessita de espaço. A moderna sociedade, a pletora de população, os temores "atômicos", as guerras e ameaças de guerra, tudo isso força a atenção do homem para o exterior.

E só conhecemos o espaço, porque existe o observador, o centro, o objeto criador dêsse espaço. Uma peça de mobília cria o espaço que a circunda; também o cria um muro, uma casa; e êsse é o único espaço que conhecemos: o espaço que observais com vossos olhos, quando, da Terra, olhais a Lua, as estrêlas.

Investiguemos, pois, êste problema do "espaço sem objeto". Porque só nesse espaço há liberdade; o "espaço sem objeto" *é* liberdade. Na investigação do espaço e da liberdade, descobriremos também, por nós mesmos, o que é o amor. Porque sem amor, não há liberdade. O amor não é sentimentalidade, o amor não é emotividade. Amar não é achar-se num estado emocional, nem tampouco "devocional".

Investiguemos, pois, por nós mesmos. Para podermos *descobrir,* precisamos criar espaço na mente. Temos de esvaziar a mente, é claro, a fim de dar-lhe espaço: não espaço num limitado setor do pensamento, porém espaço ilimitado e espaço interior — se assim podemos dividi-lo — isto é, espaço na mente e espaço no coração; pois, de outro modo, não pode haver amor nem liberdade. E sem amor e liberdade, o homem está perdido. Podeis viver muito confortàvelmente, no décimo-quinto andar

de um arranha-céu, ou viver miseràvelmente numa sórdida aldeola; mas estareis perdido se não houver aquêle espaço ilimitado em vossa mente e vosso coração, em vosso ser inteiro.

Agora, como disse, vamos investigar. Vou examinar a matéria. Provàvelmente nunca o fizestes. Eu vou fazê-lo, e tereis de permanecer suficientemente despertos, alertados, vigilantes, com fôrça, energia, se vamos viajar juntos. Mas, se vos limitardes a concordar, a discordar, a sacudir a cabeça em sinal de aprovação ou reprovação, ficareis para trás.

Ora, a investigação desta questão do *espaço* é meditação. Tende a bondade de escutar atentamente. Não estou empregando a palavra "meditação" no sentido que lhe dais; portanto, não tomeis imediatamente uma postura, não vos aprumeis na cadeira. Eu disse que a investigação e compreensão dêsse espaço requer meditação. Mas a meditação a que se associa a postura, a respiração, a repetição de palavras, a concentração, várias maneiras de provocar visões, sensibilidade exaltada, não é meditação: é apenas auto-hipnose. Podeis dizer: "Não é esta uma asserção muito vaga e geral?" Não, senhor. Falta-nos tempo nesta manhã para examinarmos tudo isso, passo a passo. Serei muito conciso, porque há muito mais que dizer a êste respeito do que a mera repetição de coisas suficientemente óbvias. A meditação, pois, é a investigação e descobrimento dêsse "espaço sem centro"; por conseguinte, não é, de modo nenhum, uma "experiência". Compreendeis? Se se "experimenta" êsse estado, há um *centro,* de onde se está experimentando; por conseguinte, permanecendo escrava do centro, que cria o espaço, a pessoa não é livre. É necessário, pois, compreender essa coisa que todo homem exige, ou seja, a "experiência". Todo homem deseja mais e mais experiência, porque está farto da "experiência" que lhe oferece a rotina diária — freqüentar o escritório, sexo, o tédio que a vida lhe proporciona todos os dias. Desejando mais experiência, recorre a drogas e estimulantes de tôda espécie, para ter uma nova experiência, novas visões, novos estados de exaltada sensibilidade, proporcionadores de ulteriores experiências.

Assim, a mente que está em busca de mais experiência está apenas perpetuando o centro criador de espaço e, por conseguinte, nunca é livre. A experiência só vem como resultado de

um "desafio" e uma "resposta". E o inadequado da "resposta" faz desejar mais experiência. Permiti-me dizer-vos que nunca refletistes nisso; ficai escutando, penetrando o assunto junto comigo. Por conseguinte, a mente que busca, deseja ou precisa de experiência, é aquela que não compreendeu a experiência; e isso escraviza mais ainda a mente. Tivestes a "experiência" de freqüentar diàriamente um escritório, durante quarenta ou cinqüenta anos. Tivestes a "experiência" da fome, do sexo. Tivestes a "experiência" de vossas particulares devoções a ídolos fabricados pela mão ou pela mente. Viveis nessas experiências e mais cedo ou mais tarde vos cansais delas — quer se trate de Jesus, de Krishna, quer de outra coisa criada pelo homem. Desejais, pois, mais experiência, experiências novas, distanciadas daquelas ninharias. E a uma tal experiência chamais um estado místico, extraordinário. O homem que busca experiência e chama isso "misticismo", está iludindo a si próprio; está apenas a projetar seus próprios desejos, seus próprios condicionamentos, suas próprias exigências não preenchidas, torturantes, sob a aparência de virtude, nobreza, visões. Deveis, por conseguinte, livrar-vos dessa ânsia de experiência, pois, conforme expliquei, no momento em que desejais experiência, estais fortalecendo *o centro, o observador,* e criando um limitado espaço ao redor dêle, espaço em que ficais vivendo. Nesse espaço tendes as vossas relações, a vossa família, o padrão de moralidade, etc; mas, o que quer que façais, êsse espaço nunca vos proporcionará a liberdade.

Idênticamente, a fuga através de preces, da repetição de palavras, se assenta em razões bastante óbvias: estais desgostoso da vida, de vossa vida de aflição, sofrimento, conflito, dêsse torturante existir. Por isso, orais a alguém — a um ser que chamais Deus — pedindo alívio, consolação. Derramais lágrimas, rogais, sufocado por vosso próprio desejo de ignorar *o que é.* Orais, sem nunca achar satisfação. Quando orais, estais suplicando, pedindo, rogando, estendendo a mão a alguém, para que vo-la encha; e, em geral, há sempre alguém que o faz, que vos enche a mão. Êsse é o mais peculiar aspecto da vida: há sempre alguém para preenchê-la. Porque buscais preenchimento, pedis, rogais, procurais alguém que vos dê algo, que vos encha as mãos, o coração, a mente; e êsse preenchimento vos é concedido. Há

quem reze, pedindo uma geladeira. Não riais; tais pessoas são iguaizinhas a vós; a diferença é só que pedem algo de mais concreto. Vós desejais felicidade, "experiência", algo que considerais "muito melhor" do que os bens mundanos; mas isso é exatamente a mesma coisa que pedir uma geladeira, uma casa melhor. Assim, a mente que reza nunca pode ser livre.

Vêde, por favor, que estamos investigando a questão da liberdade, do espaço e do amor, e esta investigação é um processo de meditação. Por conseguinte, estou eliminando tudo o que *não* é meditação: experiência, oração, repetição de palavras, de *mantras,* interminável recitação de um rosário. O repetir palavras e revolver contas acalma o espírito. Se ficais a repetir seguidamente a mesma coisa, qual uma máquina, vossa mente decerto se torna quieta — isto é, se entorpece, torna-se obtusa, lerda. Mas isso não é meditação. Ficar sentado na posição adequada, com o tronco erecto, respirando regularmente — isso proporciona uma certa quietude ao corpo, mas não é meditação; quando nos sentamos erectos, o sangue flui com mais facilidade para a cabeça; é só isso, e nada mais. A mente vulgar, a mente superficial, a mente estreita, a mente sufocada pelo ciúme, pelo furor, pela cólera, a amargura, a agonia, a mente que não tem nenhum senso da beleza — essa mente, ainda que a pessoa esteja sentada, muito aprumada, a respirar regularmente e a executar todos os demais artifícios prescritos, pensando que está praticando a meditação — essa mente não está meditando; está a putrefazer-se, a morrer... Nada disso é meditação, porque a meditação é algo que ocorre naturalmente; não é preciso provocá-la. O homem que, deliberadamente, se senta para meditar, está meramente cultivando um hábito, desejando uma certa experiência, um certo estado de espírito; e obterá o que deseja. Mas isso não é meditação, porém apenas uma forma de hipnose.

Estamos, pois, investigando essa coisa extraordinária, que é o "espaço sem objeto". E êsse espaço tem de existir; do contrário, não pode haver liberdade nem amor. E é só quando se vê o falso como falso, e a verdade no falso, que se está começando a esvaziar a mente — melhor, a mente está então a esvaziar a si própria. Percebereis então a verdade na falsa idéia de que a experiência irá libertar-vos. Ao perceberdes a verdade a respeito da experiência, ao compreenderdes tudo o que a expe-

riência implica, estareis livre dela; já não estareis a pedir, a exigir, a ansiar por experiência — sendo que isso não significa ficar a pessoa vivendo satisfeita, com a placidez de uma vaca. E ao perceberdes a falsidade e, por conseguinte, a verdade, a respeito de rezas, posturas, métodos deliberados, inventados pelo homem e visantes a um determinado fim, da observância de certas e determinadas práticas, a que se dão tantos nomes — vereis que tôdas essas coisas embotam a mente, de modo que ela nunca é livre. Assim, ao perceberdes a falsidade, e a verdade nessa falsidade, estareis livre dela, sem precisardes lutar, sem precisardes dizer: "Como poderei livrar-me desta coisa estúpida?"; ao perceberdes que é estúpida, ela se desvanece.

A mente, pois, percebe que, sem espaço, sem espaço infinito, não há liberdade, e que só há espaço infinito quando não há nenhum criador de espaço. Percebeis a beleza disso? O espaço é infinito, desde que não haja objeto; por conseguinte, a liberdade é infinita.

E quando há êsse percebimento do espaço sem fronteiras, ilimitado, infinito, vem-nos, dessa infinidade, o amor — não o amor de Deus, o amor dos homens; mas o amor que partilha, que vela, que nutre, que protege, que guia, que ajuda, que revela.

Meditação não é absorção num brinquedo inventado pelo homem. Uma criança absorve-se num brinquedo; o brinquedo de tal maneira a interessa que ela fica quieta; o brinquedo dela se apodera e não a deixa fazer diabruras; temporàriamente, ela se torna bem comportada, com êsse brinquedo nôvo que tanto a deleita, porque tôda a sua atenção está nêle concentrada. Assim também são os homens; os adultos têm seus brinquedos — êsses brinquedos que são as imagens, as idéias, os Mestres, retratos, visões; e durante êsse período, enquanto estão absorvidos nessas visões, nesses Mestres, nesses brinquedos, comportam-se com muita nobreza, serenidade, decência. Mas, absorção num brinquedo não é Meditação.

Tampouco é meditação a concentração. Todos aprendemos a concentrar-nos. Essa parece ser considerada uma das coisas mais importantes, pelos vários grupos que pregam e discursam sôbre a meditação e ensinam a meditar. Como se alguém pudesse ensinar outro a meditar — como se fôsse possível ensi-

nar-vos isso! Vêde quanto isso é ilusório! Pode-se-vos ensinar e podeis aprender a guiar um carro, a falar uma língua, a adquirir uma determinada técnica. Mas não se vos pode ensinar — por meio de um certo método ou sistema — a meditar. Se se vos ensina, se aprendeis tal método de meditação, a êle ficais prêso. Por conseguinte, também aqui não há liberdade.

Assim, pela compreensão da "experiência" e o percebimento da verdade a seu respeito, a mente fica livre da exigência de experiência. Pela compreensão e observação, pelo percebimento da falsidade da oração, das diferentes posturas preconizadas, da respiração — pelo percebimento da falsidade e da verdade a êsse respeito, ficais livre. Livre dessa necessidade de suplicar, de vos absorverdes em brinquedos — brinquedos criados por outro ou por vós mesmo. Livre, também, dessa coisa terrível que se chama "concentração", visto que a concentração é um processo de *exclusão*. Quando desejais concentrar-vos naquilo que pensais ser correto e justo, em vossa especial imagem, Deus, idéia, frase, tentais focar a mente nesse objeto. Mas a mente foge, e a fazeis voltar; de nôvo foge, de nôvo a fazeis voltar. E nesse jôgo ficais empenhado o resto da vida. É isso que chamais "meditação" — essa batalha, êsse forçar da mente numa coisa que não a interessa, êsse esfôrço para controlá-la. E, se percebêsseis isso, se compreendêsseis a verdade aí contida, ou a falsidade dêsse processo, nunca pensaríeis em concentrar-vos, nem mesmo na escola, aprendendo ou ensinando uma dada matéria. Não vos concentreis, seja no escritório, seja quando procurais meditar. Não vos concentreis, pois isso implica *exclusão,* cria uma resistência, um foco que dá mais fôrça ao *centro* e, por conseguinte, limita o espaço.

Ora, se se compreende tudo isso, dessa compreensão vem o percebimento, que não é nada de misterioso. É, apenas, observar: observar o rio — perto dêle e não daqui; observar a vela do barco, as águas que correm, a ponte; ouvir o barulho que o trem faz ao atravessá-la; ver a árvore, vê-la simplesmente, sem compará-la, sem julgá-la, sem dizer "Gosto" ou "Não gosto": observar, simplesmente. E, ao passardes de fora para dentro, ao entrardes num aposento, observai a sua forma; não compareis, dizendo: "É feio" ou "É bonito, gostaria de morar aqui", ou "Gostaria de possuir aquêle tapête, aquêle móvel"; olhai

simplesmente as côres, as formas, a beleza ou feiura das cortinas, a luz que entra pelas janelas, as pessoas, seus rostos, expressões, sem julgar, sem comparar, sem analisar; observai, pura e simplesmente, *sem escolha*.

E do percebimento do exterior: sordidez, esqualidez, miséria, divisões nacionais e religiosas, choques de tribos, nações, grupos, famílias; a família em sua intimidade, o antagonismo entre marido e mulher, brutalidade, exigências sexuais, apetites insatisfeitos, aflições — dessa observação exterior, passai ao *interior*. É um só movimento. E ao passardes do interior de vosso quarto para vosso próprio interior, penetrai cada vez mais fundo em vós mesmo — o que pensais, o que sentis. Não julgueis, não digais "Isto é nobre" ou "Isto é ignóbil", "Não devo ser *isto*", ou Não devo ser aquilo", ou "Sou Deus-Supremo, sou Atman"; tudo isso é puro contra-senso criado por vossa mente, para dar-vos uma certa satisfação. Observai simplesmente o que *sois*. O que *de fato* sois: ciumento, ansioso, invejoso, brutal, exigente, violento. Isso é o que sois. Olhai-o, observai-o; não o moldeis, não o dirijais, não o negueis, não tenhais opiniões a seu respeito. Olhar tudo sem condenação, sem julgamento, sem comparação — é observar; dessa observação, dêsse percebimento nasce a afeição.

Agora, passai além. Isso pode-se fazer instantâneamente. Só pode ser feito instantâneamente; não se trata de *primeiro observar* o exterior, e, *depois*, ir penetrando mais e mais fundo. Isso não é eficaz. Tudo se faz *num só movimento*, que vai das coisas mais externas às mais internas, às mais íntimas profundezas. Como resultado disso, melhor, *nisso mesmo*, há atenção: atenção para o apito daquele trem, para os barulhos, os sons de tosse, a maneira como estais a balançar as pernas, atenção, com a qual escutais o que se está dizendo e descobris o que contém de verdadeiro e de falso, e não erigis em autoridade êste orador. Assim, desta tão complexa existência de contradição, aflição, extremo desespêro, nasce aquela atenção. E, quando a mente está atenta, pode então focar-se, que é então uma coisa muito diferente; a mente pode concentrar-se, mas não é a concentração de *exclusão*. Pode então a mente dar atenção a tudo o que faz, e essa atenção se torna muito mais eficiente, muito mais vital, porque estais absorvendo tudo.

É, pois, êsse o comêço da meditação; isto é, a mente, depois de desejar e procurar espaço no exterior, e depois de compreender êsse espaço exterior, volta-se — com a mesma energia, a mesma intensidade que se requer para ir até à Lua — para seu próprio interior, e observa. E, rejeitando o falso — não verbalmente, porém realmente, extirpando impiedosamente, como um cirurgião, tôdas as inanidades que o homem inventou para pacificar a própria mente — alcança a mente um estado de verdadeira serenidade. Porque compreendeu tudo aquilo, já nada busca, nada pede, nada exige. Torna-se, naturalmente, sem nenhum esfôrço ou pressão, totalmente quieta, tranqüila. Só está a mente tranqüila, quando nessa tranqüilidade nenhum objeto existe, para ser experimentado. Peço-vos compreender que essa tranqüilidade não pode ser "experimentada"; no momento em que dizeis "Quero experimentar a tranqüilidade", já não estais tranqüilo. Já expliquei tudo o que o "experimentar" implica. A tranqüilidade, pois, não pode ser experimentada. E a mente que se tornou serena, porque compreendeu o "espaço sem objeto", está vazia. *Vazia* de todo esfôrço, tôda luta, tôda ânsia, tôda aflição, todo desespêro, porque se libertou da estrutura psicológica da sociedade — ainda de natureza animal, ainda ávida, invejosa, tôda de aquisição, competição, poder, domínio, etc. etc.

Só essa mente compreendeu — não verbal, porém realmente — êsse extraordinário espaço, êsse extraordinário vazio. E, então, se é possível à mente ir mais além — não há em verdade "mais além", porque tudo é parte de uma só e mesma coisa — compreendereis o que é o amor. Com efeito, não tendes amor. Vós tendes prazeres, tendes sensações, apegos sexuais, apegos aos filhos, à mulher, ao marido, apêgo à nação. Mas — apêgo não é amor. E o amor não é "divino" e "profano" — nêle não há divisão. Amar significa ter desvelos — desvelos para com a árvore, o próximo, o filho; diligenciar que a criança tenha a educação correta, e não simplesmente mandá-la para a escola e perdê-la de vista; *educação correta,* e não mera educação tecnológica; diligenciar que tenha mestres adequados, alimentação saudável, que compreenda a vida, que compreenda o sexo. Ensinar aos filhos apenas Geografia, Matemática, uma técnica que lhes proporcione emprêgo — isso não é amar. E, sem o

amor, não sois um ente moral; podeis ser "respeitável", isto é, um homem que se ajusta à sociedade: que não rouba, que não cobiça a mulher do próximo, que não faz *isto* nem *aquilo*. Mas isso não é moralidade, não é virtude, porém mero conformismo, que dá respeitabilidade. A respeitabilidade é a coisa mais terrível, mais repelente que há na Terra, porque serve para cobrir muitas iniqüidades. Mas, quando há amor, há moralidade. Tudo o que fazeis é sempre moral, se há amor.

E o amor, como a liberdade, só pode existir quando se compreendeu a meditação. Por conseguinte, quando a mente está vazia de tôdas as coisas e pressões acumuladas nos dois milhões de anos que o homem já viveu, resulta daí aquela coisa extraordinária que se chama "vazio e espaço". É só então que a mente está serena. E é só então que existe o amor e o portentoso movimento da criação.

Varanasi, 26 de novembro de 1964.

VARANASI V

A questão do tempo

SEGUNDO RECENTES descobertas dos antropologistas, o homem vive na Terra, aparentemente, há cêrca de dois milhões de anos. E o homem deixou, em cavernas, há uns dezessete mil anos, registros da luta, da batalha, da infinita tragédia da existência — da batalha entre o bem e o mal, entre a brutalidade e aquilo que êle perenemente busca — o amor. E, bem evidentemente, o homem não resolveu os seus problemas; não me refiro aos problemas matemáticos, científicos ou de engenharia, porém aos problemas das relações humanas, do viver pacìficamente neste mundo, do íntimo contato com a natureza, para ver a beleza de uma ave pousada num galho nu.

Nos tempos modernos, nossos problemas, os problemas humanos, se vão tornando cada vez maiores; e procuramos resolvê-los de acôrdo com certos padrões de moralidade, de comportamento, e de acôrdo com as várias obrigações que temos impôsto à nossa mente. Segundo nossas obrigações, padrões de comportamento, fórmulas e sanções religiosas, estamos tentando resolver os nossos problemas, nossas agonias, nosso desespêro, nossa inconstância e as contradições de nossa vida. Assumimos uma certa atitude, como comunistas, socialistas, etc., e, com base nessa atitude, firmamos nossa plataforma, por assim dizer, tentamos resolver os nossos problemas gradativamente, um a um. É o que estamos fazendo, em nossa vida.

Um homem pode ser um grande cientista, mas em seu íntimo êsse mesmo homem difere completamente do cientista em

seu laboratório: nacionalista, acerbo, iroso, ciumento, invejoso, competindo com os demais colegas para ter um nome maior, mais popularidade e mais dinheiro. Não lhe interessam absolutamente os problemas humanos, porém apenas o descobrimento das várias propriedades da matéria, e das leis respectivas.

E também nós, os entes humanos comuns, que não somos peritos nem especialistas de nenhum ramo, estamos vinculados a um certo padrão de comportamento, a certos conceitos religiosos, ou a um certo veneno nacionalista; e, daí, lutamos para resolver os problemas que crescem e se multiplicam.

Como sabeis, não há limites ao falar, ao ler. Palavras podem amontoar-se sôbre palavras; e o fraseado, a beleza da linguagem, e o razoável ou ilógico do que se está dizendo, persuade ou dissuade a quem o ouve. Mas o importante não é amontoar palavras e ouvir conferências e discursos; o importante é resolver o problema — o problema humano, *vosso* problema — não aos poucos, não no momento em que o problema aparece, não em conformidade com as circunstâncias, as premências e tensões da moderna existência, porém por meio de uma atividade totalmente diferente. Existem os problemas humanos da avidez, da inveja, da inércia mental, dos íntimos pesares, da medonha insensibilidade do homem, da brutalidade, da violência, do profundo desespêro e agonia dos entes humanos. E, nestes dois milhões de anos de nossa existência, temos tentado resolver êsses problemas em conformidade com diferentes fórmulas, sistemas, métodos, *gurus,* diferentes maneiras de investigar, de perguntar, indagar; e, no entanto, achamo-nos na situação em que estamos, enredados nesse interminável processo de agonia, confusão e infinito desespêro.

Haverá algum meio de resolvermos nossos problemas, inteiramente, definitivamente, de modo que nunca mais se apresentem e, se se apresentarem, possamos resolvê-los instantâneamente, dissipá-los, liquidá-los? Existe uma maneira *total* de viver, em que se não proporcione solo aos problemas? Existe uma maneira de viver — não quero dizer "padrão", "método" ou "sistema" — uma maneira total de viver, em que não possa surgir problema algum, em nenhum momento, e, se surgir, possa ser resolvido imediatamente? Porque a mente que leva uma

carga de problemas torna-se embotada, lerda, estúpida. Não sei se já observastes vossa própria mente, a mente de vossas espôsas, vossos maridos, vossos semelhantes. Quando a mente tem problemas de qualquer espécie, êsses problemas — mesmo problemas matemáticos altamente complexos e penosos, por mais interessantes e intelectuais que sejam — embotam a mente. Pela palavra "problema" entendo qualquer questão difícil, uma relação difícil, um caso aparentemente insolúvel, que transportamos de dia para dia. Estamos, pois, perguntando se existe uma maneira de viver, se existe um estado mental em que, pela compreensão da totalidade da existência, nenhum problema exista e, se algum se apresenta, possa ser resolvido imediatamente. Porque, se transferimos um problema por um dia, por um minuto sequer, êle torna a mente pesada, embotada, sem sensibilidade para olhar, observar.

Nessas condições, existe uma ação total, um estado em que a mente possa resolver cada problema quando surge, e nenhum problema encerre em si próprio, em nenhuma profundidade, em nenhum nível consciente ou inconsciente? Não sei se alguma vez vos fizestes esta pergunta. Provàvelmente nunca a fizestes, porque, em maioria, de tal maneira vivemos imersos nos problemas da existência diária — ganhar o sustento, satisfazer as exigências da sociedade, a qual, psicològicamente, forma em nós uma estrutura de ambição, de avidez, de aquisição — que não temos tempo para investigar. Nesta manhã examinaremos isso, e depende de vós o examinar profundamente, o perquirir com ardor, o observar com clareza e intensidade.

Aparentemente, vivemos há dois milhões de anos; que idéia terrível! E provàvelmente, como entes humanos que somos, viveremos outros dois milhões de anos nas mesmas e infindáveis penas da existência. Existe alguma maneira, alguma coisa que libertará o homem dessa condição, de modo que não viva mais um segundo de agonia, não invente nenhuma filosofia para consolar-se em sua aflição, não tenha nenhuma fórmula, para aplicá-la a todos os problemas que surgem, aumentando assim os seus problemas? Existe! Existe um estado mental capaz de resolver imediatamente todos os problemas, e no qual a mente não encerra, em si própria, problema algum, consciente ou inconsciente.

É isso que vamos investigar nesta manhã. E embora o orador tenha de servir-se de palavras e penetrar o mais longe possível por meio da comunicação verbal, cabe-vos *escutar* e *compreender*. Sois um ente humano — não digo "um indivíduo", porque ainda sois "o mundo", "a massa"; sois uma parte desta terrível estrutura da sociedade. Só há individualidade num estado em que a mente não tem problemas, em que se desembaraçou de todo da estrutura social de aquisição, avidez, ambição.

Eu digo que há um estado em que a mente pode viver sem nenhum problema e é capaz de resolver instantâneamente qualquer problema que se apresenta. Deveis perceber quanto é importante não transferir problema algum, por um dia ou um segundo sequer. Porque, quanto mais tempo o problema ficar sem solução, quanto mais lhe oferecerdes solo para enraizar-se, tanto mais se destrói a mente, o coração, a sensibilidade nervosa. Portanto, é de imperiosa necessidade que o problema seja imediatamente resolvido.

É possível — após têrmos vivido dois milhões de anos, com sofrimentos, conflitos, a lembrança de um longo passado — é possível a mente libertar-se e tornar-se completa, integral, não fracionada? Para descobrirmos isso, temos de investigar a questão do tempo, porque os problemas e o tempo estão ìntimamente relacionados.

Não estais aqui para escutar-me, escutar minhas palavras e exposições, para deixar-vos hipnotizar por minhas palavras, pelas palavras que êste orador está proferindo, do alto dêste estrado. Aqui não se está fazendo propaganda, porque propaganda é mentira; nenhuma verdade há na repetição.

Estais, pois, investigando vossa própria mente, vosso próprio coração, como ente humano, que há tanto tempo vive tão cheio de ansiedades, de desespêro, de mêdo. O orador está apenas apontando fatos. Estamos caminhando juntos. E vós tendes de caminhar, e não de ficar sentados e a dizer: "Segui à minha frente e ide-me relatando o que fordes vendo"; não estamos aqui numa relação dessa ordem. Assim, se estamos andando juntos, temos de ver juntos as mesmas coisas — ver a mesma ave, aspirar a mesma brisa que nos traz o frescor do rio, ver a mesma árvore, ver a mesma sordidez, as mesmas pessoas sujas, andrajosas. Te-

mos de ver tudo juntos, ao mesmo tempo, com a mesma intensidade; de outro modo vós e eu não poderemos estar em comunhão em relação a coisa alguma que exija intensa investigação, e não, aceitação ou rejeição verbal. Assim, se vamos fazer juntos a viagem, tendes de estar muito mais vigilantes, mais *vivos*, mais despertos, mais intensos do que o próprio orador; e, então, podereis avançar.

Vamos, pois, investigar a questão do tempo. Após têrmos vivido dois milhões de anos, teremos de continuar por outros dois milhões de anos a mesma existência de agonia, dor, ansiedade, infinda luta, morte? É inevitável isso? É por êste caminho que a sociedade está progredindo, evolvendo: guerras, tensões, o choque do Oriente e do Ocidente, lutas nacionalistas, mercado comum, blocos de potências, etc. A sociedade vai marchando — lentamente, como que num estado de sonambulismo, mas está a mover-se. Pois bem. Talvez daqui a dois milhões de anos a sociedade terá atingido um estado em que os sêres humanos irão conviver sem competição, com amor, com mansidão e serenidade, com requintado senso da beleza. Mas, é preciso esperar dois milhões de anos? Não devemos ser *impacientes?* Estou empregando a palavra "impaciente" em seu sentido próprio: devemos ser impacientes, não ter paciência com *o tempo*. Isto é, não podemos resolver tudo imediatamente, sem dependermos do tempo?

Refleti nisso, não digais que é impossível ou possível. Que é o tempo? Há tempo cronológico, o tempo do relógio; êste é óbvio e necessário. Quando se tem de construir uma ponte, necessita-se de tempo. Mas, qualquer outra forma de tempo — "eu serei", "eu farei", "eu não devo" — não é verdadeira, porém pura invenção da mente. Se não há amanhã — como realmente não há — vossa atitude é então tôda diferente. Êsse tempo, com efeito, não existe; quando uma pessoa sente fome, desejo sexual, não há tempo — quer a coisa imediatamente. Assim, a compreensão do tempo é a solução dos problemas.

Vêde, por favor, a íntima relação existente entre o problema e o tempo. Por exemplo, há sofrimento. Sabeis o que é o sofrimento; não se trata do sofrimento extremo, porém do sofrimento causado pela solidão, pela não consecução do que se de-

seja, pela falta de lucidez e clareza; o sofrimento causado pela frustração, pela perda de alguém que pensamos amar; o sofrimento que experimentamos ao vermos uma coisa muito claramente, intelectualmente, e não podermos realizá-la. E, além dêsse sofrimento, existe um sofrimento muito maior: o sofrimento causado pelo tempo. Porque é o tempo que gera o sofrimento. Prestai atenção, por favor. Aceitamos o tempo, que representa a marcha gradual da vida, a evolução gradual, a gradativa mudança de uma coisa para outra, de um estado de cólera para um estado de placidez. Aceitamos o processo gradual da evolução como parte da existência, parte da vida, parte do plano Divino, do plano comunista, de outro plano qualquer. Aceitamos isso e com isso vivemos, não como idéia, porém como fato.

Ora, para mim, isto causa mais sofrimento: Permitir que o tempo dite a mudança, a mutação. Tenho de esperar ainda dez mil anos ou mais, tenho de passar por tanto sofrimento e conflito por mais dez mil anos, e ir mudando, pouco a pouco, lentamente, gradualmente, com todo o vagar? Aceitar essa condição e nela viver constitui o maior sofrimento. Se perco meu filho, minha mulher ou marido; se me preencho ou deixo de preencher-me — tudo isso é muito trivial. Serei capaz de resolver meus sofrimentos se compreendo o maior de todos — o sofrimento que o tempo gera.

Por favor, prestai atenção a isto. Quase todos vós, condicionados que fôstes para aceitar o tempo, dizeis: "Numa vida futura, mudarei, serei bom; não nesta vida, que não chega para tanto; mas terei ainda dez mil vidas, por que pressa?" Assim, quando aceitais o tempo como meio de mudança, não estais percebendo a falsidade disso e, portanto, não estais percebendo a verdade respectiva. Isso constitui o maior sofrimento. Não se sou mal-sucedido ou bem-sucedido, se me torno rico ou pobre — pois isso é completamente insignificante, em relação com algo muito mais vasto. Há, pois, sofrimento, aflição: a perda de um bem, a perda de algo que era belo; o mêdo do que "poderá acontecer"; o mêdo ao chamado "mal". Com êsse sofrimento vivemos. A mente em sofrimento é uma mente embotada. Ainda que seja o sofrimento de Cristo pela humanidade, adicionado ao próprio sofrimento — trata-se de uma mente sem penetração.

É possível dar fim imediato a êsse sofrimento? Eis o verdadeiro ponto crítico da questão. Porque, uma vez tenha eu resolvido o meu sofrimento, tudo o mais estará acabado; "sofrimento" no sentido mais profundo da palavra. Porque a mente em sofrimento nunca saberá o que significa amar.

Sofrimento, as mais das vêzes, é autocompaixão: perdi meu filho e fiquei sòzinho; sinto pena de mim mesmo, por ter ficado só, sem alguém que me ajude a preencher-me, etc. — bem sabeis o que é autocompaixão. Mas, é possível terminarmos imediatamente o sofrimento e não admitirmos o "hábito" de livrar-nos gradativamente do sofrimento? O sofrimento, como já sabemos, não pode ser resolvido pelo tempo. Podeis viver mais dez mil anos, dez dias, um dia, uma fração de segundo: o tempo não resolverá o sofrimento. Portanto, temos de aprender imediatamente, e não gradualmente; porque, no sentido psicológico, não há "aprender gradual". Para aprender uma língua, necessito de tempo, de muitos dias, até acostumar-me com o ritmo e os sons das palavras estrangeiras, a gramática, a sintaxe, a construção das frases, o correto emprêgo da palavra, do verbo, etc. Mas, aqui, se admito o tempo, o sofrimento crescerá. Portanto, tenho de aprender *imediatamente* tudo o que se relaciona com o sofrimento, e o próprio ato de aprender é a completa eliminação do tempo. Perceber uma coisa imediatamente, perceber imediatamente o falso — essa é a ação da Verdade que vos liberta do tempo.

Vou examinar um pouco esta questão de *ver*. Ao entrarmos aqui, há pouco, um papagaio verde, lustroso, de bico vermelho, estava pousado num galho morto, contra o fundo azul do céu. Nunca *vemos* as coisas: andamos de tal modo ocupados, concentrados, preocupados, que *nunca vemos* a beleza de uma ave pousada num galho, contra o céu azul. O ato de ver é imediato; não há "aprenderei a ver". Se dizeis "aprenderei", já admitistes o tempo. Assim, não apenas o ato de ver aquela ave, mas também o de escutar aquêle trem que passa, escutar os ruídos de tosse, dessa tosse nervosa que aqui se ouve continuamente — o ouvir, o *escutar* êsse barulho, constitui um ato imediato. E é também um ato imediato *o ver* muito claramente, livre do *pensador* — ver aquela ave, vermos o que somos, real-

mente e não de acôrdo com as teorias relativas ao Super-Atman, etc.; vermos o que somos *realmente*.

O ver requer uma mente sem opinião e sem nenhuma fórmula. Se tendes uma fórmula na mente, nunca vereis aquela ave, aquêle papagaio em seu galho, contra o céu, nunca vereis a sua total beleza. Direis: "Lá está um papagaio de tal e tal espécie, o galho morto é desta ou daquela árvore, e o azul do céu se deve à luz e partículas de pó"; mas nunca vereis *a totalidade* daquela coisa extraordinária. E para perceber-se a totalidade daquela beleza, não há *tempo*. Do mesmo modo, para se ver a totalidade do sofrimento, o tempo não deve ser admitido absolutamente.

Eu já vo-lo mostro, senhores! Suponhamos que perdi meu filho e sofro. Que implica êsse sofrimento? Vamos analisá-lo um tanto ligeiramente. Em primeiro lugar, o choque causado pela perda de alguém que para mim representava como que um "capital" (Vêde, por favor, que tenho de falar rudemente, sem sentimentalismo). Meu filho representa minhas próprias esperanças, minha imortalidade, minha continuidade; é o herdeiro de meus bens, se os tenho, e terá a possibilidade de preencher-se muito mais do que eu. Sùbitamente, êste filho me é arrebatado e vejo-me privado dêsse ente que corporificava minhas próprias esperanças, apreensões, tudo. Vejo-me só. E, nessa solidão, começo a sentir "pena de mim mesmo", digo: "Que coisa terrível!" — inicia-se o ciclo da autocompaixão, começo a chorar o meu filho. Mas, na realidade, estou pranteando o meu próprio estado de vacuidade, de solidão, de autocompaixão, minha própria frustração, etc.

Ora, se vêdes isso em sua totalidade, se percebeis o inteiro processo do aparecimento do sofrimento motivado pela morte de uma certa pessoa com a qual eu me identificara, chamando-a "meu filho" — se vêdes isso em sua totalidade, essa solidão, êsse sentimento de frustração, pela perda daquele "capital", essa autocompaixão — se tudo vêdes num relance de olhos, imediatamente e não analìticamente — fizestes parar o tempo e, portanto, o sofrimento, não é verdade.? Porque é o tempo que gera êsse sofrimento — "Oh! quanto eu esperava de meu filho; êle haveria de tornar-se maior do que eu; dêle dependia minha própria imortalidade, a continuidade de meu nome!" Fizestes

uso do tempo para prolongar vossa própria existência; e quando a existência que dessa maneira quereis prolongar — isto é, mediante a identificação com vosso filho — quando essa existência é interrompida, vos vêdes envolvido na rêde do tempo. Não sei se estais seguindo isto.

Assim, se perceberdes êsse processo em sua totalidade, já não estareis nas garras do sofrimento: achar-vos-eis num estado de alta sensibilidade, de observação. Mas essa observação é impedida quando dizeis: "Meu filho renascerá, iremos reunir-nos" — pois aí tornais a encontrar o tempo! O importante, pois, é ver *imediatamente;* não simplesmente dizer "Aprenderei isto", porém ter sempre o empenho de tudo ver imediatamente, com tôda a clareza: ver vossos próprios estados, as condições sociais, tudo o que vos cerca — não de acôrdo com vossos gostos e desgostos ou com determinado padrão da estrutura social que conheceis. Ver tudo distintamente, sem nenhum centro, nenhuma opinião. Verificareis então que a não interferência do tempo nos fatos jamais criará problemas.

Considerai-o também de outra maneira. Nós, na realidade, não temos amor; é terrível reconhecer isso. Com efeito, não temos amor; temos sentimento, temos emotividade, sensualidade, sexualidade; temos lembranças de algo que pensávamos ser amor. Porque ter amor significa não haver violência, nem mêdo, nem competição, nem ambição. Se tivésseis amor, nunca diríeis: "Esta é minha família". Podeis ter uma família e dedicar-lhe todos os desvelos, porém não será "*vossa* família", contraposta ao resto do mundo. Se amais, se há amor, há paz. Se amásseis, haveríeis de educar vosso filho para não ser nacionalista, para não ter simplesmente uma dada ocupação técnica e cuidar ùnicamente de seus pequeninos interêsses; não teríeis nacionalidade. Não haveria divisões religiosas, se amásseis. Mas, como essas coisas existem de fato — não teòricamente, porém brutalmente — neste mundo tão feio — elas indicam que não tendes amor. Mesmo o amor da mãe pelo filho não é amor. Se as mães amassem realmente os filhos, achais que o mundo seria como é? Cuidariam de que tivessem alimentação adequada, educação correta, fôssem entes sensíveis, amantes da beleza, não ambiciosos, ávidos, invejosos. Não, a mãe, por mais que pense amar o seu filho, não o ama.

Desconhecemos aquêle amor. Êle, decerto, não pode ser cultivado. Cultivá-lo é como cultivar a humildade; só o homem vaidoso, arrogante, poderá cultivar a humildade — uma capa para cobrir-lhe a vaidade. Assim como a humildade não pode cultivar-se, assim também não se pode cultivar o amor. Mas, nós *temos* de tê-lo, o amor. Se não o tendes, não podeis ter virtude, não podeis ter ordem, não podeis viver com paixão (podeis viver com lascívia, como todos bem sabemos). Repito, pois, que se não tendes amor, não tendes virtude; e, sem a virtude, só há desordem.

Ora, como alcançar o amor? Compreendeis o problema? Vós necessitais do amor, assim como necessitais de água quando sentis sêde. Como alcançá-lo? Por meio do tempo? Futuramente — na vida futura de amanhã ou na próxima vida, quando morrerdes? Ou daqui a um segundo, que é ainda *futuro?*. O tempo poderá dar-vos aquêle amor que é desvêlo, que é beleza? O amor e a beleza andam juntos, nunca estão separados. Infelizmente, para a maioria de nós, beleza significa sensualidade, sexualidade. Vossas Escrituras, vossos santos, vossos *gurus*, vossos *sanyasis* — foram todos êles que fizeram de vós o que sois, que vos fizeram sem sentimento, sem beleza, sem amor. Não sei se percebeis esta grande tragédia.

E visto que, como ente humano, tendes de ter amor — que ireis fazer? Não há *tempo*. Não podeis dizer: "Ora, não posso tê-lo. E, se vivo há dois milhões de anos sem amor, poderei viver outros dois milhões de anos sem amor" — quer dizer, mais dois milhões de anos de contínuo sofrimento! Que podeis fazer, então? Entendeis agora minha pergunta? O sofrimento não pode ser afastado ou eliminado por meio do tempo, e tampouco podemos receber o amor por meio do tempo. E *tempo* é daqui a dez dias, daqui a um minuto, daqui a um segundo. Que ireis fazer? Entregar-vos ao desespêro? Se ainda não encontrastes o amor, já estais no desespêro. E vós tendes de encontrá-lo, como tendes de encontrar comida. Trata-se de coisa muito mais premente, muito mais urgente, e que exige intensa vitalidade.

Que ireis fazer, pois? Se dizeis: "Por favor, mostrai-me o que devo fazer" — ficareis parado, no mesmo lugar. Tendes

de ver a importância, a imensidão, a urgência desta questão, não amanhã ou no dia subseqüente, nem na próxima hora; tendes de ver isso agora, aí sentados como estais. E, para *ver*, necessita-se de energia. Vêde imediatamente. O catalisador ([1]) que converte o líquido em sólido ou imediatamente o vaporiza, nenhuma ação exerce se se lhe concede tempo, um segundo sequer. Tôda a nossa existência, todos os nossos livros, tôdas as nossas esperanças estão relacionados com o amanhã — sempre e sempre amanhã! Essa admissão do tempo constitui a maior das tragédias.

A questão, pois, está nas vossas mãos, e não nas do orador, de quem esperais a resposta. Não há resposta, e nisso é que consiste sua beleza (da questão). Podeis ficar sentados de pernas cruzadas, a respirar corretamente, ou com a cabeça no chão e as pernas para o ar, durante os próximos dez mil anos, mas, se não tiverdes feito a vós mesmo aquela pergunta (Que fazer, para alcançar o amor?), ficareis a viver com o problema por dois milhões de anos — dois milhões de anos que podem significar apenas "amanhã". Vê-se, pois, que os problemas e o tempo estão intimamente relacionados.

Assim, já que por meio do tempo não se pode eliminar o sofrimento ou tornar existente o amor, qual o estado de vossa mente ao fazer aquela pergunta? Qual o estado de vossa mente? — pergunto eu. Mas, se a fizerdes a vós mesmo — não indiferentemente, não esporàdicamente, quando tiverdes um tempinho de folga — se a fizerdes com intensidade, com vitalidade e energia — tereis necessidade de esperar resposta? Se a esperais, então tudo se repetirá de nôvo. Isto é, se pedis a resposta a alguém, tornareis a encontrar-vos na mesma situação de antes: alguém *sabe*, e vós não sabeis, e êsse alguém vos dirá o que deveis fazer. E nada mais terrível se pode impor a alguém ou a vós mesmo: ser ensinado a respeito de uma coisa que ninguém vos pode ensinar. Eu posso dizer-vos que deveis amar, dizer-vos que o amor não é cultivável. Se se cultiva o amor, êle se tornará caridade, benevolência, assistência social e outras

---

"Catalyst": Substância que provoca a catálise, sem sofrer modificação. (N. do T.).

frioleiras dêsse gênero; isso é tão bom como freqüentar a igreja — mas não será amor. E nós necessitamos de amor.

Ora, como dizíamos, se fizestes aquela pergunta, qual o estado de vossa mente? Está à espera da resposta ou tentando encontrá-la na memória? Isso supõe *tempo* e, por conseguinte, se é isso que estais fazendo, então só formulastes a pergunta verbalmente — o que é tão sem significação como querer um náufrago achar uma palha a que agarrar-se. Assim, se fizerdes aquela pergunta com entusiasmo, com ardor, com vigor — que ocorrerá em vossa mente? Ela não admitirá a interferência do tempo. E a mente que está livre da rêde do tempo não pertence à sociedade— o que não significa segregar-se dela, tornar-se eremita, *sanyasi,* monge, pois isso é apenas fugir da vida, refugiar-se no próprio misticismo, em visões provocadas por auto-hipnose. Isso nada tem em comum com a realidade. *Realidade* é ver a existência humana a cada minuto do dia, com plenitude, vitalidade, ardor. Só então temos uma mente religiosa.

Mas, que acontece quando não se admite o tempo, quando a mente não permite a interferência do tempo, embora ela própria seja produto do tempo? Estais percebendo? Pois vosso cérebro é o resultado de dois milhões de anos — muito mais do que isso talvez — e a mente está agora a exigir do cérebro, que não se deixe governar pelo tempo, não se deixe moldar pelo tempo, não "reaja" ao tempo. Certas partes do cérebro são ainda de natureza animal; mas não pretendo esmiuçar isto, agora; podeis ler um livro ou observar a vós mesmo — o que é muito mais simples e rápido e direto — e ficar sabendo que uma certa parte do cérebro, chamada "córtex", é ainda *animal.* E há uma grande parte do cérebro ainda não atingida pela civilização, pela cultura, pelo cérebro animal; mas, com o tempo, aquela parte poderá também ser cultivada e invadida pela experiência e as misérias humanas, e vos vereis então definitivamente submerso.

Assim, a mente que deseja a resposta àquela pergunta, não só terá de compreender que ela própria é o resultado do tempo, mas também de negar a si própria, de modo que possa colocar-se fora da estrutura do tempo, da sociedade. Se estivestes escutando realmente — isto é, com ardor, com intensidade, tereis che-

gado até êsse ponto, não verbalmente, porém realmente; isto é, já não estareis aprisionado nas garras do tempo. A mente, embora resulte de dois ou mais milhões de anos, estará livre, por ter percebido *imediatamente* a totalidade dêsse processo. E êsse ponto pode ser alcançado, òbviamente. E uma vez percebido, o resto é facílimo. Então, embora todos sejais pessoas adultas, direis: "O que eu estive fazendo de minha vida!" A mente já não tem então ilusões nem tensões.

Uma vez livre dos problemas, das tensões, de todo contrôle, haverá *espaço* — espaço infinito — tanto na mente como no coração; só nesse espaço infinito é possível a criação. Porque, então, o sofrimento, o amor, a morte, e a criação constituirão a substância dessa mente. Ela estará livre do sofrimento, livre do tempo e, portanto, num "estado de amor". E quando há amor, há beleza. Nesse sentimento da beleza, nesse espaço vasto, infinito, ocorre a criação. E, em acréscimo — acréscimo independente do tempo, — há a apreensão de um vasto movimento.

Estais agora escutando tudo isso, na esperança de o aprenderdes verbalmente; mas, tal é impossível, tão impossível como aprender a amar ouvindo uma conferência sôbre o amor. Para compreender o amor, tendes de começar com o que está mais perto, isto é, com *vós mesmo*. E, então, ao compreenderdes, ao dardes o primeiro passo — que é também o último passo — ireis longe, muito mais longe do que os foguetes enviados à Lua, a Vênus ou Marte. A soma de tudo isso é a mente religiosa.

Varanasi, 28 de novembro de 1964.